

EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES:
NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL NO TURISMO E HOSPITALIDADE

Presidente

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério do Turismo

Ministro

Luiz Eduardo Pereira Barretto Filho

Secretaria Executiva

Secretário

Mário Augusto Lopes Moyses

Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo

Secretário

Frederico da Silva Costa

**Depto. de Qualificação e Certificação e de Produção Associada ao
Turismo**

Diretora

Regina Cavalcante

Coordenação Geral de Qualificação e Certificação

Coordenador Geral

Luciano Paixão Costa

**ELABORAÇÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO:
ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA**

CAPA

LUCIANA RAIMUNDO

Educação Integral dos Trabalhadores: Novas Possibilidades
para a Educação Profissional no Turismo e Hospitalidade
/organizado por Rosana Miyashiro. Florianópolis : Escola
de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha CUT, 2009.

82 p.

1. Qualificação Profissional 2. Educação dos Trabalhadores 4. Turismo e
Hospitalidade I. Miyashiro, Rosana.

Obs.: Os textos não refletem necessariamente a posição do Ministério do Turismo

Organização
Rosana Miyashiro

EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES:
NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL NO TURISMO E HOSPITALIDADE

Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha CUT
Florianópolis, 2009

ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA

Endereço: Av. Luiz Boiteux Piazza, 4810 - Ponta das Canas

Cep: 88056-000 – Florianópolis – SC - Brasil

Telefone: 48-3284.8820 - E-mail: pedagogicaethci@escoladostrabalhadores.org.br

Site: www.escoladostrabalhadores.org.br

Diretor Geral

NEUDI ANTONIO GIACHINI

Diretor Financeiro

ANTONIO CARLOS SPIS

Coordenação Pedagógica

ROSANA MIYASHIRO

Equipe de Educadores

ALINE MARIA SALAMI

ANA CAROLINA R.HERRERA

EVARISTO DOPICO LUZARDO

HANEN SARKIS KANAAN

LUCIANA RAIMUNDO

Coordenação Administrativa

ALMIR ROGÉRIO DO NASCIMENTO

Assistente Administrativa

SANDRA MILLIDIU

CONVÊNIO

MINISTÉRIO DO TURISMO

Coordenação Geral de Qualificação e Certificação

SCN Quadra 06 - Bloco A - Sala 1201 – Shopping ID

CEP: 70.716-900 – Brasília - DF



“MULHERES E HOMENS, SOMOS OS ÚNICOS SERES QUE, SOCIAL E HISTORICAMENTE, NOS TORNAMOS CAPAZES DE APRENDER. POR ISSO, SOMOS OS ÚNICOS EM QUE APRENDER É UMA AVENTURA CRIADORA, ALGO, POR ISSO MESMO, MUITO MAIS RICO DO QUE MERAMENTE REPETIR A LIÇÃO DADA. APRENDER PARA NÓS É CONSTRUIR, RECONSTRUIR, CONSTATAR PARA MUDAR, O QUE NÃO SE FAZ SEM ABERTURA AO RISCO E À AVENTURA DO ESPÍRITO”.

(PAULO FREIRE)

Limpar o Brasil



TRABALHAR
APLICAÇÃO
DAS
FORÇAS...
FACULDADES HUMANAS
PARA ALCANÇAR DETERMINADOS
FINS...



**Parte 1**

APRESENTAÇÃO

NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO TURISMO E HOSPITALIDADE

- | | |
|---|----|
| 1. A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES NO TURISMO E HOSPITALIDADE | 07 |
| 1. 2. A realidade do setor e o perfil dos trabalhadores atendidos | 08 |

Parte 2

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES

- | | |
|---|----|
| 1. OS PERCURSOS FORMATIVOS DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL | 19 |
| 2. REFLEXÃO DOS EDUCADORES: TEORIZANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS | |
| 2.1 A Informática e os desafios do letramento de jovens e adultos, por Hanen Sarkis Kanaan | 25 |
| 2.2 A proposta curricular do curso de informática e mundo do trabalho e os trabalhadores-educandos, por Luciana Raimundo | 29 |
| 2.3 A experiência do curso de gastronomia e identidade cultural na perspectiva da educação integral: possibilidades e desafios, por Aline M. Salami | 33 |
| 2.4 Língua espanhola e educação integral visando a emancipação, por Ana Carolina Herrera | 37 |
| 2.5 Algumas reflexões sobre a prática da Educação Integral na Gestão Hoteleira, por Evaristo Dopico Luzardo | 43 |
| 2.6 Educação dos Trabalhadores: o ensino da arte na perspectiva integral e crítica, por Juliana Walendy | 49 |

Parte 3

UMA NOVA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL É POSSÍVEL

- | | |
|---|----|
| 1. SOCIALIZANDO OS PERCURSOS FORMATIVOS | 55 |
| 1.1 Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade | 56 |
| 1.2 Gastronomia e Identidade Cultural | 58 |
| 1.3 Comunicação e Cultura: Língua Espanhola | 60 |
| 1.4 Gestão Hoteleira | 62 |
| 1.5 Arte e Cultura | 64 |
| 1.6 Atividades coletivas | 65 |
| 1.7. A Formação dos Educadores | 69 |
| 1.8 Depoimentos dos (as) Educandos (as) | 71 |
| 2. DESAFIOS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL | |
| 2.1. A educação integral dos trabalhadores: uma educação para além do mercado, por Rosana Miyashiro | 72 |



A ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA, integrante da Rede de Formação da Central Única dos Trabalhadores, vem formulando novos aportes teórico-metodológicos e práticos para a educação dos trabalhadores na área do Turismo e Hospitalidade. Fruto desses acúmulos, firmou convênio com o Ministério do Turismo para desenvolver o PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES NO TURISMO E HOSPITALIDADE.

Ao longo de 2008 foram realizadas diversas ações como cursos de qualificação sócio-profissional, oficinas temáticas e metodológicas, seminário e estudos/pesquisas sobre a realidade do setor do turismo e hospitalidade na região metropolitana de Florianópolis, com foco na qualificação e certificação profissional.

Todas estas ações possibilitaram novos acúmulos para a consolidação da Educação Integral dos Trabalhadores no Turismo e Hospitalidade, demonstrando que é possível implementar uma proposta de Educação Profissional de qualidade e comprometida com os interesses e necessidades dos trabalhadores.

Esta publicação reflete o esforço coletivo da equipe pedagógica da ETHCI/CUT em sistematizar e teorizar as práticas pedagógicas concretizadas com o intuito de compartilhar esses aprendizados com profissionais da educação, acadêmicos, dirigentes dos movimentos sociais e pessoas comprometidas com a luta por uma educação emancipadora.

Agradecemos ao apoio do Ministério do Turismo nesse empreendimento e ressaltamos que a experiência educativa aqui retratada, encontra-se em processo permanente de crítica e construção, não se constituindo em algo acabado. Mas acreditamos que os avanços alcançados e os desafios sistematizados são aportes importantes para o fortalecimento das políticas públicas de qualificação profissional.

Por fim, enfatizamos a importância do papel dos (as) educadores (as) como propulsores no processo ensino-aprendizagem. É a partir da abertura, da sensibilidade e do compromisso desses sujeitos que de fato construiremos uma nova educação. ■

Boa Leitura!

Neudi Antonio Gianchini
Diretor Geral da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha

NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO TURISMO E HOSPITALIDADE

PARTIE 1



1. A IMPORTÂNCIA O PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES NO TURISMO E HOSPITALIDADE

O objetivo maior das ações desenvolvidas pela Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha, da Central Única dos Trabalhadores, no âmbito do convênio estabelecido com o Ministério do Turismo era o de aprofundar as formulações acerca da qualificação profissional na cadeia produtiva do turismo e hospitalidade a partir de uma maior compreensão das bases que constituem esse setor na região metropolitana de Florianópolis - SC quanto as suas características estruturais e econômicas, bem como sobre o perfil sócio-econômico dos (as) trabalhadores (as).

Em consonância com as políticas que o Ministério do Turismo vem apontando em seus documentos, na perspectiva de "*combate ao trabalho infantil e a exploração sexual de crianças e adolescentes, o compromisso com a sustentabilidade dos destinos turísticos brasileiros, em especial no que tange a proteção e conservação de patrimônio histórico e natural e a promoção e valorização das manifestações artísticas e culturais como patrimônio das populações locais*"¹, o referido projeto buscou identificar as potencialidades desse setor frente aos desafios alcançar um novo padrão de relações de trabalho, que tenha como premissa a valorização social do trabalho e o respeito aos direitos dos trabalhadores (as).

O que se almeja é a consolidação do projeto político pedagógico de Educação Integral no sentido de fortalecer uma nova institucionalidade da Educação Profissional, com um novo enfoque conceitual e metodológico, na perspectiva de romper com uma formação fragmentada que não responde às necessidades dos trabalhadores.

Dessa maneira, os Percursos Formativos de qualificação social e profissional desenvolvidos pela Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha - CUT, visam oferecer uma formação ampla, que supere o mero treinamento

ou a formação instrumental, que não permite aos trabalhadores apropriarem-se minimamente de conceitos básicos e de ferramentas tecnológicas para a sua atuação profissional, nem tampouco possibilita a compreensão sobre a realidade do setor do turismo e hospitalidade no atual contexto.

Além disso, as ações educativas com os trabalhadores juntamente com um diagnóstico setorial objetivaram mapear as necessidades formativas dos trabalhadores para subsidiar a construção dos itinerários formativos para os trabalhadores que tiveram suas trajetórias educacionais interrompidas. Tal perspectiva está em sintonia com o que preconiza as políticas de qualificação do Ministério do Turismo que prevê que "*a qualificação profissional para o turismo deve estimular a educação continuada e a formação profissional articulada com o Plano de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação, e com os programas de qualificação profissional do Ministério do Trabalho e Emprego*".

Neste novo contexto do desenvolvimento econômico e social do país, torna-se fundamental uma estratégia que articule turismo, cultura e educação. E por isso, ganha relevância os esforços despendidos pela ETHCI/CUT no sentido de compreender as características históricas e as mudanças que vêm ocorrendo no setor do turismo e hospitalidade como condição *sine qua non* para se consolidar novas propostas político-pedagógicas para a Educação dos (as) Trabalhadores (as).

Destacamos, ainda, a importância do referido convênio como uma oportunidade de aprofundamento e sistematização das práticas educativas da Escola para ampliar as discussões em torno das possibilidades e limites de um novo fazer pedagógico no âmbito da Educação Profissional.

¹ Sítio: www.turismo.gov.br sobre o Macroprograma: Qualificação dos Equipamentos e Serviços Turísticos - SNPTur/SNPDTur (10/04/2009)

1.2. A REALIDADE DO SETOR E O PERFIL DOS TRABALHADORES ATENDIDOS

A ascensão das atividades turísticas em diferentes localidades do Brasil com a introdução de novos padrões de serviços e de gestão do trabalho tem mudado os perfis profissionais exigidos. Os trabalhadores, por sua vez, tem buscado enfrentar essa realidade por meio da busca de sua capacitação profissional para compatibilizar com tais exigências.

Considerando que ainda temos um quadro de déficit educacional no país, que atinge uma massa de adultos trabalhadores, principalmente àqueles que atuam no setor de serviços, onde se inclui as atividades ligadas ao turismo e a hospitalidade, observamos que a qualificação profissional, escolaridade e as condições de trabalho (remuneração, jornadas de trabalho, direitos, etc.) relacionam-se.

Nas ações formativas realizadas pela Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha, na vigência do projeto de Educação Integral dos Trabalhadores no Turismo e Hospitalidade pudemos, a partir da sistematização dos dados sobre o perfil sócio-econômico dos (as) educandos (as) atendidos (as), confrontar com os dados captados na pesquisa em parceria com o DIEESE.

Trata-se do universo de 540 trabalhadores (as) distribuídos (as) em vinte turmas nos seguintes cursos: Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade; Gastronomia e Identidade Cultural; Comunicação e Cultura: Língua Espanhola; Arte e Cultura e Gestão Hoteleira. A partir dos instrumentos pedagógicos utilizados nos cursos*, buscamos identificar a participação por gênero, grau de escolaridade, rendimentos, faixa etária e ocupações.

Em razão da pulverização das ocupações ligadas ao turismo e hospitalidade informadas pelos (as) educandos (as), agrupamos atividades afins da seguinte forma: **A&B:** Cozinheiro (a),

Auxiliar de cozinha, Stewart, Garçom e Garçonete, Commin, Copeiro (a), Nutricionista, Confeiteiro (a), Padeiro (a), Saladeiro (a); **Governança:** Camareiro (a), Diarista, Faxineiro (a), Serviços Gerais e Limpeza, Auxiliar de rouparia; **Atendimento Comercial:** Balconista, Recepção, Atendimento, Operador (a) de Caixa, Vendedor (a), Frentista; **Serviços Administrativos:** Auxiliar de Escritório, Administração, Gerência, Supervisão, Estagiário, Mensageiro, Secretário (a); **Manutenção e Segurança:** Jardineiro, Auxiliar Técnico em Refrigeração, Repositor (a), Vigilante, Zelador (a), Segurança; **Serviços de Transportes:** Motorista, Motoboy, Manobrista; **Autônomos:** Pedreiro, Recreação de eventos, Artesão (ã) e; **Outros:** as demais atividades que não se enquadravam nas ocupações ligadas à área do turismo e hospitalidade.

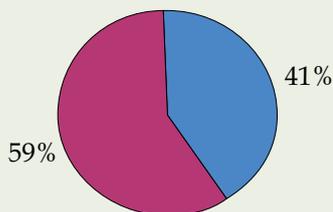
Apresentamos a seguir o perfil dos atendidos por tipo de curso.

* Ficha de pré-inscrição com dados sócio-econômicos e sistematização das trajetórias de vida e de trabalho.



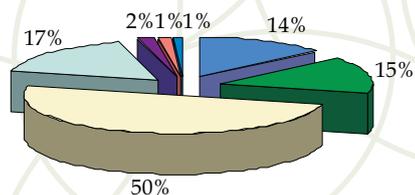
CURSO DE INFORMÁTICA E MUNDO DO TRABALHO

GÊNERO



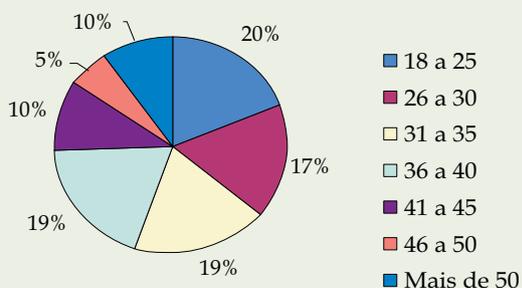
- Masculino
- Feminino

ESCOLARIDADE



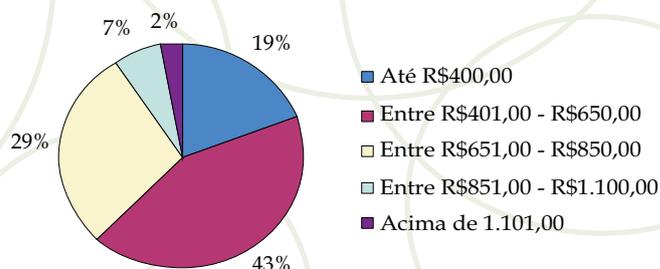
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior Incompleto
- Em Branco

FAIXA ETÁRIA



- 18 a 25
- 26 a 30
- 31 a 35
- 36 a 40
- 41 a 45
- 46 a 50
- Mais de 50

RENDA



- Até R\$400,00
- Entre R\$401,00 - R\$650,00
- Entre R\$651,00 - R\$850,00
- Entre R\$851,00 - R\$1.100,00
- Acima de 1.101,00

OCUPAÇÃO

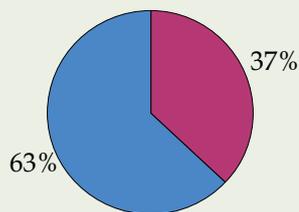
PERCENTUAL (%)

A&B	15%
Governança	25%
Atendimento comercial	29%
Manutenção e segurança	13%
Serviços administrativos	4%
Serviços de transportes	5%
Autônomos	4%
Outros	1%
Não declarado	4%

No curso de Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade houve um equilíbrio no atendimento por gênero, sendo 59% de mulheres e 41% de homens. Na distribuição da faixa etária, tivemos a seguinte situação: 37% com idade até 30 anos, 38% até 40 anos e 25% acima de 41 anos. Quanto à escolaridade, 67% tinham ensino médio (50% completo e 17% incompleto). No entanto, 91% possuíam renda de até R\$ 850,00, sendo que destes, 43% possuíam uma renda de até 1 salário mínimo e meio. Quanto às ocupações, 69% dos (as) educandos (as) concentraram-se em atividades relacionadas à Governança, A&B e Atendimento Comercial. Nesse curso tivemos a maior participação de trabalhadores que atuavam em ocupações relacionadas à Manutenção e Segurança (13%)

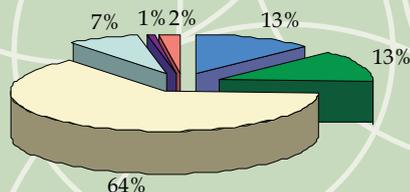
CURSO DE GASTRONOMIA E IDENTIDADE CULTURAL

GÊNERO



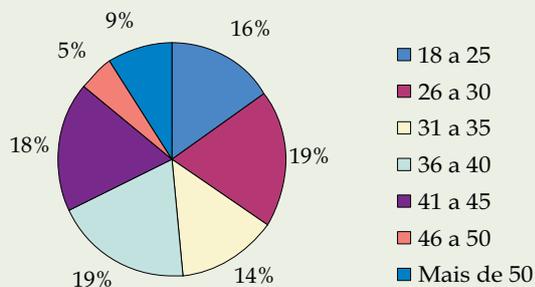
- Masculino
- Feminino

ESCOLARIDADE



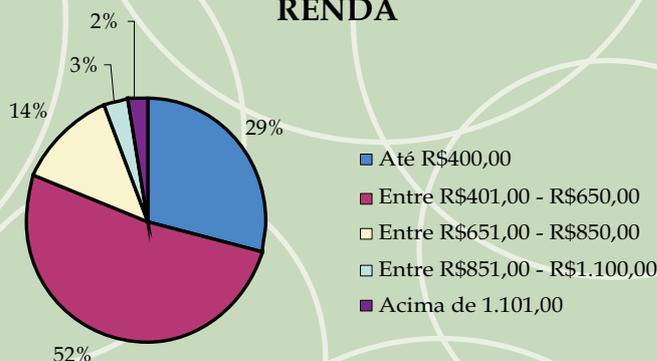
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior Incompleto
- Em branco

FAIXA ETÁRIA



- 18 a 25
- 26 a 30
- 31 a 35
- 36 a 40
- 41 a 45
- 46 a 50
- Mais de 50

RENDA



- Até R\$400,00
- Entre R\$401,00 - R\$650,00
- Entre R\$651,00 - R\$850,00
- Entre R\$851,00 - R\$1.100,00
- Acima de 1.101,00

OCUPAÇÃO

PERCENTUAL (%)

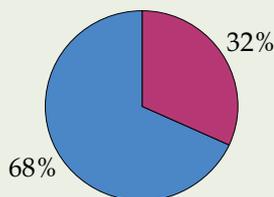
A&B	41%
Governança	17%
Atendimento comercial	22%
Manutenção e segurança	2%
Serviços administrativos	3%
Serviços de transportes	0%
Autônomos	8%
Outros	2%
Não declarado	5%

No curso de Gastronomia e Identidade Cultural tivemos uma participação maior de mulheres (63%), com 51% dos (as) educandos (as) com idade acima de 36 anos. Quanto à escolaridade, observamos um grande contingente sem a conclusão da educação básica (64% das pessoas tinham o ensino médio incompleto e 26% o ensino fundamental completo e incompleto), o que confirma a tendência apontada pelo DIEESE, isto é, a menor escolaridade é percebida nos trabalhadores com maior idade. Com relação aos rendimentos, 81% possuíam renda de até R\$ 650,00. Quanto às ocupações, a maioria (58%) atuava em atividades relacionadas à Governança e A&B.



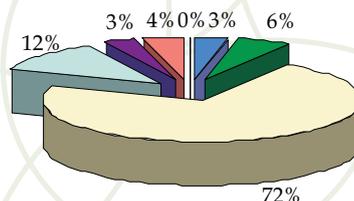
CURSO DE COMUNICAÇÃO E CULTURA: LÍNGUA ESPANHOLA

GÊNERO



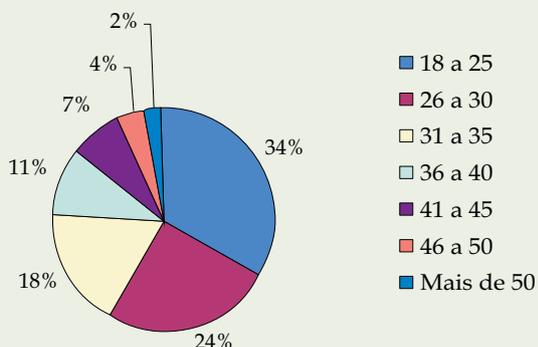
- Masculino
- Feminino

ESCOLARIDADE



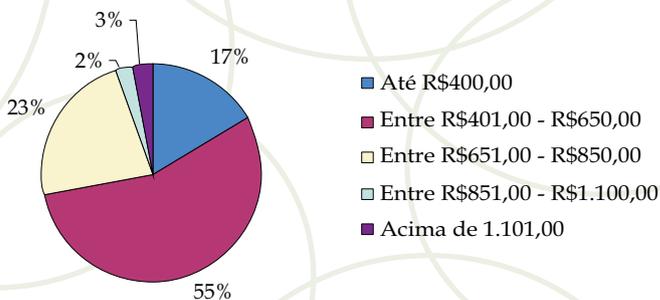
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior Incompleto
- Em Branco

FAIXA ETÁRIA



- 18 a 25
- 26 a 30
- 31 a 35
- 36 a 40
- 41 a 45
- 46 a 50
- Mais de 50

RENDA



- Até R\$400,00
- Entre R\$401,00 - R\$650,00
- Entre R\$651,00 - R\$850,00
- Entre R\$851,00 - R\$1.100,00
- Acima de 1.101,00

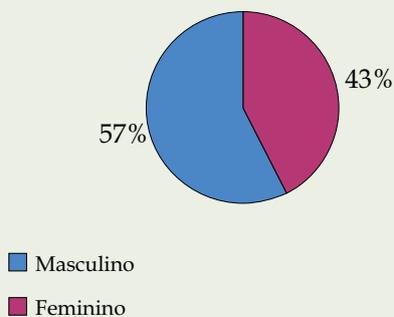
OCUPAÇÃO

PERCENTUAL (%)

A&B	17%
Governança	20%
Atendimento comercial	35%
Manutenção e segurança	6%
Serviços administrativos	7%
Serviços de transportes	2%
Autônomos	4%
Outros	2%
Não declarado	7%

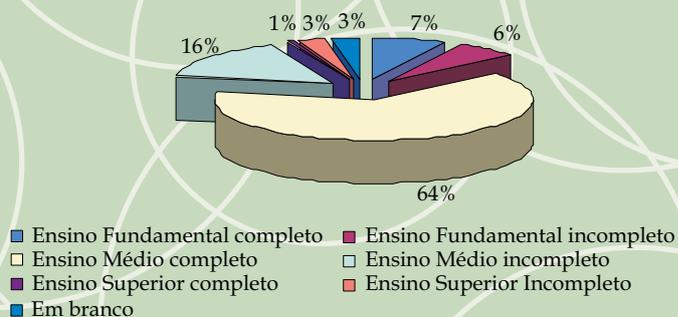
No curso de Comunicação e Cultura: Língua Espanhola, grande parte dos participantes (68%) eram do sexo feminino. Quanto à faixa etária, observamos que 76% tinham idade de até 35 anos. 72% possuíam ensino médio completo. Em relação à renda individual, 78% dos educandos possuíam renda entre R\$ 400,00 a R\$ 850,00, sendo que destes, 55% recebiam até R\$ 650,00. Quanto às ocupações, parte significativa dos trabalhadores atuavam em atividades ligadas ao Atendimento Comercial e Governança (55%).

GÊNERO

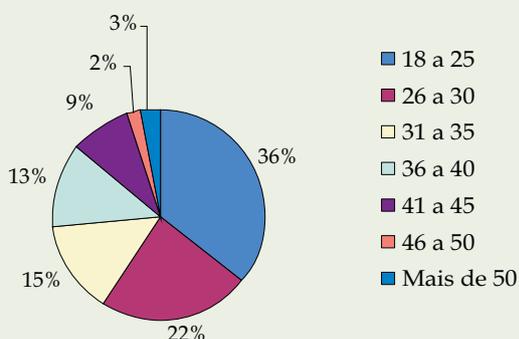


CURSO DE GESTÃO HOTELEIRA

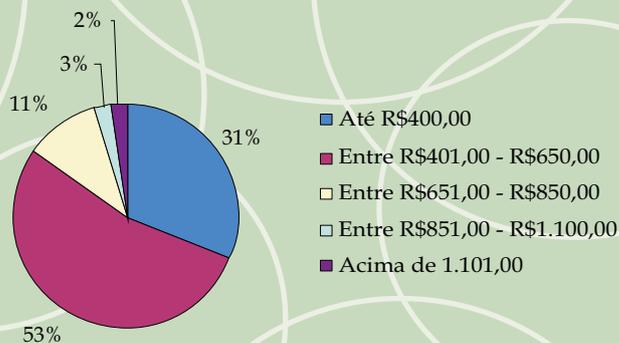
ESCOLARIDADE



FAIXA ETÁRIA



RENDA



OCUPAÇÃO

PERCENTUAL (%)

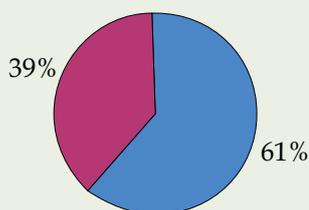
A&B	17%
Governança	17%
Atendimento comercial	39%
Manutenção e segurança	6%
Serviços administrativos	5%
Serviços de transportes	1%
Autônomos	4%
Outros	5%
Não declarado	6%

No curso de Gestão Hoteleira, 57% dos educandos eram do sexo feminino, 58% tinham idade até 30 anos e 64% possuíam ensino médio completo e 16% o ensino médio incompleto. Em relação aos rendimentos, 84% dos educandos possuíam renda de até R\$ 650,00. Quanto às ocupações, 73% dos educandos se enquadravam na categoria Atendimento Comercial, Governança e A&B.



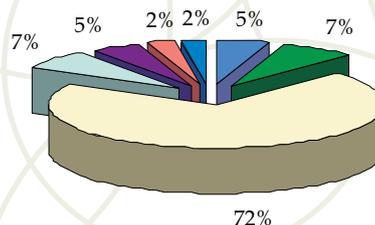
CURSO DE ARTE E CULTURA

GÊNERO



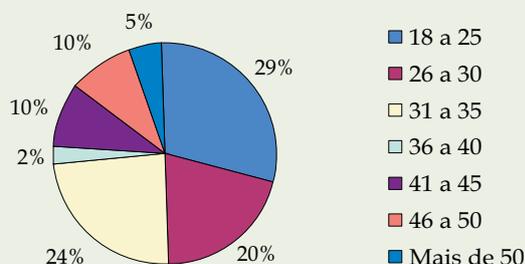
- Masculino
- Feminino

ESCOLARIDADE



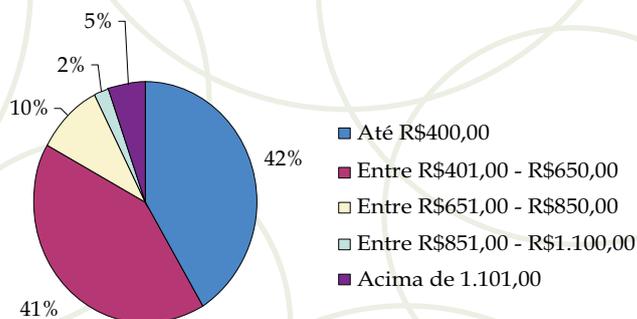
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior Incompleto
- Em Branco

FAIXA ETÁRIA



- 18 a 25
- 26 a 30
- 31 a 35
- 36 a 40
- 41 a 45
- 46 a 50
- Mais de 50

RENDA



- Até R\$400,00
- Entre R\$401,00 - R\$650,00
- Entre R\$651,00 - R\$850,00
- Entre R\$851,00 - R\$1.100,00
- Acima de 1.101,00

OCUPAÇÃO

PERCENTUAL (%)

A&B	7%
Governança	17%
Atendimento comercial	32%
Manutenção e segurança	7%
Serviços administrativos	0%
Serviços de transportes	2%
Autônomos	10%
Outros	10%
Não declarado	15%

O curso de Arte e Cultura contou com 61% de participantes do sexo feminino, tendo 48,78% com faixa etária de até 30 anos. Em relação à escolaridade, observamos 72% dos trabalhadores com ensino médio completo. Quanto à renda, temos 83% dos educandos com remuneração até R\$ 650,00, sendo que desse universo, 42% recebiam até R\$ 400,00. Quanto às ocupações, 52% dos educandos atuavam em atividades relacionadas ao Atendimento Comercial, Autônomos e Outros, sendo que a maioria contava com trabalhos temporários e informais.

Ao levar em conta o conjunto de cursos oferecidos, podemos observar que houve uma presença maior de mulheres, estas representando 62,6% contra 38,4% da participação masculina.

No geral, verificamos um perfil bastante jovem, sendo que do total de participantes, tivemos 55,8% com idade até 35 anos e destes, 47,18% tinham até 30 anos. Principalmente nos cursos de Comunicação e Cultura: Língua Espanhola e Gestão Hoteleira, percebemos a presença maior dessa faixa etária (até 30 anos), sendo 57,75% e 58,33%, respectivamente.

Tal realidade também se refletiu no grau de escolaridade, como pode ser observado no curso de Gastronomia e Identidade Cultural. Neste curso tivemos 65,26% de trabalhadores acima de 31 anos e percebemos o menor grau de escolaridade registrado, isto é, cerca de 89,47% não haviam completado a Educação Básica, sendo que destes 25,26% tinham ensino fundamental completo e incompleto e 64,21% tinham o ensino médio incompleto, confirmando a tendência geral apontada na pesquisa do DIEESE, na qual se observa que os trabalhadores com maior idade são aqueles que possuem menor grau de escolaridade.

Quanto às ocupações, pudemos constatar que nos cursos de Gastronomia e Identidade Cultural (10%) e Arte e Cultura (20%) concentraram maior índice de trabalhos informal, temporário, parcial etc., inclusos nas ocupações Autônomos e Outros. Esta situação confirma os dados levantados, segundo a PNAD/IBGE (2007), que revelou que as atividades ligadas ao lazer e entretenimento contavam com apenas 18,2% de trabalhadores com contrato formal. Em todos os casos, observamos que os rendimentos no setor são bastante baixos, sendo que 83,4% recebem até

2 salários mínimos.

É claro que esses dados merecem uma análise mais aprofundada relacionando com os dados sobre o perfil sócioeconômico dos trabalhadores no setor que organizamos em publicação específica, que traz outras variáveis como a jornada de trabalho e permanência no trabalho que são informações fundamentais para compreender melhor as razões dos rendimentos observados. Além disso, também é necessário considerar a disparidade dos rendimentos entre homens e mulheres, tendo em vista que os dados registrados pelo DIEESE apontavam que *“em 1995, o salário da mulher correspondia a 75% do salário masculino. Em 2005, essa proporção era de 77%.”*²

Ainda para conhecer um pouco mais o perfil dos educandos atendidos verificamos, ainda, que 31,68% das pessoas eram do estado de Santa Catarina. Os demais deslocaram-se de outras regiões, principalmente do Rio Grande do Sul (37,4%), do Paraná (11,09%) e de São Paulo (8,08%).

A distribuição das ocupações ficou da seguinte forma: 31,4% atuavam em Atendimento Comercial, 19,4% na área de A&B, 19,2% em governança; 6,8% em Manutenção e Segurança, 6% eram autônomos, 4% atuavam em outras atividades, 3,8% em Serviços Administrativos e 2% em Serviços de Transportes.

Em suma, esse foi o perfil dos (as) educandos (as) atendidos (as) nos cursos realizados pela Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha em 2008. As estratégias para atuação pedagógica da Educação Integral com esses trabalhadores permitiram conhecer melhor a realidade do mundo do trabalho no setor.

Trouxe elementos importantes para o

² Ver publicação *Turismo e Hospitalidade no Brasil: um estudo sobre os trabalhadores da hotelaria*, de 2007, realizado pela Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha em parceria com o DIEESE, que compreendeu o período de 1995 a 2005.



aprimoramento curricular na perspectiva de construir os percursos formativos que melhor dialogassem com as expectativas e conhecimentos acumulados por esses sujeitos. No entanto, sabemos que há ainda um longo caminho a trilhar na consolidação dos itinerários formativos, que

leve em consideração não somente a trajetória educacional formal desses trabalhadores, mas que promova o reconhecimento social de seus saberes tácitos e que tenha uma repercussão concreta na melhoria das condições de vida e de trabalho.

**DESENVOLVIMENTO
METODOLÓGICO
DA EDUCAÇÃO INTEGRAL
DOS TRABALHADORES**



1. OS PERCURSOS FORMATIVOS DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL

Na perspectiva da Educação Integral, os Percursos Formativos da qualificação social e profissional, a partir da realidade concreta dos trabalhadores, visaram promover estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem que superassem a dicotomia entre a teoria e prática, rompendo com a fragmentação dos conteúdos.

Pretendemos possibilitar aos educandos o desenvolvimento da capacidade de análise crítica, por meio de uma abordagem integrada de temas e conteúdos no qual os conhecimentos específicos deverão estar contextualizados, pois *"apreender o sentido dos conteúdos de ensino implica reconhecê-los como conhecimentos construídos historicamente e que constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo de investigação e compreensão do real"*. (Ramos, 2005).

Portanto, na proposta de Educação Integral não faz sentido a separação de conteúdos gerais e técnicos na medida em que a relação entre ambas é intrínseca, pois todo conteúdo específico possui elementos universais e todo conhecimento geral, é uma síntese de múltiplas determinações.

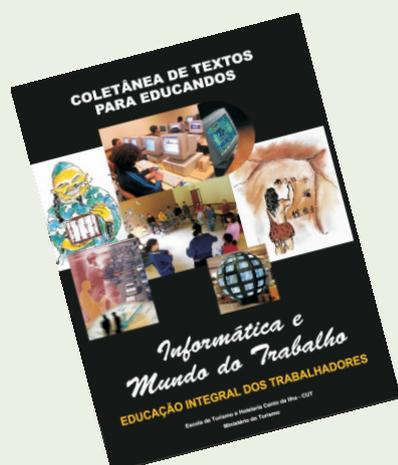
É importante destacar que estamos atuando com trabalhadores jovens e adultos que trazem diversos saberes e experiências (de vida, de trabalho, de participação na comunidade), que demandam estratégias pedagógicas diferenciadas para incorporar estes conhecimentos acumulados em suas trajetórias pessoais. Há também que se considerar a heterogeneidade em relação às questões étnico-raciais, de gênero e geracional para potencializar uma participação ativa dos trabalhadores na construção curricular por meio do estímulo à troca de experiências para a apropriação coletiva de novos conhecimentos.

Os Percursos Formativos foram realizados em 200 horas e contaram com atividades pedagógicas diversas que se desenvolveram em uma estrutura flexível e integradora composta de aulas regulares presenciais; trabalhos práticos nos laboratórios; palestras e seminários; visitas técnicas; pesquisas temáticas, entre outras, buscando sempre a participação ativa dos educandos e educadores, com o objetivo de promover:

- Abordagens críticas sobre os temas e conteúdos programáticos de cada curso utilizando diversas estratégias pedagógicas (trabalho com filmes, imagens, músicas, debates, palestras/seminários);
- Atividades individuais e coletivas de estudos, elaboração e interpretação de textos, visando a ampliação do grau de letramento dos educandos;
- Saídas de campo para a ampliação cultural e maior conhecimento sobre a realidade local e o mundo do trabalho.

Essas foram as diretrizes que orientaram a elaboração dos currículos integrados da qualificação social e profissional. A seguir, apresentamos a síntese dos planos de curso realizados no projeto Educação Integral dos Trabalhadores no Turismo e Hospitalidade e as reflexões dos (as) educadores (as) sobre as práticas pedagógicas concretizadas.

1.1. INFORMÁTICA E MUNDO DO TRABALHO NO TURISMO E HOSPITALIDADE



Objetivo Geral

O curso visou proporcionar a apropriação de conhecimentos técnicos relativos à informática a partir da abordagem do setor de turismo e hospitalidade no Brasil e no mundo

Perfil de conclusão do curso

Atuação nas atividades relacionadas aos serviços administrativos, atendimento e recepção.

TEMAS E CONTEÚDOS

- Trajetórias de vida: saber acumulado sobre as tecnologias;
- Conceitos Básicos sobre o Sistema Operacional Windows 98;
- Noções gerais sobre o microcomputador: Origem e evolução / Hardware e Software;
- Transformações no mundo do trabalho: Revolução Industrial e Revolução Tecnológica;
- Discussões sobre a produção do descartável e consumismo na sociedade contemporânea;
- Estudos sobre mídia e pensamento hegemônico: Informação e Conhecimento;
- Estudos sobre Desemprego, Qualificação e Requalificação Profissional;
- Introdução às ferramentas básicas do Microsoft Office 2003;
- Noções gerais sobre Internet Explorer, Mozilla Firefox e Correio Eletrônico;
- Estudos sobre a dinâmica do turismo e hospitalidade;
- Condições de trabalho, Saúde e Segurança no Trabalho e organização dos trabalhadores;
- Debate sobre cidadania e acesso aos direitos básicos.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Abordagens pedagógicas dos temas e conteúdos por meio de palestras e seminários, estudos individuais e coletivos de textos, aulas expositivas e dinâmicas diversas utilizando-se filmes, músicas e poesias;
- Visita Técnica para ampliação cultural e estudo da realidade;
- Pesquisa de Campo: Elaboração de instrumento de pesquisa (questionário), Coleta de dados, Tabulação e Análise;
- Elaboração de desenhos no Paint: criação de símbolos a partir da trajetória de vida;
- Digitação e formatação no Microsoft Word: Currículo, Redações comerciais/oficiais, Elaboração de questionário, Elaboração de textos próprios, Confecção de cartões de visitas;
- Estratégias para navegação na Web e pesquisas temáticas através do Internet Explorer, Mozilla Firefox;
- Utilização do correio eletrônico
- Elaboração de planilhas e gráficos no Microsoft Excel: Fórmulas envolvendo as quatro operações básicas para cálculo de orçamentos, custos de consumos domésticos, tabulação de dados e organização de gráficos;
- Produção de apresentações temáticas no Microsoft Power Point;
- Elaboração e exposição de painéis temáticos;
- Trabalho de conclusão de curso: Criação individual e coletiva de um Blog com a sistematização de todos os conteúdos trabalhados no percurso formativo.



Objetivo Geral

O curso visou possibilitar a apropriação dos conhecimentos relativos à gastronomia, trabalho e cultura a partir de uma abordagem histórico-cultural para a compreensão do mundo do trabalho no turismo e hospitalidade.

Perfil de conclusão do curso

Atuação na área de alimentos nas atividades de preparo e cocção de alimentos; serviços de bar e de restaurantes e atendimento ao público.

TEMAS E CONTEÚDOS

- Trajetórias de vida: saber acumulado sobre Gastronomia;
- Introdução à Gastronomia: conceitos e definições;
- Panorâmica da História da Alimentação;
- Noções de microbiologia, fluxograma da cozinha, manipulação e conservação de alimentos;
- Introdução aos condimentos e especiarias;
- Noções de nutrição, aproveitamento integral dos alimentos e alimentação saudável;
- Discussão sobre comunicação e mídia: alimentação e sociedade;
- Contextualização da cultura e cozinha regional brasileira e açoriana de Florianópolis;
- Transformações no mundo do trabalho e a questão racial e de gênero;
- Panorama das principais cozinhas étnicas e tradicionais: mediterrânea, árabe e japonesa;
- Decoração de frutas e legumes;
- Estudos sobre massas e molhos;
- Noções sobre carnes e cortes;
- Planejamento de cardápios, elaboração de fichas técnicas, cálculo de custos per capita e preço de venda;
- Serviços de bar e coquetelaria;
- Introdução aos queijos e vinhos;
- Condições de trabalho: direitos trabalhistas (CLT), saúde e segurança no trabalho;
- Turismo, meio ambiente e desenvolvimento em Florianópolis.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Abordagens pedagógicas dos temas e conteúdos por meio de estudos de textos individuais e coletivos, produção de textos, dinâmicas de grupo, aulas expositivas e sessão de filmes;
- Visitas técnicas para ampliação cultural e observação de ambientes de trabalho;
- Aulas práticas: técnicas de preparo, cocção, elaboração de pratos e degustação comentada;
- Elaboração coletiva de planejamento de cardápio e exercícios de cálculo de custos;
- Elaboração de Coquetéis e Drinks;
- Pesquisa temática e bibliográfica na internet para construção coletiva de painéis;
- Trabalho de conclusão de curso: criação de receitas com produtos da região como síntese dos conteúdos abordados no Percurso Formativo.

1.3. COMUNICAÇÃO E CULTURA: LÍNGUA ESPANHOLA



Objetivo Geral:

O curso visou possibilitar a apropriação dos conhecimentos relativos à Língua Espanhola a partir de uma abordagem histórica da América Latina articulada ao setor do turismo e hospitalidade.

Perfil de conclusão do curso:

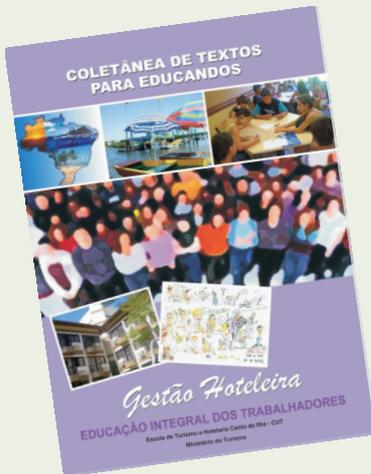
Atuação em atividades de recepção na hotelaria e atendimento ao público em geral.

TEMAS E CONTEÚDOS

- Trajetórias de vida: comparação de diferentes aspectos culturais de cada região, cidade, país;
- Breve histórico da Língua Espanhola;
- O Brasil na América Latina: integração latino-americana;
- Condições de trabalho e a luta dos trabalhadores no atual contexto brasileiro e latino-americano;
- Transformações no Mundo do Trabalho e Qualificação Profissional;
- A realidade contemporânea dos trabalhadores no Brasil e na América Latina: semelhanças;
- Introdução à história política, social, cultural e econômica da América Latina;
- Panorâmica dos processos de colonização e as civilizações pré-colombianas;
- A exploração turística de atrativos naturais e culturais na América Latina;
- Atualidades: Democracia, meios de comunicação e o pensamento hegemônico no Brasil e na América Latina;
- Estudo da Língua Espanhola: fonética e aspectos da estrutura gramatical: alfabeto; signos ortográficos; artigos; pronomes; substantivos; adjetivos; numerais; preposições; verbos e tempos verbais; particularidades como os falsos amigos e os heterogênicos;
- Usos sociais da língua: comunicação básica e ampliação vocabular por meio de situações cotidianas do mundo do trabalho no setor turístico.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Trabalhos individuais e em grupos: exercícios de leitura, interpretação e tradução/versão de músicas, artigos de jornais, revistas e produções literárias;
- Abordagens temáticas por meio de aulas expositivas dialogadas, palestras e seminários, sessões de filmes, audição de músicas e conversação a partir de situações cotidianas;
- Dinâmicas e exercícios de audição, pronúncia e escrita em espanhol;
- Pesquisas temáticas sobre os países da América Latina;
- Atividades de ampliação cultural: apresentação de referências literárias e expressões culturais na América Latina;
- Intercâmbio na Língua Espanhola: troca de correspondências entre trabalhadores;
- Produção individual de cartas, anotação de recados, preenchimento de ficha de dados pessoais e transmissão de mensagens básicas;
- Trabalhos com mapas da América Latina para localização geográfica, identificação das nacionalidades e idiomas dos países integrantes.

**Objetivo Geral:**

O curso visou trabalhar as noções básicas sobre o planejamento, a gestão e o funcionamento dos diferentes setores de um hotel, articulando como os conhecimentos sobre o mundo do trabalho no turismo e hospitalidade no Brasil e no mundo.

Perfil de conclusão do curso:

Atuação em meios de hospedagem auxiliando nas áreas: de recepção, depto. Comercial, governança, A&B.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Trajetória de vida e os conhecimentos prévios sobre o turismo e hospitalidade;
- Conceitos e histórico do turismo;
- O turismo como atividade econômica e social: benefícios e malefícios no turismo em Florianópolis;
- Modalidades de turismo: o turismo como fator de inclusão social;
- Histórico da Hotelaria e os conceitos de hospitalidade;
- Turismo e Hotelaria: cultura, meio ambiente e economia;
- Potenciais e atrativos turísticos;
- Meios de hospedagem e Classificação Hoteleira;
- Condições de trabalho no turismo e hotelaria e Direitos trabalhistas,
- Estrutura do Turismo no Brasil, em Santa Catarina e em Florianópolis (esferas públicas e privadas);
- Empreendedorismo e administração micro empresarial;
- Estrutura Hoteleira: departamentos, funções, relação com outros equipamentos turísticos;
- Gerenciamento hoteleiro: administração geral, setorial, rotinas de trabalho e marketing;
- Combate ao turismo sexual e atividades ilícitas ligadas ao turismo;
- Informática e hotelaria- internet, sites e introdução ao software hoteleiro SB - Hotel (reservas, check in, check out);
- Turismo e meio ambiente: Conservação e uso racional dos recursos naturais.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Trabalhos pedagógicos sobre os temas e conteúdos utilizando textos, apostilas, revistas especializadas e jornais;
- Aulas expositivas; Leituras coletiva e individual; palestras .
- Visitas Técnicas para ampliação cultural e conhecimento de diferentes meios de hospedagem;
- Pesquisa temática na internet e utilização do sistema de automação hoteleira;
- Exercícios de formulação de preços e administração de meio de hospedagem;
- Trabalho de conclusão de curso: Pré-projeto de implantação de um meio de hospedagem com 10 Uhs (conceitos e logística).



Objetivo geral

O curso visou possibilitar a apropriação de diferentes técnicas artísticas (teatro e recreação, organização de eventos e artes visuais), a partir de uma abordagem articulada ao setor do turismo e hospitalidade e a questão ambiental.

Perfil de conclusão do curso:

Atuação em atividades de planejamento, organização e recreação de eventos, animador de atividades culturais e de entretenimento diversas.

Módulo I - Teatro e Recreação de Eventos no Turismo

- A trajetória de vida dos educandos: o conhecimento acumulado sobre arte e cultura;
- Contextualização da arte e da cultura;
- Panorâmica do turismo no Brasil e no Mundo;
- Estudos introdutórios sobre o teatro: sua história e diferentes formas de atuação teatral, leitura de textos antigos e contemporâneos, desenvolvimento de textos próprios;
- Exercícios de desenvolvimento corporal, vocal, visual, e integração entre o grupo;
- Montagem de apresentação cênica;
- Técnicas e formas criativas de recreação.
- O trabalhador do setor Turismo & Hotelaria;
- Noções básicas de tipos de eventos;
- Organização geral: planejamento, recursos humanos e financeiros, logística, propaganda, gerenciamento e pós-evento;
- Serviços de A&B em eventos;
- A empresa de eventos;
- Cerimonial e protocolo;
- Turismo e exclusão social: combate à exploração sexual infanto-juvenil.

Módulo II – Artes Visuais no Turismo e Hospitalidade

- As transformações no mundo do trabalho;
- Mundo do trabalho nas artes;
- Desenho básico: instrumentos, materiais e técnicas;
- Teoria da cor;
- Fundamentos da comunicação visual;
- Técnicas para Cartazismo e Vitrinismo: Códigos visuais, conceitos básicos de iluminação, composição e influência das cores;
- Decoração - conceitos e possibilidades;
- Croqui - desenho livre de projetos;
- Exposição e valorização de produtos;
- Técnicas de reaproveitamento de material e a questão ambiental.
- Artes visuais e Recreação: criatividade e alternativas de trabalho e renda;
- Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores;
- Direitos dos Trabalhadores.

2. REFLEXÃO DOS EDUCADORES TEORIZANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

2.1. A INFORMÁTICA E OS DESAFIOS DO LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

Hanen Sarkis Kanaan*

A proposta pedagógica de qualificação social e profissional na Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade é balizada na proposta de educação integral que compreende a apropriação dos saberes específicos numa perspectiva histórico-crítica. Isto é, o conhecimento da informática é abordado no contexto das transformações tecnológicas da sociedade contemporânea. Mais do que a mera preparação para o mercado de trabalho, almeja-se que os conhecimentos construídos contribuam para o exercício da cidadania ativa, pois:

A educação [é] parte integrante do universo social da cultura (...). Cabe a ela a tarefa de participar de todo o trabalho de criação de pessoas não apenas capacitadas para o trabalho produtivo segundo as leis do mercado, mas pessoas educadas para serem agentes críticos e criativos na criação de seus próprios mundos sociais. Sujeitos de sua vida, atores de sua história (Brandão, 2007, p.18)

A partir dessa compreensão, o Percurso Formativo foi organizado com estratégias pedagógicas visando assegurar a participação dos educandos na construção curricular.

Porém, podemos observar que os trabalhadores, quando procuram um curso de qualificação profissional, em geral, têm motivações decorrentes das pressões exercidas pelo mercado. Há a crença de que fazendo um curso, em especial de informática, haverá maior possibilidade de melhoria de suas condições de trabalho, seja por meio de promoções, da manutenção do emprego ou mesmo de sua re/inserção no mundo do trabalho.

Há uma grande disseminação da idéia de que é o próprio trabalhador, por sua "baixa qualificação", o responsável pelo desemprego ou pelas condições precárias de trabalho. No entanto,

tal situação relaciona-se ao modelo de sociedade em que vivemos. Isto é, pensar a qualificação profissional em outra perspectiva significa desvelar o discurso da empregabilidade, que visa construir um consenso sobre as incertezas da "realidade" do mundo do trabalho contemporâneo. Em relação a este aspecto Frigotto salienta que:

é falso ou uma ilusão, e igualmente uma desonestidade, atribuir-se à educação básica, formação técnico-profissional e aos processos de qualificação e requalificação orientados pelo Banco Mundial, um peso unilateral da inserção de nossa sociedade no processo de globalização e reestruturação produtiva e sobretudo, como tábua de salvação para os que correm risco de desemprego ou para os desempregados. O papel dos processos educativos, mormente a formação técnico-profissional, qualificação e requalificação, neste contexto, é de produzir cidadãos 'participativos', não mais trabalhadores, mas colaboradores e adeptos ao consenso passivo e, na expressão de Antunes(1996) a tornarem-se déspotas de si mesmos. (Frigotto,1999, p48)

Observa-se, desta maneira, que desloca-se as causas do desemprego e da desigualdade social e sobrelva-se o papel da educação como resolução dos problemas.

Uma concepção educacional emancipadora deve ter como propósito refutar essa lógica e possibilitar a apropriação de novos conhecimentos para que os trabalhadores possam estar inseridos no mundo do trabalho numa outra condição.

Para isso, é necessário que os educandos sejam sujeitos do seu processo formativo. Por essa razão, no início do Percurso Formativo busca-se apreender suas expectativas. Algumas perspectivas são comuns nos comentários dos

* É licenciada em História e especialista em Políticas Públicas. Atua como educadora na ETHCI/CUT.

educandos em relação ao curso e a projetos futuros. São representativas abordagens como: *"Eu trabalho com serviços gerais em uma floricultura da cidade e a dona me prometeu que se eu aprendesse a mexer com computador podia ser promovida à caixa." (...)"Sou cozinheira e nunca pude concluir os estudos porque tinha que trabalhar para me manter. Se eu aprender a mexer com o Excel vou poder fazer o controle do estoque da cozinha que trabalho e vou ser mais valorizada por conta disso."*

Já os trabalhadores autônomos vêm na informática a possibilidade de organizar melhor seu trabalho. Para aqueles que estão desempregados, a inclusão digital representa novas possibilidades de trabalho e/ou estudos, conforme relatos a seguir: *"Estou desempregado. Este curso pode me ajudar a trabalhar no comércio de praia na temporada ou em bares e restaurantes como caixa ou como garçom."*

No geral, percebe-se uma forte crença de que a informática é pré-requisito para qualquer tipo de atividade. Os desejos de superação das condições precárias de vida e trabalho são recorrentes nas falas dos educandos, constituindo-se nos principais motivadores para a participação em cursos de qualificação profissional

A abordagem inicial, assim, visou propiciar o debate e problematização entre as expectativas dos educandos, a realidade e a proposta do curso. Imbuídos pela lógica mercadológica, os educandos muitas vezes, requerem um treinamento prático das ferramentas de trabalho, circunscrito a dimensão instrumental. No entanto, a proposta metodológica tem como princípio integrar as várias dimensões da formação (técnica, geral e política), pois como adverte Freire *"transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar a que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador."* (idem, 1977, p.66)

Nessa perspectiva, a proposta curricular da Educação Integral oportunizou a apropriação dos conteúdos e temas a partir da análise da realidade dos educandos e da sociedade contemporânea, pois buscamos, *"concretizar práticas pedagógicas que tomem o conhecimento como uma construção social, onde os saberes trazidos pelos educandos trabalhadores (vida, trabalho e afetividades)*

tem valor estratégico" (ETHCI/CUT, 2005).

Assim a sala de aula pode transformar-se num espaço de troca de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. No caso da informática, há uma riqueza de possibilidades porque trata-se de uma ferramenta na qual o letramento é um pressuposto. O trabalho com o computador desta maneira, ganha novos sentidos ao estar articulado com os conhecimentos apropriados e produzidos acerca da realidade do mundo do trabalho como, por exemplo, a discussão sobre a saúde dos trabalhadores, sobre as condições de trabalho, sobre os direitos trabalhistas. Possibilita desencadear pesquisas, análises de dados e elaboração de planilhas e produção de textos temáticos. Dessa maneira, pode-se estudar o funcionamento do computador a partir da utilização de diversos aplicativos relacionados às situações concretas do cotidiano (como a elaboração de currículo, cálculos de orçamento doméstico e dos direitos trabalhistas, entre outras atividades).

Além disso, podemos desencadear outras estratégias para potencializar o processo de ensino-aprendizagem, como saídas de campo, exibição de filmes e curtas metragens, palestras e debates que possibilitam o acesso à novas informações, a ampliação cultural, de modo geral, bem como as reflexões sobre a cidade.

Há uma preocupação em abordar os temas relacionando às expectativas dos educandos para estimular a frequência nas aulas, a aprendizagem mútua, o reconhecimento deste como parte do processo de ensino-aprendizagem, pois *"os conteúdos devem ser entendidos como meios para potencializar a organização e a recriação dos conhecimentos e não como fim, reduzidos em si mesmos, e, portanto, fragmentados, esvaziados da vida em sociedade"* (CUT, 2003 p,33). Portanto, os conteúdos são discutidos e desenvolvidos considerando a diversidade sócio-educacional, cultural, geracional, de gênero etc. As trajetórias de vida dos educandos são pontos de partida do processo de ensino-aprendizagem de modo a favorecer o reconhecimento dos sujeitos como parte integrante de um mesmo processo formativo, visando fortalecer os laços de solidariedade e coletividade no grupo.

Busca-se possibilitar que o educando torne-se sujeito e abandone uma postura passiva e acrítica, por meio da ampliação de sua leitura de mundo, pois *"enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre a sua vida, no domínio da sua existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo"* (Freire, 1977).



OS DESAFIOS DA PROPOSTA CURRICULAR

Um processo educativo comprometido com a transformação dos sujeitos deve ter clareza de suas intencionalidades. Nesse sentido, o planejamento pedagógico coletivo é imprescindível. Permite construir estratégias de atuação, seleção de conteúdos/temas e a avaliação diagnóstica e processual do Percurso Formativo. Favorece a troca de experiências e a consciência dos limites e possibilidades do fazer pedagógico, pois o planejamento individual pode repercutir em uma atitude determinista e também na acomodação em ações que anteriormente foram bem sucedidas. A construção coletiva permite uma visão mais ampla do processo formativo.

No campo da educação profissional há uma visão hegemônica que reduz o processo educativo a uma formação tecnicista com foco no treinamento, que não favorece o reconhecimento do educando como sujeito histórico e social ao não estabelecer relações necessárias com a dinâmica do mundo real. A proposta do currículo integrado trata a educação profissional em uma nova perspectiva, buscando conciliar as várias dimensões do conhecimento lidando com desafios novos e/ou imprevistos que comumente acompanham as ações pioneiras.

Essa proposta de educação exige, de nossa parte enquanto educadores, abertura ao novo, o respeito às diferenças e o compromisso ético-político. É preciso estar convencido de que é possível trabalhar os conteúdos técnicos em uma nova abordagem. A informática pode tornar-se uma importante ferramenta para a ampliação do grau de letramento dos educandos e meu desafio como educadora é desenvolver estratégias que

não infantilizem os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

O conceito de letramento que adotamos faz referência a inserção dos sujeitos na cultura letrada. Portanto não se restringe a apropriação dos signos de escrita. Mesmo uma pessoa não alfabetizada relaciona-se com os códigos da cultura letrada. Constrói estratégias de mediação com algumas modalidades textuais (principalmente imagens) e simbólicas para realizar as tarefas cotidianas (como organizar suas receitas e seus gastos)

Já os trabalhadores adultos com trajetórias educacionais interrompidas (principalmente aqueles que não concluíram a educação básica, que são o público dos nossos cursos), ao se apropriarem de novos conhecimentos para o uso social dos códigos escritos e modalidades textuais diversas, novas possibilidades se abrem.

Soares (2000) observa que *"o letramento é compreendido, em última instância, como o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e da leitura e de suas práticas sociais."* Isto é, estamos inseridos na sociedade letrada e precisamos atuar em contextos por meio da apropriação da escrita e da leitura, pois na medida em que aumentam os níveis de letramento dos sujeitos, percebe-se avanços importantes na compreensão da sua condição e na busca de novas perspectivas de vida.

Outra questão que merece destaque é em relação ao letramento digital. As transformações tecnológicas que temos vivenciado tem alterado substancialmente as relações sociais. Por isso torna-se estratégico compreender o impacto do letramento digital para os trabalhadores pouco escolarizados.

Para finalizar, ressaltamos que a ação educativa, está para além da mera transferência de conhecimentos. Ela é parte do processo de conscientização dos sujeitos, pois: *"A história em que me faço me faço com os outros (...) e é um tempo de possibilidades, e não de determinismos"* (Freire, 1997, p.58). Assim, a ação educativa, na perspectiva da educação integral, deve estar comprometida com a "libertação do homem". condição essa indispensável para se construir uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBARA, M. M., GARCIA, S.R, MIYASHIRO, R. (org). Educação Integral dos Trabalhadores: Práticas em Construção. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.
- FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977
- _____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- FRIGOTTO, G. Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século. Rio de Janeiro, Ed Vozes 1999
- MIYASHIRO, R. Educação Integral dos Trabalhadores: Projeto Político Pedagógico na área de Turismo e Hospitalidade. Florianópolis, Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha - Central Única dos trabalhadores, 2005.
- SOARES, M.B. Letramento é mais que alfabetizar. Jornal do Brasil, 26/11/2000. Disponível em: <http://intervox.mce.ufrj.br/%7edpaes/magda.htm>. Acesso em 12/11/2008.
- SOUZA, A. I. Paulo Freire: Vida e Obra. Expressão Popular, São Paulo, 2007.
- TFOUNI, L. V. Letramento e Alfabetização. São Paulo, Cortez Editora, 2002.



2.2. A PROPOSTA CURRICULAR DO CURSO DE INFORMÁTICA E A REALIDADE DOS EDUCANDOS TRABALHADORES

Luciana Raimundo*

O curso de Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade teve como objetivo proporcionar a apropriação crítica de conhecimentos técnicos relativos ao computador, estimulando reflexões sobre as transformações tecnológicas, sobre o mundo do trabalho, a sociedade atual e a realidade do setor de Turismo e Hospitalidade no Brasil e no mundo. Destinou-se principalmente aos trabalhadores empregados, autônomos ou desempregados da cadeia produtiva do Turismo e Hospitalidade com os quais procurou-se realizar um trabalho de construção e fortalecimento do coletivo para a conquista de melhores condições de trabalho e de vida.

A proposta pedagógica do curso, em conformidade com a proposta de Educação Integral desenvolvida pela ETHCI, teve como perspectiva ir além do conhecimento técnico, trabalhando a Informática como um instrumento para diferentes fins na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, durante o Percorso Formativo, além das atividades no computador, foram realizadas leituras e debates de textos, projeção de vídeos, pesquisas bibliográficas e de campo, trabalhos em grupo e oficinas.

Os trabalhadores-educandos ao iniciarem o curso de Informática tinham, em sua maioria, a expectativa da qualificação/requalificação profissional procurando "formação" e "atualização" para entrar ou voltar ao mercado de trabalho. Tal expectativa, aliada à reflexão e à problematização realizada pela turma frente a própria realidade de vida e sobre a importância da informática no mundo contemporâneo fizeram-nos concluir e questionar a valorização deste conhecimento para o preenchimento de uma vaga, considerando que nem todas as ocupações profissionais necessitam da utilização deste recurso.

Neste sentido tornou-se oportuno analisar a história recente que, expressivamente a partir da década de 70, mostra a estratégia do sistema vigente em conter a massa desempregada, afastando-a do mercado e ocupando-a com cursos de qualificação, cursos técnicos, entre outros a fim

de aliviar as pressões ocasionadas no próprio mercado. Perspectiva como esta possibilitou, nas aulas de Informática, a realização de debates direcionados à conscientização e ao desenvolvimento da criticidade dos trabalhadores frente a própria realidade, além de possibilidades de luta e de enfrentamento.

Para potencializar tal metodologia e auxiliar no desenvolvimento das aulas, o conhecimento acumulado de cada indivíduo foi identificado através da trajetória de vida, onde o reconhecimento de elementos sobre a leitura e a escrita, o raciocínio lógico-matemático e os conhecimentos específicos da informática foram utilizados posteriormente para relacioná-los ao planejamento do curso. A experiência de vida quando inserida dentro do contexto das aulas possuiu como objetivo tornar concreta e significativa a vivência da aprendizagem. Foi através desta metodologia que, na maioria dos casos, o primeiro contato e a desmistificação do computador aconteceu.

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE



Refletindo, junto aos educandos no início do curso, sobre o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da computação, constatamos que tal recurso, utilizado em vários períodos históricos, visava reproduzir e acumular capital. A relação das transformações ocorridas no mundo do trabalho com os processos históricos vivenciados possibilitou aos educandos a compreensão da nova configuração do mercado de trabalho e a necessidade do trabalhador em apropriar-se de conhecimentos específicos na área da Informática.

Relacionar a realidade de vida com os processos históricos vivenciados pela Humanidade é compreender que a construção da história acontece a partir de ações desencadeadas pelos próprios sujeitos, ou seja, a história e a

* Atua como educadora na ETHCI/CUT.
Graduanda em Ciências Sociais pela UFSC.

evolução das tecnologias é fruto da ação humana; fruto do trabalho humano.

Dessa maneira, é através da realização da leitura de mundo, conscientização e a apropriação da história, que os indivíduos podem reconhecer-se como sujeitos atuantes e criadores. Para tanto, Paulo Freire (1982) discorre que além de aprender a ler e a escrever necessitamos compreender que a história está em nossas mãos:

Mais que escrever e ler que a 'asa é da ave', os educandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de 'escrever' a sua vida, o de 'ler' a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos." (Paulo Freire, 1982:16).

Nesta perspectiva, se pensarmos o homem e sua produção histórica, ou seja, a sua produção material podemos concluir que é através desta produção que o homem acaba por produzir a si mesmo. No entanto, o tempo aliado ao modo de produção capitalista, nosso atual sistema, faz com que o trabalhador, através de ações estratégicas do capital, torne-se alienado, desconhecendo o produto de seu trabalho e não se reconhecendo como produtor deste.

Foi recorrente no início das aulas de Informática expressões como: "*professora, eu não entendo de onde saiu o computador, tenho até medo de mexer nele.*" Os educandos não compreendiam que a evolução desta tecnologia, o computador, foi fruto de um processo histórico e que nós, como sujeitos, somos responsáveis também pela produção deste conhecimento.

Pensando em possibilidades de emancipação para além desta lógica, Gramsci (1991) analisou a escola não como um mero espaço de reprodução e sim, por meio da concepção da Escola Unitária, um espaço educativo de ação revolucionária, através da conscientização e da emancipação dos indivíduos para a transformação da realidade. Foi com esta intenção que no curso de Informática e Mundo do Trabalho procuramos organizar estratégias metodológicas para materializar a educação profissional com a idéia da Solidariedade entre os trabalhadores em uma tentativa de humanizar, de formar o coletivo e de possibilitar a compreensão que o compromisso com as práticas e as ações coletivas favorecem na luta em favor dos interesses dos

trabalhadores contra a lógica dominante.

Compreendendo a importância das ações coletivas, os educandos utilizaram estratégias de navegação na internet para investigar a atual organização dos trabalhadores frente aos debates sobre as condições de trabalho e saúde no setor Turismo e Hospitalidade. Atividades como pesquisa de opinião realizada pelos educandos com trabalhadores do setor T&H possibilitaram mapear informações, tabular dados e gerar gráficos através da utilização do computador. Discussões geradas a partir da problematização de conteúdos obtidos através de materiais extraídos do cotidiano como: artigos, textos, trechos de filmes, de músicas e internet possibilitaram reflexões críticas acerca os conteúdos veiculados nos meios de comunicação de massa. A informação e o conhecimento foram trabalhados em aula pensando o seu desenvolvimento histórico até a chegada dos dias atuais, onde a internet assume grande importância midiática. No entanto, mesmo considerando esta nova tecnologia da informação, onde cada internauta pode inserir conteúdos, observamos a ênfase nos anúncios e propagandas contidas no ambiente on-line.

Essa realidade caracteriza-se pela existência de uma ideologia que vigora e dita as regras sociais. Novamente, Gramsci traz contribuições ao analisar a questão da hegemonia onde o exercício da direção intelectual e moral da sociedade são realizados pelos grupos dominantes. O autor ressalta a importância de um movimento intelectual que possa difundir novas concepções de mundo e que possibilite a elevação da consciência das massas populares para não mais nos submetemos a um Estado Capitalista.

A disputa pela conquista de hegemonia, segundo o teórico, está embasada na concepção geral de vida e um programa escolar com o objetivo de ultrapassar a escola como mera instituição e colocá-la a favor da luta pela igualdade social e para contribuir para a superação das divisões de classe. Partindo deste princípio, o ensino da Informática dentro da proposta da Educação Integral procurou oportunizar acesso a conteúdos variados para ampliação cultural não se restringindo meramente a técnica de manuseio do equipamento. Saídas programadas para o centro da cidade de Florianópolis possibilitou acesso à história da formação da cidade e sobre sua



dinâmica econômica. Influências dos povos colonizadores, de migrantes e imigrantes, e nativos foram identificadas na arquitetura, na organização e até mesmo na gastronomia local. Trabalhos elaborados no aplicativo Power Point puderam sistematizar as saídas de campo com o auxílio de pesquisas realizadas no ambiente da internet e na rede de televisão local.

As atividades onde a utilização da mídia tornou-se necessária para a elaboração de trabalhos ocorreu sob uma perspectiva crítica, problematizando não somente o acesso, mas também o conteúdo veiculado. Se analisarmos o atual momento histórico nos defrontamos com a chamada era da "globalização" marcada principalmente pela internacionalização das fronteiras, das políticas e das economias. Mas uma pergunta torna-se pertinente: Se o que vigora nesta era globalizada é o sistema capitalista existe então uma ideologia única sendo veiculada pelos meios de comunicação? É importante estar consciente das influências que estes desempenham em nossos comportamentos e em nossas idéias. Refletir sobre o poder da mídia possibilita-nos além da constatação da padronização e homogeneização de nossas preferências e atitudes, compreender que esta é a grande responsável por criar nos trabalhadores o sentimento de conformismo, impedindo o desenvolvimento da criticidade e produzindo o alheamento dos problemas sociais.

O afastamento do senso crítico tem nos colocado em uma posição passiva diante da realidade culminando na apatia pela participação em ações que nos determinam como sujeitos construtores da história. A esse respeito, Britto (2000) faz a seguinte afirmação:

A desconsideração, ingênua ou deliberada, da dimensão política do conteúdo da informação e do processo pelo qual é constituída e posta em circulação impede a percepção crítica do caráter social e político do conhecimento, oferecendo-lhe uma objetividade e neutralidade que, na prática, significa entendê-lo como algo que está fora da própria história. (idem)

No entanto, pensar a utilização da informática em uma perspectiva inovadora é refletir também sobre o novo modelo de comunicação que se instala nas grandes cidades. A comunicação, a partir da internet pode

possibilitar aos indivíduos não mais uma posição passiva diante da realidade. Isto é, trabalhadores e trabalhadoras, conscientes da própria realidade, podem coordenar conteúdos, interagir com trabalhadores de outras regiões, articulando-se e organizando-se no espaço virtual, com o objetivo de criar também espaços de fala e de luta.

Para materializar esta possibilidade, propusemos no curso de Informática e Mundo do Trabalho a criação individual e coletiva de Blog's onde todas as reflexões e trabalhos produzidos durante o percurso formativo foram registrados e publicados.

OS AVANÇOS E DESAFIOS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL



A metodologia utilizada para o desenvolvimento das aulas de Informática esteve enraizada na perspectiva da formação integral do sujeito, não somente para o mercado de trabalho, mas para a vida. Pensando na educação como não bancária e depositária, acreditamos que o processo educacional formal do jovem e do adulto não pode basear-se em conteúdos e metodologias que infantilizem os sujeitos e que não dialoguem com sua realidade.

Para tanto, compreendendo que os educandos ao ingressarem na escola trazem consigo experiências concretas de vida, seja no âmbito profissional, cultural e educacional, procuramos aliar tais conhecimentos ao plano de aula e pensar metodologias que potencializem a apropriação dos conteúdos a serem abordados.

Durante o Percurso Formativo observamos avanços dos trabalhadores-educandos na compreensão da relação entre conteúdos específicos do curso de Informática com os temas gerais do mundo do trabalho contemporâneo. Essa realidade foi facilitada mediante a abordagem de assuntos que permeavam situações de trabalho comuns entre os educandos, procurando abranger, dentre outros, discussões sobre o trabalho dentro da lógica do turismo e da organização sócio-espacial da região. Possibilitou também ao educando perceber o mundo do trabalho de forma contextualizada, culminando em uma percepção crítica acerca da realidade que vivencia.

A visão dominante/hegemônica com que chegam os educandos ao Curso de Informática culmina em resistências na aceitação, em um primeiro momento, de algumas estratégias metodológicas adotadas em sala de aula que se contraponham as propostas existentes com base no mero treinamento. Esta resistência também interfere na compreensão inicial das diferentes estéticas utilizadas em determinados materiais de apoio pedagógico.

Para auxiliar o processo de assimilação dos conteúdos específicos abordados com os temas propostos referentes ao mundo do trabalho utilizou-se, em conjunto com os elementos extraídos da trajetória de vida dos educandos, materiais como jornal impresso, trechos de telejornais e revistas que potencializaram as discussões qualificando a participação nos debates. O resultado de tal metodologia foi observado durante o percurso formativo expressos em graduais avanços na apropriação dos conteúdos específicos de informática e dos debates realizados em sala.

Grande parte dos educandos não possuía acesso ao computador antes do ingresso às aulas e devido a esta falta de proximidade, alguns acreditavam serem analfabetos digitais. Para superar esta situação, foi necessário um trabalho de desmistificação da máquina a partir da abordagem histórica da revolução tecnológica.

Avanços também foram observados na compreensão da importância da construção do coletivo e das ações solidárias entre os colegas das turmas de informática e das turmas dos outros cursos promovidos pela escola. Notou-se também ampliação do grau de letramento através de exercícios de leitura de textos, escrita e digitação, das saídas de campo e de atividades coletivas realizadas no espaço da escola.

Entretanto, os trabalhadores do Setor de Turismo e Hospitalidade da cidade de Florianópolis vivenciam a precarização do trabalho, chegando a ultrapassar a carga horária legal devido a não contratação de mais trabalhadores. O reflexo desta situação se dá no aproveitamento destes trabalhadores em aula devido ao stress e ao cansaço proporcionados em outro ambiente. Já uma parte dos educandos por não trabalhar registrado durante o ano não se identificavam imediatamente como classe trabalhadora e durante os debates realizados em sala observou-se uma tendência à citações fenomênicas, superficialidade e falta de relação

com a classe. Considera-se ainda um desafio o despertar da consciência de classe e superar o simples denunciamento. Paulo Freire, com relação a esta constatação discorria sobre posturas rebeldes e posturas revolucionárias como complementares, ou seja, as denúncias aliadas às ações de transformação auxiliam no processo de superação da realidade:

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é o ponto de partida indispensável, é a deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação; no fundo, o nosso sonho. (Paulo Freire, 1982)

Por fim, a possibilidade de uma formação mais ampla e menos tecnicista potencializou a ampliação da criticidade nos trabalhadores-educandos e os fizeram refletir sobre as suas próprias existências como sujeitos autores da história. Ganharam dimensões na vida dos trabalhadores através da formação para a compreensão das relações de classe, no desenvolvimento da autonomia e na ampliação do compromisso e da participação social. Além de uma experiência vivida pelos educandos esta refletiu-se também na vida dos educadores que passaram por um processo de formação, simultâneo ao dos educandos durante o percurso formativo, contribuindo para reflexões sobre o desenvolvimento de metodologias e sistematizações da experiência vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITTO, L. L. P. Conhecimento não é informação. Rio de Janeiro, 2000.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. , São Paulo. Editora Paz e Terra, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 8ª Edição, 1991.
- KIRALYFALVI, B. The Aesthetics of Gyorgy Lukacs. Princeton University Press, 1975.
- SEMERATO, G. Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999.
- SOUZA, A. I. Paulo Freire, Vida e Obra. São Paulo, Expressão Popular, 2001.



2.3. A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE GASTRONOMIA E IDENTIDADE CULTURAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Aline M. Salami*

O curso de Gastronomia e Identidade Cultural se desenvolveu na perspectiva de compreender a alimentação no seu contexto histórico, como fruto da organização social. Para isso, buscou-se no Percurso Formativo aliar as experiências vivenciadas pelos educandos relacionando aos saberes "científicos" produzidos historicamente na humanidade. Buscamos concretizar uma educação, que "se aproximasse da plena formação humana" visando promover a possibilidade de homens e mulheres desenvolverem-se e apropriarem-se do seu ser de forma completa. Para atingirmos esse objetivo, propusemos a estrutura curricular organizada não em disciplinas, mas em temas geradores, isto é, temas importantes para a compreensão da realidade e que dialoguem com as necessidades objetivas dos trabalhadores. O curso foi dividido em quatro eixos: Alimentação, Sociedade e Cultura; Mundo do Trabalho na Gastronomia; Alimentação e Saúde; e Gastronomia e Meio Ambiente. Esses eixos desdobraram-se em conteúdos gerais e específicos, nos quais foram contextualizados cada técnica no tempo e espaço e, principalmente, a partir da realidade concreta da vida dos educandos.

ALIMENTAÇÃO E SOCIEDADE



A história da humanidade remonta a produção e coleta de alimentos com o objetivo de garantia da vida. O ato de alimentar-se é um dos que mais reflete a complexidade da vida humana em sociedade. Os hábitos e as práticas alimentares são produtos da história e da vida dos antepassados, da disponibilidade de alimentos e da capacidade física e econômica de ter acesso a eles.

Neste sentido, a alimentação humana, além da dimensão biológica, é um ato social e cultural que faz com que sejam produzidos diversos sistemas alimentares, baseados em

fatores de ordem ecológica, histórica, cultural, social e econômica. Dessa forma, é preciso compreender os sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (Maciel, 2005).

Para Claude Lévi-Strauss (apud Bleil, 1998) "a cozinha de uma sociedade é a linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura" e que "o alimento deve ser não só *bon à manger* mas também *bon à penser*, ou seja, não só biológica mas também culturalmente comestível". Podemos afirmar, então, que a alimentação - enquanto elemento cultural - constrói identidades sociais e culturais.

No Brasil, podemos observar alimentos que unificam o país a exemplo do feijão com arroz, um prato típico do cotidiano. Já a feijoada, prato de ocasiões especiais, é símbolo de uma identidade reivindicada. A feijoada, que nasceu na senzala, sofreu um processo de transformação para ocupar este lugar de destaque na cultura alimentar brasileira. Assim, observamos itens culturais criados por grupos dominados que são apropriados e "domesticados", perdendo assim a capacidade de simbolizar o grupo original (o samba e as religiões afro-brasileiras podem ser outros exemplos desta forma de apropriação) (Maciel, 2005).

Essas representações e significados estão relacionados e são conseqüências da estrutura organizacional da sociedade. Especificamente no modo de produção capitalista, a partir da revolução industrial, observamos transformações drásticas no estilo de se alimentar, como o crescente consumo de alimentos industrializados com alta densidade energética, ricos em açúcares, gorduras e carboidratos.

*Atua como educadora na ETHCI/CUT.
É nutricionista e mestranda em Agroecossistemas pela UFSC.

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



Segundo Guareschi (2005), "o processo de aprender se dá no instante em que o esquema lógico, cognitivo da pessoa é ferido e/ou colocado em contradição. Nesse momento, a pessoa obriga a mudar seu esquema anterior. É a superação qualitativa do estímulo, que veio desequilibrar o esquema existente". A pessoa cria e coloca novos elementos, forjados por ela, na reestruturação de seu esquema: esse é o ato de aprender, ato pessoal, autônomo. Freire (2002, p.31) comenta que "... ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã".

Essa perspectiva orientou a construção dos conhecimentos em nosso Percurso Formativo.

O que se almeja é uma abordagem de conteúdos relacionados com os determinantes históricos, que seja construída a partir da compreensão das bases econômicas e das relações políticas e sociais da sociedade em que vivemos. Acreditamos que se não for concebido dessa forma, o conhecimento não é conhecimento, mas sim um conjunto de informações sobrepostas.

No caso da Educação Profissional, Marise alerta que "no currículo integrado nenhum conhecimento é só geral, posto que estrutura objetivos de produção, nem somente específico, pois nenhum conceito apropriado produtivamente pode ser formulado ou compreendido desarticuladamente da ciência básica" (Ramos, 2005).

Portanto, uma abordagem integralizante não resume o conhecimento em si mesmo e da mesma forma não é neutra, pois:

aprender o sentido dos conteúdos de ensino implica reconhecê-los como conhecimentos construídos historicamente e que constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo de investigação e compreensão do real (ibid., p.120).

Nessa perspectiva, na área da alimentação não basta simplesmente preparar um prato ou

saber sua história se não pensarmos como e quem o produz e o consome. Remete-nos a pensar a cadeia produtiva do alimento, pois: "Quando descobrimos onde, quando e com quem os alimentos são consumidos, estamos em condições de deduzir, ao menos parcialmente, o conjunto das relações sociais que prevalecem dentro de uma sociedade porque os hábitos alimentares são uma parte integrada da totalidade cultural" (Contreras, 1992). O que comemos, com quem comemos, quando, como e onde comemos nos distinguem enquanto classe social.

No mundo do trabalho da gastronomia como em outros setores, o antagonismo de classe não fica explícito. Neste caso, observamos uma série de estratégias que buscam atenuar a percepção da exploração neste setor. No Brasil, a mídia contribui de maneira significativa para essa situação, produzindo uma imagem do "faz de conta" do universo gastronômico. Temos a difusão da figura do "chef" como sinônimo de *glamour* e sapiência, a valorização dos pratos com nomenclatura francesa e de alto valor econômico em detrimento da cultura local e dos alimentos regionalizados, com custo mais acessível à população. Isso é o que chamamos de ideologia, já que "a ideologia tem a ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes (Freire, 2002). Ou como nos alerta Chauí (1994, p.174) "a função principal da ideologia é ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos".

Além disso, há uma introdução de novas nomenclaturas para as ocupações como "steward"³ e "garde manger"⁴, dentre outras, que acabam mascarando as reais condições de trabalho no setor marcadas pela precarização das relações de trabalho. Como diz Frigotto (apud Ramos, 2001) "as relações econômico-sociais passaram a se orientar pelo objetivo de extrair do trabalhador o máximo de trabalho não pago, seja na forma da mais valia absoluta (pela extensão da jornada de trabalho), relativa (pela intensificação da jornada de trabalho) ou por uma combinação de ambas".

Isto é, no sistema capitalista o trabalhador é expropriado em todas as suas dimensões: econômica, social, física, política, técnica e

³ Nome dado ao lavador de pratos, utensílios e equipamentos. Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) essa função é reconhecida como auxiliar de cozinha e/ou auxiliar de serviços gerais. Nome dado ao saladeiro (pessoa encarregada pela elaboração de saladas, molhos frios e entradas). Na CBO consta a função de saladeiro.



cultural. De acordo com Ramos,

(...) nesse modo de produção, as subjetividades humanas, individual e social, foram subjugadas à lógica da propriedade privada. Os sentidos humanos ficaram atrelados à posse dos objetos como capital - valorizáveis e geradores de lucro - ou às possibilidades concretas de subsistência. Igualmente, as potencialidades humanas - físicas, intelectuais e emocionais - foram alienadas do homem e apropriadas pela classe capitalista como mercadoria força de trabalho (2001).

Diante do exposto, é fundamental ter clareza do que queremos com as atividades propostas e pensar em estratégias metodológicas que consigam revelar a lógica do modelo de sociedade em que vivemos e, ao mesmo, tempo dialogar com a realidade e com as expectativas dos trabalhadores geradas por um curso de qualificação profissional.

Para dar conta dessa tarefa, dentre as estratégias formuladas, destacamos a organização de Eixos por temas. No primeiro, **Alimentação, Sociedade e Cultura**, buscou-se resgatar a história da alimentação a partir dos modos de produção e perceber a gastronomia como fruto das relações sociais em cada sociedade e com o papel de distinção das classes sociais. Para isso utilizou-se a cozinha regional brasileira e a cozinha regional de Florianópolis. No segundo, **Mundo do Trabalho na Gastronomia** buscou-se desvendar como funciona o modo de produção em que vivemos e as estratégias para conter a organização e luta dos trabalhadores. Temas como direitos dos trabalhadores e sindicalismo no Brasil perpassaram os estudos e a partir de atividades pedagógicas de organização de currículos e elaboração de fichas técnicas dos alimentos foi possível dar suporte a essas discussões. No terceiro, abordamos sobre a **Alimentação e Saúde**, cujo objetivo foi discutirmos o que entendemos por saúde e qualidade de vida e os impactos, na condição física e mental dos trabalhadores, do atual contexto do mundo do trabalho. Para isso buscou-se trabalhar a pirâmide dos alimentos, as doenças ocupacionais e as rotinas de trabalho e higiene e manipulação de alimentos. O último

eixo, **Gastronomia e Meio Ambiente**, teve por objetivo a discussão das relações entre a produção do alimento na sua cadeia produtiva e a reprodução da humanidade. Os impactos da lógica produtivista na qualidade e no acesso aos alimentos. Alguns assuntos como desigualdade social, segurança e soberania alimentar no sentido do direito humano à alimentação adequada e aproveitamento integral dos alimentos foram trabalhados para alcançar o objetivo proposto. É importante salientar que os eixos não foram trabalhados de maneira linear e fragmentada. Ao contrário, os temas e conteúdos foram contextualizados e problematizados para potencializar reflexões individuais e coletivas em diálogo com a realidade para uma nova síntese dos conteúdos apreendidos.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

A proposta de Educação Integral dos Trabalhadores insere-se no desafio de construir uma práxis pedagógica que contribua para conquistarmos, na luta política e nas práticas pedagógicas, um novo significado, no conteúdo e na forma, de um projeto emancipador de Educação.

Fazer o diferente é sempre mais difícil e por isso essa proposta se torna tão desafiadora. Os desafios da educação integral se constituem principalmente na apreensão dessa concepção de educação. É preciso se apropriar de seus pressupostos teóricos para compreender a relação dialética do processo de ensino-aprendizagem.

Para isso, faz-se necessário a formação contínua dos educadores para a construção das bases do projeto educativo a partir das experiências.

Fazer uma educação integral onde o ser humano é visto para além do mercado de trabalho, onde se pensa a formação humana, no seu sentido ontológico, é primeiramente desconstruir toda visão cartesiana construída historicamente e que, inconscientemente, está enraizado em nós educadores. Para superarmos essas dificuldades, torna-se necessário o estudo contínuo e pensar as coisas e o mundo de forma dialética. Ou seja, ao buscarmos no planejamento do curso a constante

reavaliação e redimensionamento no decorrer do Percurso Formativo, tentamos concretizar essa perspectiva, a partir dos elementos extraídos da realidade do grupo e das demandas surgidas. Lembramos que assim como nossos educandos, nós educadores também estamos em formação nesse processo. De acordo com Paulo Freire, ensinar exige consciência do inabacamento, "*o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente*" (Freire, 2002).

Além disso, outro desafio refere-se ao processo de ensino-aprendizagem. Principalmente para romper com a educação bancária (onde somente o professor domina o assunto e se coloca como "dono da verdade" e o aluno é compreendido como um recipiente vazio a ser preenchido) para tornar as atividades "mais atraentes", no sentido da participação e envolvimento dos educandos no Percurso Formativo, já que estes chegam para às aulas cansados depois de um dia exaustivo de trabalho. Outro desafio importantíssimo é a sistematização das nossas experiências, momento em que paramos para refletir e teorizar sobre nossa prática para construir novas estratégias de atuação pedagógica.

Embora todos esses desafios permaneçam, destacamos que esse ano de experiências e construções foi marcado por muitos avanços. A compreensão da complexidade da proposta de educação integral por parte dos educadores e educandos é fundamental e requer a ampliação dos conhecimentos sobre os condicionantes históricos para concretizarmos efetivamente essa proposta de educação. No processo contraditório da práxis dos sujeitos participantes (individual e coletivamente), vivenciamos a apreensão progressiva desses fundamentos, que constituíram os avanços no fazer pedagógico da Educação Integral.

Outros avanços, como o estímulo dos educandos a prosseguirem seus estudos e o estímulo à leitura (promovendo autonomia e ampliação cultural) foram observados no decorrer dos percursos formativos.

Despertar novos conceitos e práticas, desenvolver a consciência de sujeito histórico e de classe e perceber coletivamente as possibilidades de transformação no mundo do trabalho foram alguns dos objetivos que buscamos com a educação integral dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEIL, S.I. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. Revista Cadernos de Debate-UNICAMP, vol. VI, 1998.
- CONTRERAS, J. Alimentación y cultura: reflexiones desde la Antropología. Revista Chilena de Antropología, n. 11, 1992.
- CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo, Editora Ática, 1994.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- GUARESCHI, P. Sociologia crítica: alternativas de mudança. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.
- MACIEL, M. E. Identidade Cultural e Alimentação. In: Canesqui, A. M. Garcia, R. W. D. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2005.
- RAMOS, M. N. A Educação dos Trabalhadores e a Utopia da Plena Formação Humana. [s.l.] Mimeo, 2001.
- _____. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: Ensino médio integrado: concepção e contradições. FRIGOTTO, G. CIAVATTA, RAMOS, M. (org.). São Paulo, Cortez, 2005.

2.4. LÍNGUA ESPANHOLA E EDUCAÇÃO INTEGRAL VISANDO A EMANCIPAÇÃO

Ana Carolina Herrera*



A proposta de Educação Integral da Língua Espanhola visou possibilitar a apropriação dos conhecimentos básicos da Língua Espanhola (conversação, compreensão auditiva, escrita e leitura) a partir de uma abordagem histórica da América Latina e a reflexão sobre o mundo do trabalho contemporâneo.

A partir dos conhecimentos prévios dos educandos, buscamos ampliar essas habilidades, tendo como pressuposto que a Língua Espanhola não é um idioma completamente estranho ao português.

Dentre as temáticas estudadas, destacamos: o Processo Histórico da América Latina; a Integração Latino-americana e Trabalho e Cultura na América Latina e o Turismo e Hospitalidade. Estes temas visam discutir as condições de trabalho e a luta dos trabalhadores a partir da compreensão histórica da América Latina. Através das temáticas propostas, buscou-se potencializar ao longo do seu desenvolvimento, não somente um aprendizado mecânico da língua, mas uma visão crítica e significativa sobre nosso continente. Algumas estratégias metodológicas foram fundamentais, como a utilização de filmes, músicas, textos e pesquisas, etc.

Antes de qualquer coisa, é oportuno ressaltar, inicialmente, que trabalhar com Língua Espanhola significa trabalhar também com a Língua Portuguesa, uma vez que desta, deve-se ir dominando progressivamente algumas ferramentas ao longo do Percurso Formativo para assim explorar os conteúdos propostos. Sendo o público com o qual trabalhamos o de jovens e adultos com diferentes graus de letramento, o trabalho com a língua materna (entenda-se esta como a língua que é falada e praticada pelo sujeito, pelo fato de ser a língua também falada e praticada pela sociedade onde ele nasceu) faz-se necessário concomitantemente com o da Língua Espanhola,

pois só assim se obtém uma real ampliação do grau de letramento do educando.

Ao falar em letramento, refiro-me à ampliação da compreensão de leitura de mundo através da linguagem, seja escrita, lida ou falada, para que esta tenha sentido e faça parte da vida dos educandos. E é esse processo de ampliação do grau de letramento a que nos ateremos no presente artigo.

O CONTEXTO ATUAL

O fato de o Brasil falar a Língua Portuguesa tem ocasionado um certo alheamento do resto da América Latina. Entrar em contato com o processo histórico da América Latina é fundamental para que o educando se aproprie de uma nova língua que traz consigo uma rica e complexa história. Essa é a perspectiva da Educação Integral. Neste panorama, filmes e músicas foram ferramentas pedagógicas muito ricas para alcançar os objetivos desejados, pois com estas não apenas pôde-se ampliar o dito grau de letramento dos educandos, como lhes oferecer, também, além de um primeiro contato com a língua estudada, novos aspectos culturais e de vivência com outros povos.

Para aguçar a curiosidade e provocar o estímulo à pesquisa espacial e temporal dos educandos (incentivando-os a localizar-se), o uso de mapa-múndi e da América Latina foram bastante úteis. Com estes, os educandos viram-se no processo histórico, revendo suas trajetórias de vida, descobrindo a centralidade do trabalho como motor das diversas mudanças na vida das pessoas, além do que, a partir do estudo dos mapas, das nacionalidades, enfim, de uma visão mais próxima da América Latina, pouco a pouco vão se desconstruindo os ditos distanciamentos e alheamentos iniciais do Percurso, fazendo com que a percepção que brasileiros têm de latino-americanos passe a ser mais de unidade, tornando-se ao invés de "eles, latino-americanos", "nós, latino-americanos". Esse momento foi o propício para introduzir a questão da "Integração Latino-americana". Primeiramente, se faz

* Atua como educadora na ETHCI/CUT.
É licenciada em Letras - Espanhol pela UFSC.

necessária uma reflexão acerca de quem são esses latino-americanos aos olhos dos educandos em questão. Refere-se aqui a trabalhadores do setor turístico de Florianópolis. Esta cidade, em alta temporada, atrai milhares de turistas estrangeiros, a maior parte deles argentinos, uruguaios e chilenos. Estes, a quem os trabalhadores atendem, são seus referenciais de latino-americanos. Os meios de comunicação em massa desempenham papel fundamental na construção de visões hegemônicas de brasileiros em relação a estrangeiros provenientes da América Latina.

Pôde-se perceber a clara definição dos trabalhadores, quando perguntado o que lhes vinha à mente quando se fala, por exemplo, sobre a Argentina: Rivalidade no futebol, pessoas arrogantes e mal educadas; ou sobre o Paraguai: Tudo referente ao falso, "muambas" em geral; sobre a Colômbia: As drogas e o tráfico, ou sobre Venezuela e Cuba, as nações dos ditadores. São exemplos de que esta é a realidade para os trabalhadores. É assim que se vê a América. É a visão hegemônica que a mídia ajuda a reforçar usando seu poder de construção de referências.

Portanto, quando se abordou a Integração dos povos da América foi muito importante apresentar aos educandos os principais movimentos culturais da América Latina, pois somente assim pode ser construída uma identidade cultural entre os trabalhadores latino-americanos.

O acesso a produções literárias e artísticas da América Latina, assim como a textos biográficos, possibilitou aos educandos perceber-se como classe que foi e ainda é oprimida, e tais produções como formas de expressão que denunciam resistência a essa opressão. Quanto à importância da integração dos povos da América Latina, em um pequeno trecho da obra *As Veias Abertas da América Latina*, Eduardo Galeano (2006), de forma breve e bonita, alerta que:

A causa nacional latino-americana é, antes de tudo, uma causa social: para que a América Latina possa renascer, terá de começar por derrubar seus donos, país por país. Abrem-se tempos de rebelião e mudança. Há aqueles que crêem que o destino descansa nos joelhos dos deuses, mas a verdade é que trabalha, como um desafio candente, sobre a consciência dos homens (Galeano, 2006).

A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO E OPRESSÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

Tendo como pressuposto que trabalhar a Língua Espanhola é trabalhar concomitantemente a Língua Portuguesa, não podemos deixar de analisar a relação do educando trabalhador brasileiro com sua língua: o português.

Diversas questões são suscitadas quando se trata a questão da Língua Portuguesa no Brasil. Bagno (2000) aborda os diversos mitos que nós, brasileiros, temos em relação à nossa língua. Dois desses mitos são importantes ao pensar acerca da minha prática pedagógica. Um deles é o de que "Brasileiro não sabe português", e outro o de que "Português é muito difícil".

Tais crenças, ou mitos, segundo o autor, estão relacionados, historicamente, ao complexo de inferioridade e ao sentimento de sermos ainda, até hoje, uma colônia de Portugal, visto como um país mais antigo e mais civilizado.

O autor ressalta que esse preconceito lingüístico está atrelado à confusão que foi criada no curso da história, entre língua e gramática normativa, e acrescenta que a língua não deve ser estudada como coisa morta, pois sendo assim não se leva em conta as pessoas vivas que a falam.

A língua é algo vivo, e se transforma o tempo todo, tal qual a dinâmica da vida. Não pode ser recortada como um modelo a seguir. E não podemos deixar de avaliar a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola como marcas e registros vivos de nossos colonizadores.

O lingüista Mikhail Bakhtine, em 1930, definiu a língua como expressão e registro do mundo social. Determinou a linguagem como expressão social do devir histórico. A partir de então, a relação entre a linguagem e as classes sociais passa a ser polifônica, no sentido de que "*a construção da hegemonia estatal étnica, sexual e social acontece no contexto da imposição e reprodução incessante da hegemonia lingüística estatal, étnica, sexual e social*" (Carboni & Maestri, 2003).

Partindo deste pressuposto, ao abordar a temática do Descobrimento da América ao longo do Percurso Formativo, foi fundamental debater o fato de que os espanhóis, utilizando a Língua Espanhola, impuseram aos povos que aqui na América se encontravam, a sua maneira de falar, sem importar-se com o fato de que estes já

possuíam linguagem própria. Sendo assim, a língua - tanto a portuguesa quanto a espanhola - foi fruto do processo histórico de dominação e opressão dos colonizadores.

No caso do Brasil, em 1500 havia cerca de 1.078 línguas indígenas que, através de diversos mecanismos, passaram pelo processo de glotocídio (assassinato de línguas), fazendo-se para isto necessária a utilização da força contra os falantes destas.

No Brasil de hoje, com sua Língua Portuguesa diversa, o que deveria ser um fator de inserção social é um divisor da sociedade, tornando o português "culto" língua de poucos privilegiados. Essas variabilidades da língua são sobrecarregadas de valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações sociais, sendo assim, um falante pobre que utilize determinada variante, será estigmatizado. Essa variante, então, dependerá do lugar que o falante ocupa na sociedade. A língua representa, assim, um instrumento de poder de alguns poucos: valendo-se do fato de ter tido acesso à norma culta, uma minoria estigmatiza aqueles de classes sociais oprimidas, coagindo e demonstrando poder; os mesmos detentores da variedade lingüística de "prestígio" controlam o poder político das instituições, que emana das relações econômicas e sociais, também são os detentores da autoridade de vincular a língua à variabilidade que empregam.

Em suma, percebemos que o preconceito lingüístico nada

mais é uma questão de distinção de classes. Os trabalhadores conformam o grupo estigmatizado, dominado por uma minoria que os faz acreditar no mito de que "ninguém sabe falar português" ou que "o português é muito difícil". Considero este o maior desafio como educadora de Língua Espanhola em uma educação que visa, além de integrar e ampliar, desconstruir preconceitos e leituras de mundo, isto é, a partir de um preconceito social, posto que a língua é a expressão da sociedade em movimento, parte-se para um processo de reintegração dos



trabalhadores à própria história, como sujeitos dela.

Segundo Carboni e Maestri em "A linguagem escravizada - Língua, história, poder e luta de classes", é imprescindível à emancipação dos trabalhadores, na atual etapa da história da humanidade, a tomada de consciência sobre o caráter social e as funções políticas da língua, a fim de superar as próprias fronteiras nacionais, expressando assim a luta dos trabalhadores pela hegemonia lingüística nacional.

Ernesto Che Guevara, em sua incessante busca de soluções às necessidades sociais, chegou à conclusão de que era preciso um novo tipo humano, a quem ele denominou Homem Novo, para se conquistar uma sociedade mais justa:

A base fundamental do Homem Novo é a **educação**: já que é onde se conquistará a mudança de consciência, ideologicamente falando. Desta forma, (...) irá se formando essa nova geração que se espera ansiosamente (...). Essas idéias que representará dito indivíduo, estarão orientadas à realização dessas transformações importantes que tanto se buscam: a transformação das estruturas sociais, das instituições políticas e do regime existente, isto nos explica a importância do Homem Novo e a necessidade de sua existência, em uma sociedade que quer viver em uma liberdade plena, em igualdade de benefícios para todos... (Canelón apud Guevara, 1977)

O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

No início dos cursos de Língua Espanhola, os educandos têm expectativas e necessidades. Estas estão assentadas, na maioria das vezes, sobre a crença de que o educador vai passar-lhes receitas e fórmulas para que ele "fale" a língua desejada, fazendo-lhes articular alguns mecanismos mentais "mágicos" capazes de conseguir que a língua estrangeira brote de repente de suas bocas. Mas de que língua estrangeira está se falando? Que povo utiliza essa língua? Onde vivem e como interagem entre si e que história os levou a ser como são?

O preconceito lingüístico apresenta-se no

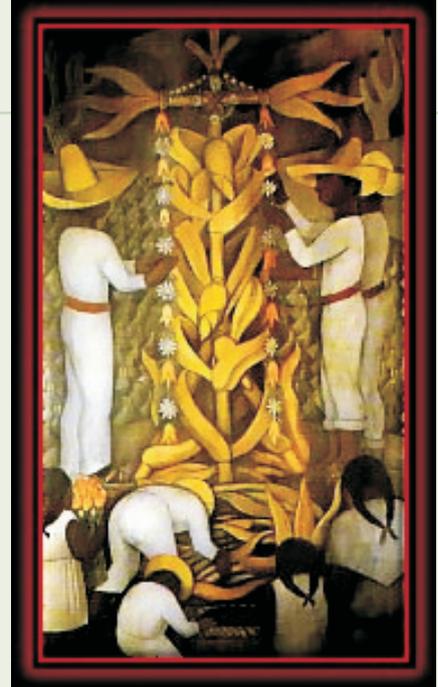
espanhol através de mitos sobre *espanhol e castelhano*, e após o estudo do Descobrimento da América apresenta-se sob a crença de que o espanhol da Espanha é o mais "certo", pois este país é "o berço da língua e da cultura hispânica". Raciocínio mais do que lógico. Se pensarmos um pouco, estamos educando pessoas que acreditam não saber falar a própria língua - o português - pois a "original" e, portanto "certa" é a de Portugal, "destruída" pelos brasileiros, ou seja, por eles mesmos. Por que não pensariam de igual maneira se comparadas à Língua Espanhola da América em relação à da Espanha?

Bagno (2000) adverte que "uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... e uma gramática não é a língua". Se partirmos desse pressuposto, e avançarmos para a idéia de que o objetivo real das pessoas com um outro idioma é o de se comunicar, estaremos dando o primeiro passo, pois, conforme o mesmo autor, "... todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticalidade* ou *agramaticalidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar a própria língua. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática, memorização...". (BAGNO, 2000, p.124)

Visto desta maneira, e voltando às questões levantadas ao início deste subitem, o ensino de Língua Espanhola através da Educação Integral, tem a missão de primeiramente desconstruir parte destes preconceitos, a fim de conquistar uma mudança na prática dos sujeitos, percebendo, sobretudo, que língua é um instrumento para sua emancipação na própria história; que não há "certo" ou "errado" e sim "diferente".

Essa emancipação que uma mudança na prática dos sujeitos objetiva, se traduziria como sua identificação enquanto classe trabalhadora de uma unidade chamada América Latina que historicamente vem lutando para superar condições de exploração. Como Marx e Engels lembram,

A linguagem é tão antiga quanto a consciência - a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens, que existe, portanto,



também, primeiro, para mim mesmo e, exatamente como consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios entre os homens. (Marx & Engels, 1989, p.26)

E se a linguagem é uma necessidade real para que o intercâmbio entre os seres humanos aconteça, logo podemos concluir que possuí-la como ferramenta para tal intercâmbio traz ao trabalhador liberdade para suprir as necessidades tidas no mundo do trabalho no qual está inserido.

Muitas vezes, o fato de tentar educar na perspectiva da Educação Integral pareceu algo invisível, talvez por estarmos na contramão; por estar fazendo um exercício humano que vai além e contra o ritmo da sociedade atual. Vivenciamos o seguinte dilema, se por um lado desejo a emancipação do ser humano enquanto sujeito histórico transformador do rumo da sociedade, por outro temos marcas da educação formal, com suas bases disciplinadora e alienante que levam ao conformismo, ao individualismo e à concorrência entre trabalhadores.

Os trabalhadores buscam em qualquer instituição educacional aquilo à qual lhe atribuem valor e que poderá ser traduzido em bens materiais, porque a educação é, nesta sociedade, um bem de consumo, onde se "absorvem" conhecimentos em troca de um objetivo prático que se amolda em um pensamento utilitarista: pode-se chamar este objetivo de certificado ou diploma e estes poderiam ser a chave de acesso a um novo cargo no emprego ou talvez outro melhor, uma vaga na universidade ou até reconhecimento social. Longe está do educando a busca consciente por constituir-se como ser humano emancipado, compreender sua



sociedade, muito menos se sentir parte da história que a transformou. Porém, esta é a única maneira que a educação lhes foi apresentada. Não conhecem o novo, pois no contexto atual não interessa nada novo, principalmente se esta novidade significar abalar as cômodas estruturas do capital.

Essa angústia de educar nesse contexto, porém, é amenizada sempre que apresentamos esse novo jeito de aprender ao educando, com novos materiais, fazendo-os descobrir-se como construtores de algo que desconheciam. Cada vez que um educando questiona o porquê das coisas, o "como", o "... e se fosse diferente?", sentimos que esse trabalho aparentemente vazio e contraditório tem nas suas próprias bases algo imensamente gratificante; algo forte, que faz com que educar e lutar possam realmente andar juntos.

A língua, como instrumento de poder deve ser apresentada aos educandos como ferramenta comunicativa. Portanto, dentro de nossa prática educativa, a desconstrução de preconceitos é muito importante para a aceitação da nova língua, que vem acompanhada de tantas diferenças. Caberá ao educador dar a conhecer tais diferenças como riquezas e diversidades. Ao trabalhar a Língua Espanhola, cada exercício auditivo ou musical, vem acompanhado de diversidades fonéticas da região de onde o intérprete pertence assim como por aspectos culturais, também da região de onde se origina tal produção. Fez-se muito importante mostrar ao educando que aprender uma língua significa apropriar-se dessas diferenças, compreendê-las e dar o valor merecido a essa diversidade, levando-os a compreender que não está em jogo julgar a outra língua, os outros povos. A partir do momento em que o educando se aceita sem preconceitos quanto à sua língua materna, mais fácil é que aceite uma língua estrangeira. Talvez acabar com esse preconceito seja muito a desejar, mas evidenciar, denunciar e tentar desmistificar é o caminho para que esse processo de conhecer a língua diferente seja ampliador e integrador.

Segundo Freire (1996), a curiosidade, é a matriz de onde saem os pensamentos, tanto o ingênuo quanto o crítico. Todos somos seres curiosos, educandos e educadores. Este deve ser o princípio para uma prática pedagógica que visa transformar homens e mulheres pensadores críticos sobre sua realidade.

Acredito que cabe ao educador instigar o

educando de Língua Espanhola sobre todas as formas possíveis de fala do espanhol da América. Se lutamos para que o preconceito em relação às variedades lingüísticas que há contra as classes dominadas deixe de dividir a sociedade, nossas atitudes devem estar refletidas na prática educativa. Obviamente aqui entra em questão o tema dos livros de apoio gramatical para o ensino de língua estrangeira, estes elaborados e pensados por pessoas das quais se mencionaram anteriormente, detentoras de uma variedade lingüística tida como a de "prestígio", no caso o espanhol da Espanha seria tal variedade, por ser "o berço da língua e da cultura hispânica" como já foi colocado. Porém, devemos buscar materiais de apoio diversificado, que mostre as riquezas da história e cultura da América Latina.

As diversas formas de falar, com seus sotaques e estrangeirismos e as gírias de cada região muito de cultura tem a nos acrescentar. Com essas variedades, tem-se a prova de uma língua viva e de sua capacidade de transformação. A perspectiva do curso de Espanhol foi mostrar aos educandos que o espanhol da América Latina é um registro vivo da resistência dos povos que aqui se encontram, ao contrário do que muitos lingüistas hispânicos fazem questão de declarar, dizendo que a língua da América é uma "deformação" do espanhol da Espanha. O que deve ser evidenciado é uma soma à linguagem da Espanha; uma diversidade de origem indígena, que é rica por trazer dentro de si a situação geográfica de cada região e a história das lutas de homens e mulheres que se resistiram. Devemos incentivar em nossa prática pedagógica não só a valorização de uma língua que não é ainda um resultado; que ainda não chegou a lugar algum e nem chegará, como também a consciência de que cada um de nós, como falantes dessa língua somos responsáveis por suas transformações. Assim como somos sujeitos da nossa própria história e a língua é a história da sociedade em movimento, qualquer esforço por observá-la sem aceitar o fator transformação será em vão.

Quanto mais diversidade quanto às formas de expressão da América Latina mais os educandos de Língua Espanhola compreendem as diferenças entre os sujeitos, reforça-se a identidade cultural entre os povos e mais fácil torna-se construir a prática pedagógica que luta contra os preconceitos de qualquer espécie e a injustiça social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. Preconceito lingüístico o que é, como se faz. São Paulo, Loyola, 2000.
- CANELÓN, F. El hombre nuevo según Ernesto Che Guevara. [s.d]. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos/hombrenuevo/hombrenuevo.shtml>. Acessado em 07 jul. 2008.
- GALEANO, E. As veias abertas da América Latina, Montevidéu, América Latina, 2006.
- GUEVARA, E. El socialismo y el hombre nuevo. México, Siglo XXI Editores. 1977.
- GUEVARA, E. Obra revolucionaria. México, Ediciones ERA, S.A. 1974.
- MARX & ENGELS. A Ideologia Alemã. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- BAKHTINE, M. Esthetic et theorie du roman. Paris, Gallimard, 1999.
- CARBONI, C., MAESTRI, M. A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MIYASHIRO, R., MORETTO, N. Educação Integral dos Trabalhadores: projeto político pedagógico na área de turismo e hospitalidade. Florianópolis: Central Única dos Trabalhadores - CUT, 2005.
- MIYASHIRO, R., SILVA, A. Referencial Metodológico: Educação Integral dos Trabalhadores. Educadores - turismo e hospitalidade. São Paulo: Central Única dos Trabalhadores - CUT, 2007.



2.5. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA SA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA GESTÃO HOTELEIRA

Evaristo Dopico Luzardo*

A ABORDAGEM INTEGRAL DO CONHECIMENTO



O curso de Gestão Hoteleira a partir da proposta de Educação Integral visou trabalhar as noções básicas do planejamento, gestão e funcionamento dos diferentes setores de um hotel, integrado aos conhecimentos sobre o mundo do trabalho no turismo e hospitalidade no Brasil e no mundo. Buscou-se potencializar a integração do grupo, conhecendo suas expectativas e identificando os saberes acumulados dos educandos nas suas experiências de trabalho e de vida.

Ao longo do percurso formativo ganharam relevância temas como: a formação sócio-espacial e os tipos de meios de hospedagem e seus setores, o histórico da atividade turística, o trabalho e o lazer no modo de produção capitalista; a questão ambiental e a exclusão social.

Dada a amplitude e complexidade dos temas propostos, foram organizados três eixos para o desenvolvimento curricular, a saber: 1) Hospitalidade, Cultura e Sociedade; 2) Hotelaria e Mundo do Trabalho e; 3) Perspectivas da Gestão Hoteleira para a realidade do setor Turismo e Hospitalidade, a fim de aproximar as abordagens pedagógicas às realidades dos educandos.

No primeiro eixo o tema central foi a Hospitalidade, cujas abordagens pedagógicas centraram nas formas de receber, nas diferentes culturas. A partir da centralidade do trabalho, discutiu-se a visibilidade e invisibilidade do trabalhador em algumas funções socialmente discriminadas e subalternizadas, como por exemplo, "auxiliar de...", "comin", "serviços gerais" ou "camareira" e as razões de algumas funções serem "socialmente desqualificadas".

No segundo eixo, Hotelaria e Mundo do Trabalho, foram abordados os meios de hospedagem no contexto da formação sócio-espacial, no qual foram explorados conteúdos relativos aos setores e áreas organizacionais a partir da análise do surgimento da atividade

turística. Os estudos da formação e transformação dos espaços socioeconômicos e físicos e a relação entre o tempo livre dos trabalhadores com o modo de produção capitalista foram fundamentais para a compreensão do processo de criação e instalação das redes hoteleiras e da crescente a especulação imobiliária. Conseqüentemente, essa situação traz impactos nas relações sociais com a exploração dos atrativos naturais e as mudanças na geografia, culminando na desestruturação das economias locais.

O terceiro eixo tomou como base as perspectivas da Gestão Hoteleira para a realidade do setor do turismo e hospitalidade. Um dos temas importantes foi o planejamento estratégico e as alternativas de gestão, onde foram analisados os dados do setor sobre a qualificação e re-qualificação profissional, a sazonalidade e a precariedade das condições de trabalho para discutir as possibilidades em relação ao turismo de base local, envolvendo a questão das políticas públicas para desenvolvimento do turismo com a preservação ambiental. Foram estudados os mecanismos legais para compreender o funcionamento dos meios de hospedagem e também pensar as possibilidades de outras formas de organização como, por exemplo, as cooperativas. Ao tratar da realidade do setor, foi possível trabalhar a conscientização sobre o problema da exploração sexual infanto-juvenil e suas implicações no turismo e na hotelaria

Como trabalho final, os educandos foram desafiados à elaboração coletiva de um pré-projeto de meio de hospedagem. Os resultados desses trabalhos expressaram a síntese dos conhecimentos apreendidos e dos novos conhecimentos produzidos pelos educandos. Mais do que um empreendimento em si estimulou-se a reflexão sobre alternativa de gestão para a realidade do setor do turismo e hospitalidade, tendo em vista que ao longo do Percurso Formativo foi abordada concepção de meio de hospedagem e a sua relação com o seu entorno.

* Atua como educador na ETHCI/CUT.
É técnico em hotelaria e graduando em pedagogia pela UFSC.

UMA REFLEXÃO SOBRE A HOSPITALIDADE



Desde o início do percurso formativo, o estímulo à reflexão sobre a hospitalidade foi necessária, principalmente porque a palavra hospitalidade aparece constantemente relacionada ao turismo e à hotelaria. Dentro das organizações, as ações de hospitalidade também começaram a se fazer presentes, seja quando se fala em gestão de pessoas, gestão de produtos e serviços como também nas relações públicas e nas orientações para um "bom relacionamento" com o "cliente-turista". É recorrente a manipulação do conceito de hospitalidade, que não considera o trabalhador no processo. Ou mesmo o próprio trabalhador não se percebe dentro da gestão. Portanto, um dos objetivos centrais no curso foi ampliar o conceito de hospitalidade.

A Hotelaria, segundo Silveira (2005), pode *"ser compreendida como uma espécie de profissionalização dos ritos e da estrutura da Hospitalidade, transformando o ato de hospedar em mercadoria"* (idem, *ibid*, p.129). A partir disso, existe o que se pode chamar de indústria da Hospitalidade.

Nesse sentido, o conceito de hospitalidade é ambíguo e de múltiplas perspectivas e precisou ser abordado desde sua relação com a história dos contatos e das formas de recepção dos grupos humanos para com outros grupos deslocados temporariamente do seu lugar. A relação entre hospitalidade e acolhimento, considerando à alteridade (ao outro diferente de mim) foi fundamental dentro da perspectiva da Educação Integral. Objetivou-se ampliar a dimensão desse conceito, a partir da história do turismo e da hotelaria para refletir sobre a sua relação com as práticas contemporâneas.

Algumas questões e reflexões fizeram-se muito oportunas durante o processo formativo como: O que é de fato ser hospitaleiro? Em que circunstâncias se pratica a hospitalidade? Quais os interesses desta prática e as culturas diversas envolvidas nesse processo? Como é a relação de hospitalidade com pessoas próximas, com companheiros de trabalho e com pessoas desconhecidas (incluindo turistas)?

É importante ressaltar que este curso de

Gestão Hoteleira teve como princípio atender trabalhadores do setor da Grande Florianópolis, uma cidade que vem crescendo demograficamente e desordenadamente, de forma acelerada, há quatro décadas. Recebe um considerável número de migrantes de outras cidades, estados e até de outros países, anualmente.

Sob diversos slogans de marketing publicitário, como por exemplo, "Ilha da magia", "cidade de melhor qualidade de vida", com "baixos índices de violência" ou "cidade capital repleta de belezas naturais", entre outros atrativos, que são reforçados pelos meios de comunicação em massa, a cidade recebe esse grande número de imigrantes trabalhadores com o "sonho" de uma vida melhor. Sendo a principal atividade local a exploração dos serviços no turismo e no comércio, estes trabalhadores, buscam a qualificação profissional para trabalhar no setor. Portanto, representam o perfil da maior parte de educandos que se apresenta dentro do curso de Gestão Hoteleira.

Durante a dinâmica da trajetória de vida quando abordamos os lugares de origem de cada um foi possível perceber os conflitos e controvérsias, os preconceitos e disputas da cidade polarizando "nativos e estrangeiros". Essa situação expressa os dilemas entre "pessoas de fora e pessoas de dentro", condições e aspirações econômicas, migrações internas e externas, discriminações étnicas e raciais, dentre outras (Fantim, 2000).

Na conceituação da hospitalidade podemos destacar, ainda, vários enfoques, tais como o filosófico, que aborda a capacidade de acolhimento do outro em sua singularidade, transcendendo leis e regras locais, para ceder-lhe um *locus* em que lhe é oferecido hospitalidade. Camargo (2002) destaca que a Hospitalidade *"está presente no pensamento mítico, religioso e científico dos mais diferentes povos"* (idem, *ibid*, p. 5). Sendo assim, o termo Hospitalidade é princípio básico de um grande número de ordens religiosas, sendo que até hoje os mosteiros cultuam as suas regras para um bom funcionamento.

O enfoque sociológico enfatiza as relações sociais de contato e acolhimento daqueles considerados estrangeiros, visitantes, viajantes e turistas, em vários âmbitos, desde a hospedagem à



gastronomia, passando pelo lazer e pelo divertimento. Boff (2005), a partir de uma visão humanista, sinaliza que o ideal da Hospitalidade "*deve ajudar a formular boas leis e a inspirar políticas públicas generosas que viabilizem a acolhida do estrangeiro, do emigrante, do refugiado e do diferente*" (idem, *ibid*, p.107)

O enfoque antropológico destaca a estratégia cultural de convivência, temporária ou permanente, com a alteridade, baseada em ritos de recepção, alimentação, festa e entretenimento. (Silveira, 2005).

Outro enfoque é o mercadológico, que se caracteriza como relação especializada e racional entre dois agentes: anfitrião e hóspede. Essa relação é amparada por uma rede de serviços como hospedagem, alimentação e lazer, contratados entre prestadores de serviços (hotéis, restaurantes) e consumidores (turistas) que estabelecem uma negociação em torno de um determinado produto turístico em seus mais diversos segmentos. Cobra (2001) complementa que "*administrar a demanda em Hospitalidade significa antes de tudo identificar necessidades não atendidas e desejos não realizados*" (idem, *ibid*, p.336).

Todos estes enfoques refletem as especificidades e generalidades do tema, mas durante a prática pedagógica, faz-se extremadamente necessário que o educador elabore no planejamento pedagógico estratégias para a abordagem da hospitalidade como possibilidade de compreender o homem como ser social no mundo e o fato de receber bem ou sentir-se bem recebido são fenômenos culturais e sociais. Isto é, depende tanto de valores e de experiências de quem recebe e promove a hospitalidade quanto de quem é recebido, pois ao deslocar-se, o homem se defronta com modos de vida, de conviver e de receber, diferentes.

Foi objetivo que durante o percurso formativo, os trabalhadores do turismo, hotelaria e comércio, compreendessem que fazer um curso de Gestão Hoteleira sugere muito mais do que receber dicas, instruções ou mecanismos para atuar no turismo, daí a importância fundamental de refletir sobre o sentido de ser "hospitaleiros".

Para isso, é preciso compreender que com o aumento da atividade turística, surgiu a

necessidade de se "industrializar" a hospitalidade e criar certos serviços de atendimento para recepção dos "visitantes". Passou-se a comercializar o ato de receber bem e suas demandas fundamentais envolvendo à alimentação, o lazer e o entretenimento, a hospedagem e o transporte. Quais os interesses ao provocar a industrialização do turismo e da hospitalidade? Qual a relação com o modo de produção dominante e seu impacto nas relações sociais? Quais razões fazem com que as pessoas aiam do seu lugar de origem? Qual seria nosso lugar, nossa cultura e como agimos perante essas mudanças existenciais?

Essas questões permearam o curso e foi de suma importância o papel dos trabalhos em sala de aula e dos debates gerados sobre a hospitalidade para refletir sobre o processo histórico, na dinâmica, na prática e nos conflitos da cidade estimulando perspectivas críticas e reflexões sobre outros assuntos pertinentes do curso, como por exemplo, das migrações internas e externas de trabalhadores no mundo e no Brasil, que conformaram mudanças nas economias locais com o surgimento do turismo; e a realidade social da falta de empregos.

Com estas reflexões pode-se chegar a inquietações como a de não sermos máquinas programadas para executar ações de simpatia, ou de sermos vendedores de sorrisos em troca de dinheiro, assim como de que não basta o mero treinamento para um bom atendimento ao turista. A hospitalidade não foi a mesma sempre assim como a sociedade. Ambas sofreram mudanças, determinadas pelo domínio dos modelos hegemônicos de produção. Na perspectiva crítica, é preciso considerar que:

As trocas humanas, e daí as de hospitalidade e relações no turismo, acabam ocorrendo também como valores-de-uso, valores-de-troca confundidas e misturadas às relações entre sujeitos que visitam e são visitados com relações pessoas - coisas, onde as mercadorias acabam sendo seres humanos olhados diretamente como valores-de-uso ou consumo. Sinonimizar a hospitalidade à gestão hoteleira e serviços com qualidade permite que as relações humanas daí estabelecidas no processo de encontro signifiquem meramente transações

monetárias, sobrepondo o valor de troca mercadológica às trocas de convívio humano. (Plentz, 2007, p. 93).

Conclui-se, pois, que há uma tentativa de padronizar a hospitalidade, estabelecendo-se regras de conduta e etiqueta, absolutamente artificiais em relação às características sócio-culturais estabelecidas. No entanto, é preciso considerar a hospitalidade como algo mais amplo que uma fonte de recursos financeiros. Ela precisa ser encarada como um elemento de desenvolvimento social, que pode e deve expressar a cultura e a identidade de um povo. Essa perspectiva, após os debates em sala de aula, trouxe várias reflexões onde as relações humanas da hospitalidade se valorizaram, assim como a importância da troca na diversidade, ao invés de produzir e enxergar as relações sociais meramente como mercadorias.

O educando Cardozo, F. M. expressa a aproximação dessa perspectiva sobre a hospitalidade abordando que "(...) hospitalidade é ser gentil, agradável, desempenhar bem o seu papel não só no trabalho, mas no seu dia-a-dia, buscando sempre o melhor para receber o turista, não pela sua carteira, mas pela sua pessoa...".

O FETICHISMO DO TURISMO E PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



"A verdadeira base de sustentação do turismo, como qualquer atividade econômica, está no trabalho (quer dizer, na exploração da força de trabalho). Afinal de contas, toda a infra-estrutura de transportes, equipamentos de lazer e acomodação, todos os setores ligados a estruturação turística, enfim, fundamentam-se no trabalho e no consumo do turista". (Ouriques)

Na proposta pedagógica a abordagem do turismo como atividade econômica, possibilitou explorar as mudanças na geografia dos lugares, as relações sociais baseados na lógica do capital, que explora a força de trabalho e o tempo livre dos trabalhadores. A partir de uma perspectiva histórica, desde a Revolução Industrial até as transformações do mundo do trabalho contemporâneo, buscou-se enfatizar o turismo

como uma atividade econômica "planejada" no modo de produção capitalista, com interesses na ocupação de territórios, novos e exóticos para a mercantilização das paisagens, subordinando as localidades ao desenvolvimento do capital.

Observa-se, nessa lógica, o abandono das formas tradicionais de produção da existência da vida humana e a perda das origens das manifestações culturais das comunidades, que aparecem de forma ressignificada nos atrativos turísticos. A transformação dos espaços físicos, geográficos e dos serviços públicos atende as demandas da exploração econômica da atividade turística em detrimento dos interesses das comunidades, como alerta Ouriques:

Diante das disparidades regionais causadas pelo desigual desenvolvimento capitalista tanto no espaço quanto ao longo do tempo, em muitas localidades brasileiras o turismo acabou sendo disseminado por poderosos mecanismos ideológicos, notadamente os meios de comunicação. Tal disseminação, inicialmente, é feita pelo meio político quanto pelo meio empresarial. Posteriormente, quando a ideologia do desenvolvimento turístico está arraigada, até mesmo o mais humilde dos cidadãos passa a acreditar que o turismo é uma atividade benéfica, a verdadeira "salvação da lavoura", a "tábua de salvação dos naufragados pelas vicissitudes econômicas locais. (OURIQUES, 2005, p.1)

Tal realidade, após estudos sobre o fenômeno do turismo, foi confrontada pelos educandos com suas realidades, que propiciaram visões críticas sobre vários temas como a exploração do trabalho,

(...) O turismo surge como atividade econômica e como fenômeno social. Está relacionada com a luta histórica dos trabalhadores por melhores salários e pela redução da jornada de trabalho, com esta conquista a preocupação dos capitalistas era com o uso do tempo livre dos trabalhadores (...). (educanda Marcella Carbonell)

Sobre a mercantilização da paisagem,

(...) os locais mais propícios para o turismo estão diretamente relacionados ao meio



ambiente, ou seja, matas, rios, e praias, áreas até então intocadas pelo homem (...) morando numa cidade que explora o turismo diretamente, sofremos com os sintomas do avanço da especulação imobiliária sobre os terrenos próximos às praias. (educanda Sandra Correa R. Martins)

Sobre o impacto do turismo na economia local,

(...) em locais onde a atividade turística é mais intensa e tem peso econômico, se observa o aumento do custo de vida. Ir ao supermercado é muito caro, os terrenos e as casas do lugar ficam mais valorizadas e em consequência aumentam os aluguéis e os impostos (...) (Marcella Carbonell)

E finalmente sobre a implementação das grandes redes e o acirramento da desigualdade social:

"As grandes empresas compram os terrenos da população nativa com pouco dinheiro e faturam muito construindo grandes empreendimentos (...)". (José Ernani)

"É claro que toda essa estrutura, todos os serviços tem um preço que a maioria das pessoas provavelmente não poderia pagar. É um sonho para poucos num país de muitos!". (Lílian Cantarelli Schellin).

Ou seja, ao discutir as concepções de turismo e qual é a hospitalidade oferecida, provocou-se no processo educativo a possibilidade de reflexões críticas acerca da hegemonia do capital. Ao resgatarmos a realidade concreta dos educandos que buscam a qualificação profissional exigida pelas transformações do mundo do trabalho foram confrontados os problemas da sazonalidade do setor, da exploração da força de trabalho, das relações de poder na hotelaria e na sociedade em geral, estimulando o ser curioso (Freire, 1996) com novas questões sobre as condições materiais e históricas.

Como podemos ver, a intencionalidade da prática pedagógica na educação integral propiciou uma maior compreensão da realidade na perspectiva de os trabalhadores intervirem na sua transformação, seja no bairro, na comunidade, no local de trabalho, na vida familiar, a partir de seu auto-reconhecimento como autor do trabalho,

como trabalhador e como a classe trabalhadora.

Outra questão importante refere-se as expectativas em relação ao curso de Gestão Hoteleira, que num primeiro momento, apareceram numa perspectiva de mero treinamento para a inserção ou atualização no mercado de trabalho contemporâneo via re/qualificação profissional. Pudemos, no Percurso Formativo, problematizar essa visão que se relaciona às novas estratégias do capitalismo contemporâneo, onde:

Observa-se mudanças tanto no perfil das ocupações quanto na subjetividade dos trabalhadores, que vêm acirradas a competição num mercado de trabalho cada vez mais escasso. Passa-se a exigir um novo perfil do trabalhador, sendo a qualificação profissional colocada como principal elemento...Os trabalhadores que foram alijados do sistema educacional são aqueles que mais têm sofrido as consequências desse processo, sendo culpabilizados pela sua situação de precarização e ou de desemprego. (Miyashiro, 2007, p.48)

Sendo assim, a prática educativa do curso apoiou-se no contexto atual e visou respeitar as diferentes histórias de vida, culturas e leituras de mundo para assegurar os conhecimentos técnicos como ferramentas emancipadoras, tendo em vista a inserção no mundo do trabalho. Ao compreender que *"(...) as experiências concretas dos trabalhadores se revelam sempre ricas, contendo elementos que expressam a condição de classe e de elementos que reproduzem as visões dominantes (...)"* (ETHCI, 2005), por meio de estudos e análises, buscamos estimular os educandos, a partir de suas vivências, a promoverem novas leituras de sua realidade. Isso favoreceu a ampliação da criticidade do grupo, ressaltando que no processo educativo podemos tomar consciência *"integrando a experiência de vida como experiência educativa para observar o real, captando o fenômeno imediatamente percebido, buscando realizar um salto da percepção do imediato para a compreensão histórica e ao descobri-la identificamos sua origem, sua essência para exercitar a crítica sobre a exploração do trabalho e a solidariedade entre os trabalhadores"* (ETHCI, 2005, p.52).

O desafio maior desta experiência transformadora foi compreender a Educação Integral como possibilidade de formação para a

classe trabalhadora para gerar um processo de mudança em suas próprias experiências. Ao sentirem-se protagonistas, sujeitos de sua aprendizagem, os educandos podem transcender e transformar a realidade em que estão inseridos. Assim, gostaria encerrar este artigo com as palavras de Freire:

Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar de ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se me reiterar, é problemático e não inexorável. (FREIRE, 1996, p.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, L. Virtudes para um outro mundo possível. In: Vol. I: Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2005.
- BRITTO, L. P. L.. Educação de adultos trabalhadores na sociedade industrial, In: Contra o consenso: cultura escrita, e participação. Campinas: Mercado de Letras, (Coleção Idéias sobre Linguagem), 2003.
- CAMARGO, L. O. de L. Hospitalidade, São Paulo: Aleph, 2 ed., 2004
- COBRA, M. Marketing de turismo, São Paulo: Cobra, 2 ed., 2001
- FANTIN, M. - Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis, Florianópolis, Ed. Cidade Futura, 2000.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP, Ed. Paz e Terra, 1996.
- KOSIK, K. Dialética do Concreto, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 5ª edição, 1989.
- MARX, K. O Capital, v. I, São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1988.
- MIYASHIRO, R.. O projeto político-pedagógico da Educação Integral dos Trabalhadores da Escola de Turismo e Hospitalidade Canto da Ilha: uma educação para além do mercado, In Revista, Turismo e Hospitalidade: Desenvolvimento metodológico para a Qualificação Sócio-profissional e Desafios da Negociação e Contratação Coletiva e Certificação, organizado por CONCEIÇÃO, M., MIYASHIRO, R., e LARENTES, A., São Paulo: CUT, 2007.
- MORETTO, R. N. e MIYASHIRO, R. Educação Integral dos Trabalhadores: Projeto Político Pedagógico, Proposta Curricular na Área do Turismo e Hotelaria, MIYASHIRO, R. e MORETTO, N. R., organizadores, Florianópolis, CUT, 2005.
- OURIQUES, H. R. A produção do turismo: Fetichismo e dependência, Campinas, São Paulo, Ed. Alínea, 2005.
- OURIQUES, H. R. Um breve panorama sobre o desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo, In Revista, Turismo e Hospitalidade: Desenvolvimento metodológico para a Qualificação Sócio-profissional e Desafios da Negociação e Contratação Coletiva e Certificação, organizado por CONCEIÇÃO, M., MIYASHIRO, R., e LARENTES, A., São Paulo, CUT, 2007.
- PLENTZ, R. S. Dialética da hospitalidade: caminhos para a humanização. In: Dissertação (Mestrado em Turismo) - UCS, Caxias do Sul, RS, 2007.
- RAMOS, M. N. A educação dos trabalhadores e a utopia da plena formação humana, mimeo. (s.d.).
- SILVEIRA, E. S. Da. Hospitalidade: notas conceituais, antropológicas e históricas. In: DIAS, Reinaldo; PIMENTA, M. A. (orgs). Gestão de Hotelaria e Turismo. São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2005.



2.6. EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES: O ENSINO DA ARTE NUMA PERSPECTIVA INTEGRAL E CRÍTICA

Juliana Walendy*

O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele.
(Augusto Boal)

No contexto atual das duras relações humanas no mundo do trabalho, procuramos algumas estratégias pedagógicas para trabalhar a arte no sentido de sensibilizar o olhar embrutecido dos sujeitos submetidos a esta triste lógica do capital. Quem seria este trabalhador que, apesar da extenuante jornada de trabalho, ainda improvisa, num esforço de produzir a beleza única, num tempo que não o pertence mais?

O ensino da arte numa perspectiva crítica e emancipadora revela uma clara opção e foi adotada nos cursos de Arte e Cultura (artes visuais, cênicas e recreação), ministrados na ETHCI-CUT para a construção curricular, relacionando-se diretamente aos pressupostos teórico-metodológicos presentes no projeto político pedagógico de Educação Integral dos Trabalhadores.

Buscamos construir novos sentidos para o espaço educativo por meio da integração dos educandos e o estímulo à sua participação na construção de novos conhecimentos, pois a escola deve ser entendida como um local de acesso ao saber historicamente acumulado. De acordo com Saviani (1984), "a escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência)". Nesse caso, há um esforço no sentido de explicitar que o saber elaborado não pode ser entendido de forma acabada (Freire, 1979), e principalmente pretendemos que o trabalhador reconheça a sua capacidade de produzir novos conhecimentos tomando consciência de seus saberes. O resultado dessa relação dialética será a busca da aplicação dos conhecimentos desenvolvidos em sua realidade a fim de transformá-la.

O educador, nessa proposta de educação, deve participar ativamente da tarefa de definição dos conteúdos na intencionalidade de relacioná-los às experiências de vida dos educandos, incorporando seus interesses e necessidades. Entendemos que não podemos isolar a

aprendizagem dos condicionantes históricos presentes na experiência de vida de cada um.

As atividades desenvolvidas foram planejadas tendo como ponto de partida as problemáticas sócio-culturais, políticas e econômicas do contexto contemporâneo. O objetivo primeiro, em nosso entendimento, relaciona-se à intenção de modificar esta dura realidade em que estamos inseridos.

Para o desenvolvimento dos cursos de arte e cultura traçamos objetivos que pudessem ir além do discurso da empregabilidade. Era preciso enternecer os corações e a forma de olhar as relações humanas. "Desindividualizar" os sujeitos... Levá-los a perceber a importância das lutas coletivas e das atitudes solidárias.

Tudo isso foi abordado por meio da arte numa proposta onde a indignação poderia contribuir para a formação de grupos de oposição e denúncia, que se apoiariam na linguagem artística para expressar estes sentimentos e convencer o nosso grupo social de que fazemos parte de um mesmo grande grupo.

AS TRAJETÓRIAS DE VIDA



Para nós, enquanto educadores, trabalhar as trajetórias de vida dos educandos significa desencadear o processo de ensino-aprendizagem de forma que estes possam iniciar uma reflexão sobre quem são eles mesmos, enquanto trabalhadores.

Na estratégia pedagógica da educação integral, torna-se muito importante deixar claro nossas intencionalidades, pois os educandos também questionam qual a relação entre experiências pessoais e o processo educativo. A expectativa pelo saber que possibilita o emprego é o grande desejo destes grupos, e neste caso, a construção coletiva do conhecimento é um processo um pouco mais longo do que esta emergência da vida social.

Percebemos que, historicamente, a arte foi utilizada como ferramenta de expressão e luta por muitos grupos oprimidos, seja para explicitar a exploração ou denunciar a desigualdade social. Como já afirmava Mayakovsky: "A arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para

*Atuou como educadora na ETHCI/CUT.
É pedagoga pela UDESC.

forjá-lo!". Ou seja, trabalhar, por exemplo, com o Teatro do Oprimido reflete claramente uma opção político-social. Acreditamos que tanto na arte quanto na educação, a "neutralidade" implica em um posicionamento. Seja dos opressores, daqueles que estão no poder, ou não. Enfim, tentar manter-se neutro é permitir que as formas de opressão continuem existindo. É a partir deste pressuposto que desenvolvemos a educação integral dos trabalhadores. É preciso refletir, causar crises para possibilitar um salto no debate sobre a educação e seu papel numa sociedade de classes.

Novas formas de pensar a educação parecem nascer a todo o momento. Porém, além do pensar, há que se fazer! Trabalhar com jovens e adultos na perspectiva de que cada indivíduo perceba-se no processo enquanto ser humano possuindo conhecimentos acumulados em suas trajetórias de vida, não é tarefa das mais fáceis, ainda mais quando o educador deixa explícito que é a partir desses conhecimentos que serão desenvolvidos os conhecimentos específicos de certa área. Alguns educandos demonstram estranhamento pois, muitas vezes, não dão crédito às suas próprias experiências.

Em suma, as trajetórias foram orientadas com foco no percurso de vida dos sujeitos e a relação deste percurso com o mundo do trabalho tendo como objetivos: valorizar o conhecimento acumulado dos educandos; iniciar o processo educativo a partir desses mesmos conhecimentos; demonstrar a importância da aprendizagem coletiva e da troca de experiências e estimular a participação na construção do conhecimento. Procuramos dar ênfase à questão do Trabalho e sua importância na vida desses sujeitos, provocando reflexões que dizem respeito à questão: Quem sou eu dentro desta estrutura social? Processo esse que pode levar o educando a muitas reflexões, aproximando-se do complexo entendimento do homem enquanto sujeito histórico sobrevivendo em uma sociedade de classes, pertencente, portanto a uma delas. Desta forma, as trajetórias abrem um leque de possibilidades no sentido de valorizar esses educandos, seus saberes acumulados cujas trocas de experiências podem ser melhor aproveitadas através da atuação (mediação) do (a) educador (a), contemplando as expectativas e esperanças dos trabalhadores.

A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO



A abordagem teórica foi apoiada nos

artistas que fizeram de sua arte um veículo de organização social e denúncia de todo tipo de violência e exclusão. Apoiamo-nos em Brecht, por entender que ele impulsionou a idéia de um teatro proletário, pois para ele o teatro é o lugar onde se revelam as contradições cabendo ao artista a missão de explicitá-las e ao expectador uma reação posterior que pudesse impulsioná-lo a interferir na realidade, como resume em uma de suas anotações compiladas no livro "Diário de trabalho":

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai sobretudo o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar. (Brecht, 1977)

Boal (1974) lembra que "todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas". Este foi um dos principais autores que nos acompanharam nesta empreitada, pois foi ele quem, através do teatro, mostrou para a classe trabalhadora que esta pode ser uma arma revolucionária a serviço da emancipação humana. Ele acreditava que era preciso que os meios de produção da linguagem teatral fossem apropriadas pelos trabalhadores para a construção de um teatro próprio, e por meio dele discutir os problemas e formular estratégias coletivas para a transformação social. Postulando o ensaio para a revolução em suas produções, ele analisa:

Que não reste nenhuma dúvida: Aristóteles formulou um poderosíssimo sistema purgatório, cuja finalidade é eliminar tudo que não seja comumente aceito, legalmente aceito, inclusive a revolução (...) Trata-se de frear o indivíduo, de adaptá-lo ao pré-existente. Se é isto o que queremos, este sistema serve melhor que nenhum outro. Se, pelo contrário, queremos estimular o espectador a que transforme sua sociedade, se queremos estimulá-lo a fazer a revolução, nesse caso teremos que buscar outra Poética. (Boal, 1974)

Ainda tantos outros grandes nomes nos ampararam na discussão da arte enquanto denúncia da realidade como Picasso, Castro Alves, Maiakovsky... O mais importante foi perceber que esses e tantos outros poetas nos



fizeram acreditar "que este mundo é passível de mudança e que ela não se dá assim por conta própria, mas depende quase que exclusivamente da mudança que acontece primeiro dentro da gente", conforme alerta Maristela, educanda de arte e cultura. E continua: "*a gente só pode fazer a diferença quando passa a acreditar na nossa própria capacidade, e este percurso me mostrou isso*".

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DOS TEMAS



Os temas permanentes Transformações no Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade, Saúde dos Trabalhadores, Meio Ambiente e Relações Sociais, Questões étnicas e de gênero; Cultura e Trabalho, dentre outros, estiveram presentes e integrados durante todo o Curso Formativo e permearam as discussões mesmo quando o objetivo principal da atividade não estava ligado a estes inicialmente e foram desenvolvidos como forma de explorar os conteúdos técnicos, entendidos como estratégicos para potencializar a recriação dos conhecimentos e não como um fim em si mesmo. Somos sujeitos complexos e históricos e de forma alguma pretendemos fragmentar o conhecimento.

A palavra TRABALHO esteve presente durante todo o processo educativo e por se tratar de cursos de qualificação profissional, foi realizada uma abordagem pedagógica para qualificar a forma de olhar para o trabalho, numa compreensão mais ampla de seu sentido, para além do capital.

Assim como nos outros cursos procuramos atender as necessidades dos trabalhadores do setor. Numa época de dificuldades na valorização das manifestações artísticas, a qualificação profissional na área, muitas vezes, ganha o status de "passatempo" ou "esporte". No decorrer do curso procuramos mostrar a realidade deste trabalho, bem como outras possibilidades que se abrem para o ator, trabalhador de uma região de economia turística. Aliados a esta preocupação, estão os objetivos do curso em demonstrar que a arte pode ser utilizada como ferramenta de luta dos trabalhadores para melhores condições de vida, como veículo de denúncias das diferenças e necessidades sociais. Outras conexões com o mundo do trabalho se deram a fim de ampliar as possibilidades de inserção no mundo do trabalho.

Logo no primeiro trabalho cênico da turma, trabalhamos em pantomima as cenas que

mostrassem a exclusão que os próprios educandos já tivessem vivenciado.

Após assistir e discutir a situação dos sujeitos em cada uma das cenas, fomos explicitando elementos para que estes percebessem que estas situações são provenientes de um tipo de sociedade que pratica a exclusão em diversos níveis, e principalmente que nós, muitas vezes, somos praticantes da mesma. Além disso, foi possível levá-los a refletir sobre as divisões dessa sociedade: quem somos nós nessa divisão? Os excluídos de que lado estão? Portanto se há dois lados, nós estamos em qual deles? A peça "O Grito" expressou essa discussão por meio de uma montagem tragicômica que retrata diversos "tipos" sociais - oprimidos e opressores, numa constante tentativa de mudança. Até o ponto que oprimidos percebem-se como a maioria e unidos juntam as forças para combater o sistema que os oprime.

Foi grande também a nossa preocupação em ampliar o grau de letramento, a leitura de mundo dos educandos. Para tanto, a metodologia por meio da promoção de leitura, da realização de debates possibilitou observar diferentes formas de interpretação escrita, onde os educandos puderam avaliar suas próprias atividades e desenvolver aos poucos a capacidade de interpretação e síntese, entendidas por nós como uma ferramenta das mais importantes para a emancipação dos sujeitos neste contexto social. Para analisar a realidade dos trabalhadores do setor do turismo e hospitalidade foram realizadas saídas de campo com objetivos de conhecer esta realidade, aproximar estes trabalhadores e refletir sobre as exigências do mercado, conhecer nossos direitos enquanto trabalhadores e pensar novas alternativas de trabalho e renda, ampliando nosso campo de atuação a partir de nossas próprias experiências.

Particularmente, a abordagem da arte com atividades pedagógicas lúdicas colaboraram muito para que toda a turma compreendesse a importância da valorização do próprio saber. Afinal de contas, atividades divertidas para reunir pessoas já haviam sido vivenciados ou presenciados em alguma etapa da vida, seja na infância ou no trabalho, pois estas formas de socialização estão presentes em nosso cotidiano e que, às vezes, são banalizadas. Foi sugerido que aos trabalhadores educandos que pensassem em atividades conhecidas, pesquisassem outras atividades novas e recriassem atividades que já haviam presenciado e desta forma, foi possível construir coletivamente uma coletânea de

atividades recreativas para grupo e dentro do tema recreação, levantamos uma questão muito interessante: Como atender a uma demanda do mercado que surge com a recreação em hotéis, e se configura como mais um atrativo para a venda da mercadoria turística?

Neste caso trabalhamos os objetivos das atividades recreativas. Estudando um pouco, percebemos o quanto ela é atual no que se refere à formação de trabalhadores e equipes de trabalho para o bom desempenho das funções e organicidade do trabalho empresarial. Fizemos o caminho do raciocínio que é utilizado para a educação das crianças através das brincadeiras: Num mundo competitivo é importante que as crianças aprendam a ganhar e perder. E nós? Nós queremos um mundo competitivo?

Como as respostas a essa questão foram negativas, nos desafiamos a pensar em atividades que modificassem essa estrutura de pensamento para criar possibilidades não focadas apenas no mercado. Isto é, podemos trabalhar com recreação ou qualquer outra coisa, desde que estejamos preparados para refletir sobre o nosso trabalho e os frutos dele. Sugerimos então atividades onde ninguém vence ou perde, considerando que todos estão ganhando ao divertirem-se juntos, e propomos também desafios, onde todo grupo envolvido era responsável por atingir objetivos em comum, sem provocar diferenciação entre os sujeitos. A estratégia foi testar atividades Cooperativas versus atividade Competitivas.

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Desde o início o desenvolvimento da proposta de Educação Integral apresentou-se como um desafio, principalmente ao trabalhar com jovens e adultos numa perspectiva que pretende perceber cada indivíduo no processo enquanto ser humano que carrega os conhecimentos acumulados de sua trajetória de vida, procurando levá-lo a refletir sobre ele mesmo enquanto sujeito historicamente construído.

A classe trabalhadora, além da dificuldade de enxergar-se enquanto classe acaba por não valorizar os seus próprios saberes acumulados, pois foi assim que passaram pela escola tradicional da vida. Os trabalhadores, pautados nos discursos dominantes que exigem diplomas para comprovar saberes, acabam abrindo mão de conhecimentos desenvolvidos ao longo de muitos anos por eles mesmos.

Durante o processo percebemos, muitas vezes, a necessidade de discutir a Educação Profissional, tendo em vista que as exigências do mercado de trabalho parecem assombrar o tempo todo a vida desses jovens e adultos, que tendem a abandonar o processo, não por falta de compreensão ou envolvimento, mas pelo fato de estarem presos a uma estrutura de trabalho onde são quase máquinas.

Percebemos a importância do envolvimento dos educadores com o projeto educacional. Ora, se essa educação não servir a classe trabalhadora e aos seus interesses, servirá aos interesses de quem?

Na área da Arte e Cultura todas as perspectivas foram voltadas para a valorização social dos saberes dos educandos que configura-se num avanço ao desenvolver simultaneamente conteúdos técnicos e gerais quebrando a lógica da fragmentação do conhecimento. A experiência das artes deixou isso muito claro, mostrando e importância do trabalho na integralidade, cujas técnicas foram desenvolvidas de forma contextualizada e crítica.

Os limites que ainda percebemos estão mais ligados à condição de educação de jovens e adultos trabalhadores no atual contexto social, do que com a proposta pedagógica em si mesma. A construção da Educação Integral leva tempo, pois configura-se num processo, que requer acúmulos teóricos e práticos, pois a Qualificação Profissional insere-se num campo de disputas ideológicas onde, de um lado, estão os trabalhadores e suas necessidades e, de outro, a realidade do mundo do trabalho e as desafios da educação brasileira de caminhar numa perspectiva emancipadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005. Edição revista.
BRECHT, Bertold. Estudos sobre teatro. 2ª.ed. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2005.
BRECHT, Bertold. Antologia Poética. Garatuja. 1977.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In Ensino médio integrado: concepções e contradições. CIAVATTA, M, RAMOS, M (orgs.) 2005. São Paulo, Cortez, 205
SAVIANI, Demerval. O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. Revista da ANDE, n.7, 1984.

**UMA NOVA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
É POSSÍVEL**

1. SOCIALIZANDO OS PERCURSOS FORMATIVOS

A EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES orienta-se por uma proposta de Educação que tem como abordagem permanente a construção coletiva do conhecimento, numa perspectiva crítica. Como o público do projeto são jovens e adultos oriundos de diferentes realidades, possuidores de histórias de vida, saberes e escolaridade diferenciados, não se pode conceber a relação educando - educador como uma simples transferência de informações e conceitos. Principalmente porque um dos objetivos estratégicos é o de possibilitar ao educando compreender-se enquanto sujeito de um processo histórico, que em um determinado território, faz a sua história interagindo com outros sujeitos. Ou seja, ao final dos Percursos Formativos o que se almeja é que os educandos possam ampliar seus conhecimentos para a vida e para a inserção e/ou permanência no mundo trabalho em um outro patamar, bem como organizar-se na comunidade para fomentar ações coletivas em busca da melhoria das condições de vida para todos.

Nesta medida, educandos e educadores devem interagir de modo a respeitar os diferentes saberes trazidos ampliando as possibilidades de apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados, pautando-se em relações de troca e não de transferência mecânica de conteúdos.

Esta concepção de educação pressupõe momentos de debate, reflexão crítica, pesquisa e sistematização - sempre tendo a identidade do grupo, sujeitos coletivos, como elemento-chave para o desenvolvimento das ações pedagógicas.

Trazemos aqui a riqueza de possibilidades que esta concepção de Educação abre. Os percursos formativos da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha constituíram-se em momentos de apreensão das expectativas dos educandos trabalhadores bem como a PERCEPÇÃO DO GRUPO acerca dos temas e conceitos trabalhados; de TRABALHO COM CONTEÚDOS, expresso em textos, poemas, imagens, músicas, etc. a partir dos temas abordados relacionados ao cotidiano de trabalho e de SÍNTESE dos

conhecimentos construídos.

Os desafios que se colocam para a construção de uma nova abordagem educativa junto aos trabalhadores jovens e adultos são inúmeros. Por isso, reafirmamos a importância da formação permanente e sistemática dos educadores para a superação dos limites instituídos na educação formal e autoritária no qual os conhecimentos são tratados de forma estanque, acrílica e distante dos sujeitos.

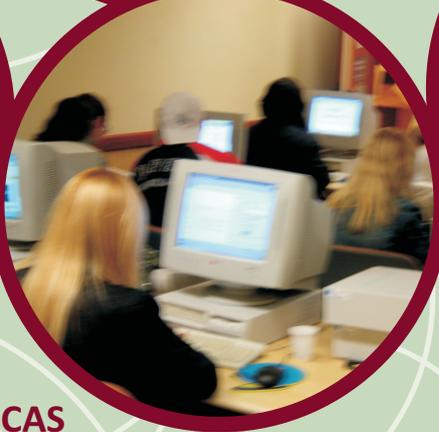
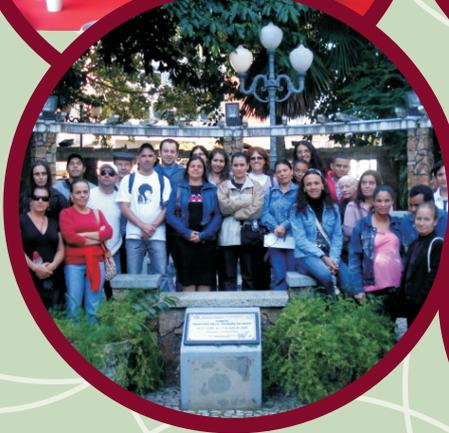
Portanto, uma abordagem da totalidade histórica requer uma postura *investigativa* e *rigorosa metódica*, como nos alerta Paulo Freire, para não incorrerem em práticas voluntaristas ou espontaneístas. Buscamos, assim, superar a educação "bancária" que se expressa em processos de mera transmissão de conteúdos, pois "*nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo*" (Freire, 2002).

A identidade metodológica da Educação Integral no desenvolvimento dos diferentes cursos de Educação Profissional foi explicitada na abordagem de TEMAS PERMANENTES sobre o eixo Trabalho, Cultura e Tecnologia. Ou seja, os cursos de Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade, Gastronomia e Identidade Cultural, Comunicação e cultura: Língua Espanhola, Gestão Hoteleira e Arte e Cultura, integraram as especificidades de cada área com os temas relacionados às Transformações no Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade e as alternativas de trabalho e renda, ao Meio Ambiente e Relações Sociais, às Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores, às questões de gênero e etnia, Políticas Públicas: Educação, Cultura e Trabalho e a história de luta dos trabalhadores.

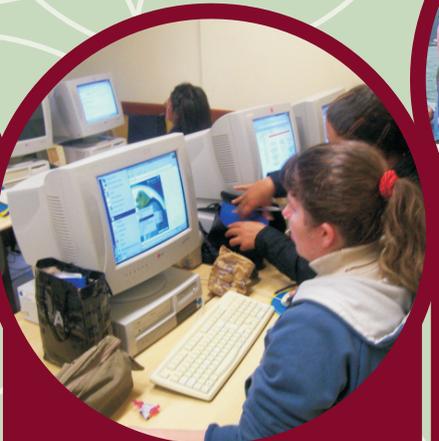
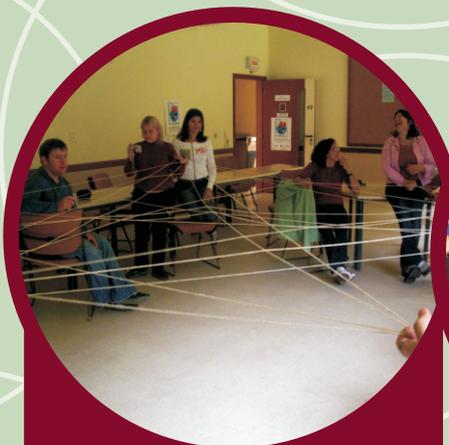
Compartilhamos, a seguir, uma amostra dos trabalhos pedagógicos realizados que conformaram a riqueza do processo educativo de Educação Integral dos Trabalhadores.

1.1. INFORMÁTICA E O MUNDO DO TRABALHO NO TURISMO E HOSPITALIDADE

AS TURMAS



AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



A dinâmica do barbante possibilitou a visualização da comunicação via internet através da formação da teia. Teve como objetivo integrar os educandos e propor o envio de mensagens eletrônicas aos companheiros (as) de acordo com a conexão do barbante.

As elaborações individuais e coletivas de cada tema/conteúdo abordado foram a base para a utilização das ferramentas da informática nas aulas realizadas no Laboratório durante o percurso formativo.

As atividades coletivas de ampliação cultural foram importantes tanto para a integração entre as turmas da ETHCI quanto para despertar o conhecimento sobre a história. Foi marcante a visita a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim para conhecer melhor a história da Ilha e avaliar as condições de trabalho no setor de Turismo e Hospitalidade.



Outra saída de campo significativa, foi a visita ao Centro de Florianópolis para um novo olhar (ou mesmo o conhecimento) sobre a cidade. Nesta oportunidade, foram trazidos elementos da história para o conhecimento das influências na arquitetura e estrutura do local. Foram visitados o museu Cruz e Souza, a Catedral da Praça XV, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Mercado da Alfândega e Mercado Público.



Na abordagem do tema Qualificação Profissional e Desemprego foram realizados estudos em grupos, elaboração de cartazes e a análise do mercado de trabalho e a re/elaboração dos currículos por meio de pesquisas na internet e utilização de editor de textos.



Varal de textos produzidos pelos educandos a partir do debate sobre a questão o consumismo e produção do descartável na sociedade, principalmente em relação ao "lixo tecnológico".



Um dos temas polêmicos sobre o turismo refere-se a exploração sexual infanto-juvenil. O painel ao lado foi resultado dos estudos e debates sobre o assunto.

ELABORAÇÃO DE BLOG COLETIVO DAS TURMAS

<http://informaticamanha.blogspot.com>
<http://informaticamatutino.blogspot.com>
<http://informaticavespertino.blogspot.com>
<http://turmavespertino.blogspot.com>
<http://turmanoturno.blogspot.com>



Nas discussões sobre o mundo do trabalho no turismo e hospitalidade, a questão da jornada de trabalho ganhou centralidade culminando com estudos e elaboração de painéis em torno da campanha pela Redução da Jornada de Trabalho

1.2. GASTRONOMIA E IDENTIDADE CULTURAL



Construção coletiva de painéis, trabalhos em grupos, saídas de campo e conhecendo as ervas condimentares



Como atividade inicial do curso, foi realizada a dinâmica da árvore das expectativas onde os educandos puderam expor suas expectativas em relação ao curso. Essa atividade trouxe vários elementos para serem trabalhados ao longo do Percorso Formativo, integrando-se aos dados das trajetórias de vida e de trabalho.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DO PERCURSO FORMATIVO

Socializamos a seguir o painel dos trabalhos de conclusão do curso de Gastronomia e Identidade Cultural que objetivaram a elaboração de uma síntese dos conteúdos trabalhados por meio da criação coletiva de pratos.

Como desafio, se propôs que os grupos elaborassem pratos apenas com produtos regionais e com valor de custo definido. Na avaliação foram considerados os seguintes aspectos: apresentação e contexto do prato, criatividade, sabor, equilíbrio nutricional, planejamento e organização.

Apesar da complexidade da proposta, os resultados foram plenamente alcançados e os trabalhos demonstraram a riqueza de saberes e o comprometimento dos educandos e educandas. Ressaltamos que os pratos elaborados do menu (entrada, prato principal e sobremesa) tiveram o custo médio por pessoa de R\$6,00.

Estas criações estão inseridas no livro de receitas inéditas da ETHCI. Esperamos que todos compartilhem conosco os frutos do trabalho de Educação Integral na Gastronomia!



Chips de batata doce



Creme tropical



Batata doce picante



Surpresa de amendoim

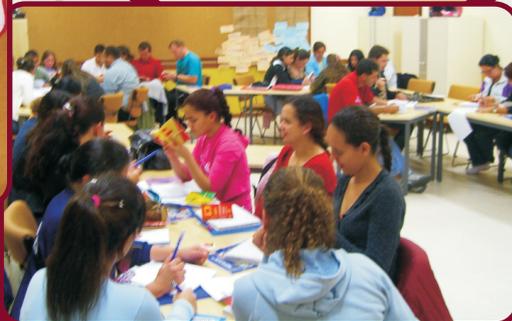
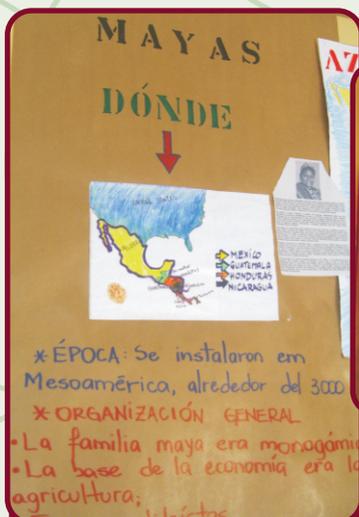
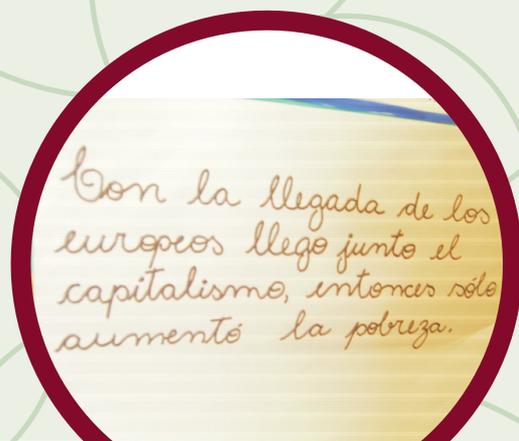


1.3. COMUNICAÇÃO E CULTURA: LÍNGUA ESPANHOLA

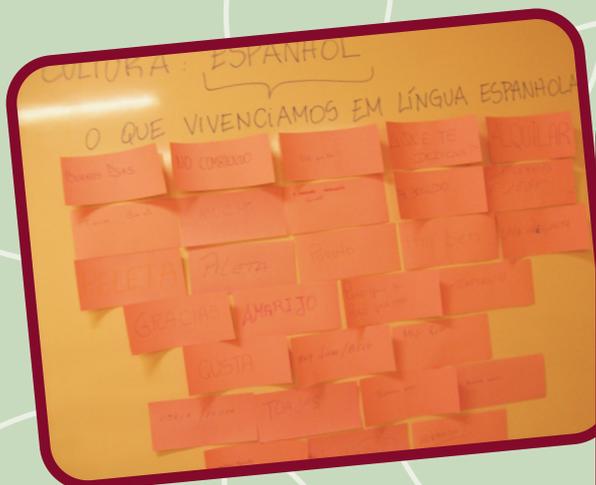
AS TURMAS



AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



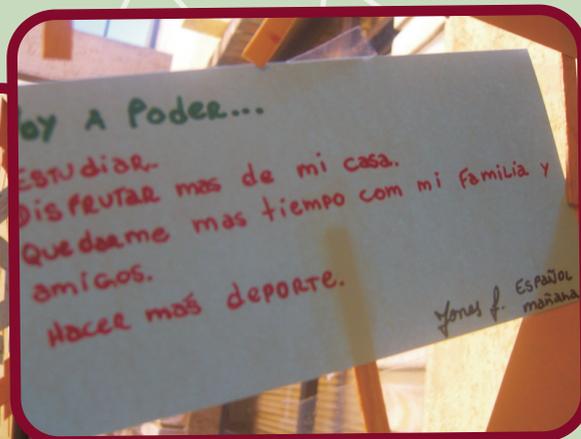
As abordagens pedagógicas possibilitaram momentos ricos de apreensão da Língua Espanhola mediante a troca de saberes prévios, a reflexão sobre o mundo do trabalho no turismo e hospitalidade e a ampliação cultural por meio dos conhecimentos sobre a América Latina. Em todas as atividades (individual e em grupos) foram exploradas as dimensões do letramento dos educados e a desmistificação da Língua Espanhola.



Para iniciar o trabalho com a língua espanhola foram realizadas atividades para levantamento de palavras conhecidas e das trajetórias de vida, que possibilitaram mapear as expectativas, as origens e a realidade do grupo. Baseado nestes saberes, o planejamento foi adaptado ao perfil da turma.



Foram realizadas diversas vivências em sala de aula para o uso social da língua espanhola, através da elaboração de diálogos com base em situações concretas de trabalho a fim de possibilitar maior autonomia dos (as) educandos (as) no seu cotidiano, por meio de exercícios de conversação.



O desenvolvimento da temática relacionada às condições de trabalho no setor do turismo integrado ao trabalho com conteúdos da língua espanhola possibilitaram a ampliação dos conhecimentos sobre a realidade dos trabalhadores dos países da América Latina tendo como mote a pesquisa sobre a questão da jornada de trabalho. Oportunizou também a reflexão e expressão escrita na nova língua sobre os usos do tempo livre por cada um, caso houvesse a redução de suas cargas horárias de trabalho.

1.4. GESTÃO HOTELEIRA



**VISITAS TÉCNICAS
A DIFERENTES MEIOS
DE HOSPEDAGEM**

PRODUÇÃO DE PAINÉIS SOBRE VÁRIOS TEMAS



Os trabalhos acima foram frutos dos estudos e debates sobre a exploração dos atrativos naturais, a hospitalidade e o marketing hoteleiro na sociedade das mercadorias

precisamos consumir
queremos??? NÃO!!
Podemos ser "escravos" das
necessidades mas não
DAQUELES que nos p
ILUSÕES.

Francisco
Lugo
Rick



TRABALHOS DE CONCLUSÃO DO CURSO



Os trabalhos de conclusão do curso tiveram como objetivos estimular a sistematização dos conteúdos abordados ao longo do Percuro Formativo desafiando os educandos a refletirem e construirém pré-projetos com propostas de gestão e novos conceitos de meios de hospedagem (incluindo a análise do entorno e do perfil do público a ser atendido). Foram elaborados vários trabalhos como maquetes, plantas, materiais de divulgação etc.



1.5. ARTE E CULTURA

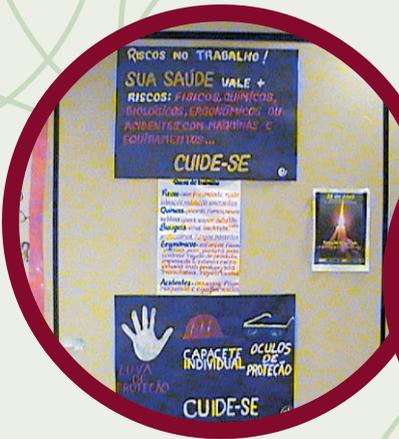
PESQUISANDO E REFLETINDO



CRIANDO PERSONAGENS E ENCENANDO...



E DENUNCIANDO...



Painel e peça teatral
abordando a temática
da saúde dos
trabalhadores



1.6. ATIVIDADES COLETIVAS



Durante a semana do 1º de Maio foram realizadas palestras, debates e atividades sócio-culturais. Temas como condições de trabalho, saúde dos trabalhadores, plano diretor e o turismo atraíram a presença da comunidade para participar das atividades desenvolvidas.

GRITO DOS EXCLUÍDOS



As atividades coletivas integrando todas as turmas para os debates em torno do desenvolvimento, trabalho e turismo realizado na semana de 7 de Setembro foram momentos marcantes e culminaram com diversas elaborações coletivas de painéis.



CONSCIÊNCIA NEGRA



Na Semana da Consciência Negra foi realizada palestra sob o tema “Negros (as), Trabalho, Educação e Políticas Públicas” que contou com a apresentação de indicadores de desigualdades entre negros e brancos e debate sobre as políticas públicas para a promoção da igualdade racial com foco no mundo do trabalho e educação.

FORMATURAS



Os atos culturais de Formatura foram espaços pedagógicos de grande riqueza, possibilitando aos trabalhadores formandos socializarem os conhecimentos construídos nos Percursos Formativos para a comunidade, familiares e representantes do poder público, dos trabalhadores e do setor empresarial. Sem dúvida, mais que um momento relevante de visibilidade do Projeto de Educação Integral dos Trabalhadores no Turismo e Hospitalidade, a formatura expressou quão significativo, do ponto de vista do resgate da dignidade humana e da auto-estima, é para as pessoas, a oportunidade de participar de um processo educativo.





OS FORMANDOS

Gestão Hoteleira



Comunicação e Cultura: Língua Espanhola



Informática e Mundo do Trabalho no Turismo e Hospitalidade



PARTE 3

ARTE E CULTURA



GASTRONOMIA E IDENTIDADE CULTURAL



1.7. A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES



Em consonância com os princípios metodológicos da Política Nacional de Formação da CUT, a Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha compreende a formação dos educadores como o alicerce para desenvolver um trabalho pedagógico com a complexidade exigida pela Educação Integral dos Trabalhadores.

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram assegurados espaços formativos permanentes objetivando:

- O aprofundamento teórico-metodológico no campo do Trabalho e Educação e do mundo do trabalho no Turismo e Hospitalidade;
- A construção permanente de estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem para jovens e adultos coerentes com a concepção de Educação Integral dos Trabalhadores;
- Desencadear reflexões coletivas sobre as dificuldades e avanços metodológicos

identificados nos Percursos Formativos mediante a socialização das experiências;

- A elaboração coletiva de instrumentos metodológicos de acompanhamento pedagógico e de avaliação processual e diagnóstica;
- A formulação coletiva de materiais pedagógicos adequados aos trabalhadores jovens e adultos.

Essa estratégia possibilitou o envolvimento dos educadores como sujeitos efetivos do processo de construção curricular, a partir dos seus acúmulos individuais e coletivos, concretizando um trabalho pedagógico numa perspectiva integral e em sintonia com a realidade dos educandos, rompendo com a fragmentação do conhecimento e fomentando um processo de ensino-aprendizagem participativo, o que exige um domínio profundo e progressivo da metodologia proposta.

O processo de sistematização, compreendido como um momento importante na construção coletiva de novos conhecimentos e de aprofundamento dos referenciais teórico-metodológicos, teve como objetivo tornar mais precisas e realistas as formulações e estratégias de intervenção pedagógica, pois:

Sistematizar é refletir ordenadamente a partir de nossa prática, submetendo tudo a uma crítica, problematizando e identificando os conflitos e contradições, analisando tudo o que fizemos, buscando porquês e as relações entre as coisas. (...) É o processo através do qual recolhemos informações, refletimos e selecionamos o mais importante das experiências. (SOUZA, 2000:33)

Portanto, a sistematização é um instrumento imprescindível para uma ação educativa emancipadora ao possibilitar a teorização da prática, a partir dos acúmulos históricos do processo educativo para além da ação imediata e é também um momento de socialização da experiência para o diálogo com sujeitos externos. Propicia, fundamentalmente, a conscientização da totalidade da experiência pelos sujeitos que a vivenciaram e assim conforma-se também em processo educativo, pois desencadeia novos aprendizados.



1.8. DEPOIMENTOS DOS (AS) EDUCANDOS (AS)

Compartilhamos alguns depoimentos de educandas e educandos, sujeitos da construção dos percursos formativos da Educação Integral dos Trabalhadores.

"No começo, foi meio complicado, esse negócio de apresentação, ninguém se conhecia. (...) Conhecemos outros personagens, um deles o Word, com ele construímos muitas histórias e com elas, abrimos o arquivo e lá salvamos todas. O outro foi o Paint, esse sim, foi o personagem mais engraçado, como foi complicado desenhar algo, com um mouse que não pára quieto no lugar. (...) O nosso querido e agradável Power Point, foi o mais especial, o mais criativo, o mais lindo, nele sim podemos viajar por muitos lugares, inclusive aos museus, e a nossa linda Ilha da Magia, foi muito bom fazer a transição de slides, os designers, as apresentações, vimos que podemos ser criativos, com ou sem a ajudinha básica da nossa querida amiga Internet, não podemos deixar de dizer que alguns quase arrancaram o cabelo tentando testar os intervalos dos slides, mas no final tudo deu certo, e cada um de nós, fizemos um trabalho maravilhoso. O nosso medo na verdade era de outro personagem, um tal de Excel, achávamos que ele iria nos enlouquecer, mais pelo contrário, foi muito bom trabalharmos com ele, é pura máscara. (...)" Rosinéia Neves - educanda do curso de Informática

"(...) Através das teorias e práticas aplicadas durante o curso, foi possível desvendar segredos, mitos e verdades, que somados à experiência de cada um, proporcionaram momentos onde o conhecimento adquirido se tornou parte de nosso cotidiano. Descobrir as origens e costumes de cada região e a procedência dos ingredientes que compõem uma receita, fez com que refletíssemos a respeito do aproveitamento integral dos alimentos, entendêssemos o porquê das combinações e variedades de um cardápio, e o que antes parecia ser tão complexo se tornou agradável e prazeroso. Além de todo conhecimento adquirido durante o curso, conquistamos algo muito valioso, que foi a amizade e o companheirismo dos colegas, onde cada um com seu jeitinho especial e experiência de vida, contribuiu imensamente para o crescimento de todos (...)." Mara Rosane Dias Goulart e Norien Germano Fávero Educandas do curso de Gastronomia

"As minhas expectativas algumas foram superadas, outras ficaram com gosto de quero mais. O certo é que cheguei preso nesta máquina que é o capitalismo (...), da mídia, de viver como um bando de animais (...). Eu vinha caminhando sem parar. Mas em algum ponto consegui parar e olhar em volta e perceber que tem mais coisa acontecendo além da minha vidinha programada, quero apreender mais (...)"

Marcos Padilha - educando do curso de Gestão Hoteleira

"No primeiro dia eu estava apavorado porque eu não sabia nem ligar o computador, fui devagar entendendo a mágica do computador. Aos poucos fui entendendo (...) o power point, depois passamos para o Word e fizemos vários trabalhos. Passamos a trabalhar no e-mail e aprendemos a enviar arquivos salvar e enviar. Trabalhamos no Excel, aprendemos na planilha, tabela de compras, porcentagem de pesquisas. Aprendi também a fazer a tabela da relação de gás e água do condomínio que trabalho".

Ivo Hernacki - educando do curso de Informática

"Não imaginava que ao aprender a língua espanhola, iria aprender tantas coisas relacionadas à cultura latino-americana, o qual fazemos parte. Somos ligados por inúmeros fatores, embora isso não seja tão aparente. Obtive muito conhecimento e pude entender que o povo latino-americano sofre basicamente os mesmos problemas. Nossa educadora ajudou muito nesse processo (...)" Ivo Gonçalves - educando do curso de Espanhol.

"Fazer o curso de Arte e Cultura da ETHCI foi para mim uma experiência desafiadora, curiosa e muito surpreendente. Eu tinha muita curiosidade sobre o teatro - a arte de representar, sorrir, chorar e de testar seus próprios limites. Quando cheguei, estava curioso, apreensivo, extremamente tímido... Mas também esperançoso, cheio de sonhos e com muita vontade de aprender. As aulas eram prazerosas e muito interessantes. Além de conhecer o teatro e sua história, exercícios e técnicas de interpretação, aprendemos sobre cidadania, direitos trabalhistas, a respeitar ainda mais as diferenças, a trabalhar em grupo, resgatamos a autoconfiança - fizemos amigos. E hoje sou muito grato pela escola, que disponibiliza cursos com uma excelente proposta de ensino: que acorda nosso senso crítico e nos provoca a vontade de lutar por um mundo melhor e mais justo." Guilherme Freitas de Oliveira - Educando do curso Arte e Cultura..

2. DESAFIOS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

2.1. A EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES: UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO MERCADO

Rosana Miyashiro*

Muito se tem debatido, em diferentes momentos da história, sobre a Educação dos Trabalhadores e os desafios para a construção de um projeto político-pedagógico na perspectiva da emancipação humana. No atual estágio de acumulação do capital, o debate sobre essa possibilidade deve ser buscado a partir da investigação das contradições que marcam o período histórico em que vivemos.

No caso da Educação Profissional, mais especificamente, observamos um certo consenso na sociedade sobre a sua importância, que vem sendo atribuída às transformações no processo produtivo mundial, observadas nas últimas décadas e que no Brasil tornaram-se mais expressivas a partir da década de 90, do século XX. Nesse período, por meio da chamada reestruturação produtiva, marcada pela introdução de uma série de inovações tecnológicas sob novas estratégias de organização e gestão do trabalho, buscou-se o aumento da produtividade e da competitividade no mercado internacional, pautadas no que Harvey (1996) denominou de padrão *flexível de acumulação*.

Como parte das mudanças na gestão do trabalho, a polivalência do trabalhador é uma das características marcantes, ampliando a taxa exploração dos trabalhadores que passam a acumular várias tarefas. Tornou-se hegemônico o discurso sobre a necessidade de um novo perfil do trabalhador, sendo a re/qualificação profissional colocada como principal elemento. As concepções de qualificação aparecem de maneira difusa para os trabalhadores, no qual é recorrente o discurso da ausência de qualificação como justificativa dos processos de exclusão no mercado de trabalho ou de precarização nas relações de trabalho.

Nessa mesma lógica, o desenvolvimento dos empreendimentos turísticos no Brasil na última década vem marcado por mudanças nos padrões de gestão do trabalho, redesenhando as ocupações e instituindo novas exigências de qualificação profissional no setor.

Como ocorre em outros setores, observamos que os trabalhadores que foram aliados do sistema educacional e do acesso à

qualificação profissional são aqueles que estão submetidos às piores condições de trabalho (baixa remuneração, longas e extenuantes jornadas de trabalho, contratos precários de trabalho etc.).

O que tem sistematicamente pautado e reforçado esse discurso é a relação direta entre Educação e Produção expressos nas categorias: flexibilidade, trabalho em equipe, competência, competitividade, pedagogia da qualidade, multi-habilitação, policognição, polivalência e formação abstrata (Frigotto, 1998) presentes nas formulações que abordam a Educação com a *Qualidade Total* por meio do *Modelo de Competências* e o discurso da *Empregabilidade* como projeto a ser perseguido pelos trabalhadores no mundo do trabalho contemporâneo.

Diante desse contexto, é necessário que a Educação Profissional seja compreendida como um direito e por isso, deve estar inserida num processo de formulação de políticas públicas no âmbito do trabalho e educação que, para além da lógica da produtividade, tenha como prerrogativa a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora.

A construção de propostas de Educação do Trabalhador deve, para além de refutar as propostas de educação hegemônica pautadas nas exigências do mercado, forjar formulações e experiências dos próprios trabalhadores para disputar um projeto político-pedagógico que possibilite o acesso ao conhecimento na perspectiva da plena formação humana, que integre as dimensões da vida dos trabalhadores e os conhecimentos historicamente acumulados.

Essa perspectiva pode contribuir para desvelar os mecanismos que visam criar consensos em torno da naturalização da realidade contemporânea na qual se intensifica o processo de exploração do trabalho sob a égide do individualismo e da competição, onde coloca-se como centro do processo de aprendizagem a capacidade de o trabalhador adaptar-se as incertezas do mundo do trabalho contemporâneo. Apregoa-se que somente os mais "competentes" poderão se inserir e conquistar sucesso no mercado de trabalho.

* Atua como coordenadora pedagógica da ETHCI-CUT. É socióloga e mestre em Educação pela UFSC.



Este princípio da adaptabilidade - que requer uma personalidade responsável, comprometida e autônoma, ao lado de posturas flexíveis frente às incertezas - recebe o investimento da empresa, mediante o gerenciamento exercido sobre a personalidade do trabalhador. Isto favorece a interiorização dos valores da empresa e a internalização de seus modos de controle. Este tipo de gestão é instrumentalizado pela valorização de características psico-cognitivas e sócio-afetivas do indivíduo, em outras palavras, do saber conjugado ao *saber fazer* (Ramos, 2001, p.11)

As prerrogativas do modelo de competências do *saber agir, saber fazer e saber ser* se valem, muitas vezes, de formulações pedagógicas preconizadas na educação popular como, por exemplo, reconhecer a realidade e as trajetórias de vida dos jovens e adultos trabalhadores para desencadear o processo de ensino-aprendizagem, considerar os saberes tácitos dos trabalhadores na construção coletiva do conhecimento, dentre tantas outras formulações que foram e estão sendo apropriadas constantemente e ressignificadas com vistas a "educar" a força de trabalho, compatibilizando com as demandas do capital em seu novo ciclo de acumulação.

Como podemos perceber a noção de competência tem implicações diretas na subjetividade dos trabalhadores e impacta nas relações de trabalho, em particular. Procura estabelecer novos parâmetros sociais, que diluem a perspectiva coletiva de organização a partir da difusão do ideário das competências individuais dos trabalhadores.

Para a CUT, enquanto central que representa a classe trabalhadora, a educação é parte da luta pela cidadania - considerando o déficit educacional histórico no Brasil -, não somente para a disputa de um posto de trabalho, mas como direito ao conhecimento e a cultura a partir da problematização da relação direta entre educação e emprego, presente no ideário da "empregabilidade".

Conforme alerta Frigotto (1996), não podemos deixar de destacar que "*na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da*

educação de forma controlada para responder às demandas do capital". (idem, ibid, p.26)

É essa perspectiva que tem pautado o redimensionamento da educação profissional no atual padrão produtivo. Sob o discurso da obsolescência do mero treinamento, propõe-se uma formação flexível de acordo com as necessidades de organização e gestão do trabalho voltada, exclusivamente, para um maior aproveitamento da força de trabalho, buscando a adesão crescente dos trabalhadores a esse novo ideário.

Se a crítica a educação hegemônica é fundamental para construirmos novas bases para uma proposta de educação emancipadora, que rompa com os estreitos limites do aprendizado mecânico, não podemos apressadamente concluir que sua superação se inscreve nas estratégias pedagógicas e conteúdos em si. É preciso explicitar as intencionalidades da educação, ou seja: Qual educação? Para quê e para quem?

A partir das análises das transformações no mundo do trabalho contemporâneo e da realidade da Educação Profissional no país, a Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha - CUT (integrante da Rede de Formação da CUT) vem aprofundando as formulações da Educação Integral dos Trabalhadores no turismo e hospitalidade visando acumular novos conteúdos e metodologias para a constituição de uma proposta de educação profissional compatível com as necessidades e realidade dos trabalhadores do setor. A seguir nos detemos nas bases teóricas e estratégias pedagógicas dessa concepção de educação.

PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES



No projeto político pedagógico de Educação Integral dos Trabalhadores, a centralidade do trabalho e a práxis dos seres sociais (Lucáks, 1979) demarca a possibilidade de construção de um projeto de educação emancipadora porque "*sob esta concepção ontológica e ontocriativa, o trabalho ...é um processo que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade. Por isso o mesmo não se reduz a atividade laborativa ou emprego, mas à produção de todas as dimensões da vida humana (...)*O trabalho como princípio educativo, então não é, primeiro e sobretudo, uma técnica didática ou

metodológica no processo de aprendizagem, mas um princípio ético-político" (Frigotto, 2004, p.58-60).

Assim, a proposta de qualificação profissional fundamenta-se na perspectiva da plena Formação Humana para além das exigências do mercado, resgatando a utopia de uma formação onmilateral (Gramsci *apud* Macciocchi, 1977) e politécnica (Saviani, 2003)¹ que possibilite aos trabalhadores se reconhecerem como produtores da riqueza social, pois:

"(...) os processos sociais de formação humana passaram a se configurar pela relação dialética entre a subsunção do homem ao capital e a luta contra essa mesma subsunção. Isso quer dizer que sob o modo de produção capitalista estão em jogo tanto as forças subjetivas do indivíduo - potencialmente capazes de produzir sua própria existência - quanto às forças objetivas estranhas a ele, forças essas determinadas pelo movimento constante de valorização do capital, que promove a separação entre o indivíduo e o produto de seu trabalho. De forma simples, o fundamento dessa dialética é o seguinte: o homem se *forma* para ele ou para o capital. Enquanto se *forma* para o capital, sua subjetividade é pelo capital apropriada e ele não se reconhece como sujeito." (Ramos, 2001).

Portanto, é estratégico o tensionamento entre a negação e a afirmação do ser trabalhador (elementos constitutivos do processo de consciência do ser social), situação essa ocultada pelas nas relações econômicas fetichizadas na ordem do capital. Dito de outra forma, ao compreendermos a consciência como um processo (Iasi, 2007), os percursos formativos tornam-se espaços coletivos privilegiados para uma abordagem dialética a partir da explicitação das contradições entre o ser social e as condições materiais em nossa sociedade para um salto de qualidade na compreensão do real, condição essencial para impulsionar o processo da classe em si - classe para si.

Ao recolocar a utopia da formação humana no atual contexto retoma-se os sentidos do trabalho (Antunes, 1999) no processo de humanização, pois:

O trabalho é, portanto, um momento efetivo de colocação de finalidades humanas, dotado de intrínseca dimensão teleológica. E, como tal, mostra-se uma experiência elementar da vida cotidiana, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais. Reconhecer o papel fundante do trabalho na gênese e no fazer-se do ser social nos remete diretamente à dimensão decisiva dada pela esfera da vida cotidiana, como ponto de partida para a genericidade para-si dos homens...É central a recorrência ao universo da vida cotidiana, quando se quer *transcender do âmbito e das ações próprias da consciência espontânea, contingente, mais próximas da imediatidade, para as formas de consciência mais dotadas de valores emancipados, livres e universais.*" (ANTUNES, 1999, p. 168) [grifos nosso]

O trabalho como princípio educativo, desta forma, ganha relevância ao atuar nas mediações de primeira e segunda ordem (Meszáros, 2002). A primeira diz respeito ao trabalho como protoforma do ser social e a segunda, relaciona-se ao processo de subsunção do trabalho ao capital. A prevalência dessa última conforma os processos de reificação em todas as dimensões sociais fundada na lógica da mercadoria. Ou seja, a reafirmação da categoria trabalho ao compreender as relações entre o trabalho e educação, no contexto das metamorfoses no mundo do trabalho e da ordem de reprodução sociometabólica do capital situa-se no campo das possibilidades:

porque a relação entre capital e trabalho não é *simétrica*. Isto significa que, enquanto o capital depende *absolutamente* do trabalho - no sentido de que o capital inexistente sem o trabalho, que ele tem de explorar permanentemente -, a dependência do trabalho em relação ao capital é *relativa, historicamente criada e historicamente superável*. Em outras palavras, o trabalho não está condenado a ser permanentemente contido no círculo vicioso do capital (Meszáros, 2002, p.30-31) [grifos do autor]

E no campo das possibilidades pode-se atuar no movimento contraditório que se processa no campo da educação para tensionar o projeto identificador de classe promovido pelo capital

¹ Politécnica diz respeito ao "domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno" (Saviani, 2003, p. 140).



(Rummert, 2000), expresso hegemonicamente no modelo de competências. Neste aspecto, retoma-se o papel contra-hegemônico de uma educação da classe trabalhadora.

A partir desses pressupostos a construção curricular na área do turismo e hospitalidade busca compreender a configuração contemporânea do turismo e hospitalidade no país e no mundo a fim de, numa perspectiva crítica, discutir historicamente a dinâmica de ocupação dos territórios, os processos de mercantilização da paisagem e das manifestações culturais locais como um diferencial e atrativo turístico. Além disso, a compreensão das condições de trabalho e das diferentes ocupações no setor no marco das relações capitalistas contemporâneas possibilitam a apropriação dos fundamentos das técnicas para além da mera reprodução mecânica de conteúdos específicos.

Portanto, é estratégico:

recuperar a relação entre conhecimento e a prática do trabalho. Isto significaria explicitar como a ciência se converte em potência material no processo de produção. Assim, seu horizonte deveria ser o de propiciar aos alunos o domínio dos fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas. (Frigotto, 2004, p. 35).

Para que se desencadeie o Processo Formativo de forma coerente com os fundamentos teórico-metodológicos aqui destacados, a realidade concreta dos trabalhadores deve ser a chave do processo educativo porque:

A formação e o desenvolvimento da consciência de classe não se dá, portanto, num terreno puramente ideológico ou pedagógico, apartado da vida material; simplesmente porque a superestrutura político-ideológica de uma sociedade é o lugar onde se conformam as forças da consciência e a ação no processo histórico material se dá na estrutura socioeconômica. (Jara, 1994, p. 98)

Nesse sentido, a educação almejada visa acumular elementos para uma concepção de "escola unitária", aqui entendida como aquela que leva aos conhecimentos tecnológicos, assim como aos conhecimentos sobre a sociedade e a cultura e

é concebida como ponto fundamental e estratégico das ações formativas da classe trabalhadora.

A INTEGRALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O CURRÍCULO



Embora a educação seja parte do processo histórico da humanidade ao relacionar os processos de transmissão e/ou produção de conhecimentos ao longo do desenvolvimento das sociedades (Manacorda, 1998), quando a abordamos no marco do modo de produção capitalista, mormente nos referimos aos espaços institucionalizados construídos para essa finalidade.

A escola moderna como espaço legitimado socialmente para a transmissão de saberes ancorada no projeto civilizatório da Modernidade, constituiu-se como uma necessidade histórica do capitalismo.

Com o advento da 1ª Revolução Industrial, no século XVIII, observamos profundas mudanças nas forças produtivas advindas da revolução tecnológica e da nova divisão social do trabalho, que possibilitou a universalização da produção rompendo com as barreiras naturais.

Com a Maquinaria se produz a extensão corpórea do homem, substituindo, em parte, as tarefas que exigiam grande esforço muscular. Mas ao invés da liberação do tempo livre, as relações sociais passam a se organizar segundo a lógica da produção com a introdução de uma nova dinâmica social conformada pelo trabalho coletivo (Marx, 1988) que terá impacto nos saberes da classe trabalhadora.

Se a maquinaria por um lado, degrada o trabalhador fazendo dele um simples servente da máquina, por outro lado significa a criação das condições necessárias para que o produtor possa não somente se liberar do esforço físico, mas também, mediante a variação de atividade no trabalho, emancipar-se dos estreitos limites de especialização manufatureira e desenvolver-se integralmente (Nogueira, 1993, p. 128)

Esse duplo aspecto do desenvolvimento das forças produtivas permeará os debates em torno da educação da classe trabalhadora, ora polarizando ora complementando, as dimensões

do progresso técnico e do desenvolvimento da humanidade.

Portanto, não é novo o debate da educação integral e muito menos a disputa sobre um projeto de educação dos trabalhadores. Mas o debate contemporâneo sobre as possibilidades de construção do conhecimento tem centrado nas mudanças curriculares que remetem a um repensar as relações entre Trabalho e Educação.

As principais críticas no âmbito da educação profissional e de jovens e adultos estão centradas nos conteúdos e nos processos de ensino-aprendizagem, fundamentalmente, em relação à fragmentação dos saberes / conteúdos e a sua pouca relação com a realidade dos educandos e a necessidade de superar as relações autoritárias entre educador e educado, que marcaram os processos de transmissão de conhecimentos na chamada "educação bancária" (Freire, 1979).

Nesse contexto, tornou-se "lugar-comum" o debate sobre a questão da mediação entre educador e educando pela dialogicidade. No entanto, a heterogeneidade desse público (idades, trajetórias de vida, educacional e de trabalho) se coloca ainda como um desafio a ser enfrentado.

Depreende-se, em geral, que as supostas dificuldades cognitivas desse público são decorrentes, única e exclusivamente, dos processos de exclusão dos sistemas educacionais.

Essa é uma das faces da realidade, mas circunscrever às propostas educativas a essa constatação é pouco fecundo para desvelar as dimensões da sociedade de classe, na qual o conhecimento aparece como elemento de dominação.

Isto é, é necessário refutar a legitimação e a autoridade arbitrária dos conhecimentos reconhecidos pelos sistemas formais de educação (da educação básica a superior) naturalizado em nossa sociedade e por isso, cabe recolocar a discussão sobre os saberes tácitos dos trabalhadores para a construção das propostas de educação, sendo este um elemento estratégico na medida em que possibilita confrontar diferentes perspectivas do conhecimento e desvelar a sua não neutralidade. Ou seja, o problema que tal compreensão remete refere-se aos limites de seu caráter denunciador da realidade sem buscar as suas raízes no marco da divisão técnica e social do trabalho no capitalismo para estabelecer relações

com outras dimensões do conhecimento dos trabalhadores.

Por essa razão, prevalecem nos espaços de formação dos educadores preocupações em torno do fazer pedagógico e o impasse sobre a "capacidade" de aprendizado dos trabalhadores.

(...) Em muitos debates realizados sobre a construção do conhecimento de jovens e adultos com baixa escolaridade, os educadores reconhecem a importância dos aspectos culturais, das histórias de vida e das experiências dessas pessoas, identificando a existência de elaboração dos conhecimentos a serem trabalhados nos cursos em que estão realizando. Podemos observar uma forte tendência à reprodução da lógica de programas curriculares organizados para o ensino infantil no que se refere à escolha de conteúdos e, em relação a uma proposta metodológica. Opta-se por organizar um percurso formativo de forma graduada, a partir de conteúdos julgados de fácil assimilação, para ir se dosando as dificuldades de entendimento até se chegar aos conteúdos compreendidos como mais complexos. (Telles, 2000)

Ressaltamos que os saberes populares se materializam no cotidiano e se constroem a fim de dar respostas concretas às necessidades da existência. Portanto, se estruturam em torno da consciência sensível, com seus limites e potencialidades. É nesse sentido, que cabe a perspectiva de Paulo Freire que é necessário que o processo de ensino-aprendizagem permita um salto da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do saber advindo da experiência imediata/empírica para uma compreensão histórico-social e assim, não se trata de uma abordagem circunscrita aos estreitos limites da constatação da condição dos trabalhadores, mas da ampliação dos horizontes do vir a ser.

No processo social de elaboração do conhecimento, na dialética da tríade aprendizado-descoberta-invenção, se expressa a necessidade histórica de progresso das forças produtivas e de reprodução da vida social, peculiar à sociabilidade do capital e por isso, tal processo de criação e recriação social do conhecimento é abrangente e extrapola os círculos oficiais e dominantes.

Assim a questão da construção do



conhecimento compreendido na sua dimensão epistemológica remete à perspectiva de "(...) *uma formação que permita o domínio das técnicas, das leis científicas e a serviço de quem e de quantos está a ciência e a técnica. Trata-se de uma formação humana que rompe com as dicotomias geral e específico, político e técnico ou educação básica e técnica, heranças de uma concepção fragmentária e positivista da realidade humana.* (Frigotto, 2004, p.74).

Entretanto, observamos que a maioria das proposições educacionais em torno do currículo (fundamentalmente naquelas que se pautam no modelo de competências), têm focalizado a atenção na dimensão pedagógica valorizando a participação, a criatividade e a relação com situações concretas para o aprendizado significativo. Por sua vez, se preconiza o educador reflexivo e a resolução de problemas circunscritos torna-se mote para uma "nova" relação entre teoria e prática. Busca-se mobilizar as competências necessárias dos educandos com ênfase na subjetividade de cada um. Por aparentemente oferecer respostas mais imediatas, essa proposta ganhou adesão de gestores educacionais, professores e alunos e se tornou hegemônica nas propostas educacionais vigentes, principalmente no campo da Educação Profissional.

Porém, Ramos (2006) adverte que tais propostas deslocam dimensões que não se situam no campo puramente pedagógico, pois " *não considera... que os problemas a que se propõe a resolver (...) têm fundo epistemológico que, se não for compreendido, desencadeia inúmeras inovações sem nunca promover a compreensão do problema na sua essência e superação*" (idem, p.113). Atentamos, ainda, para o fato de que o jargão da "flexibilidade" no debate pedagógico alarga e torna menos preciso para os educadores e trabalhadores os requerimentos da qualificação ao enfatizar dimensões extremamente subjetivas. Por isso, é necessário explicitar os fundamentos da educação integral para que não se confunda as abordagens pedagógicas de temas e conteúdos em si, mas no marco das relações sociais no modo de produção capitalista.

A construção do conhecimento não pode se limitar à experiência imediata que, em geral, só pode fundar por si mesma em verdades parciais e contingentes. Daí a necessidade de se construir situações de ensino-aprendizagem que possibilitem ao educando aprender e ao mesmo tempo apreender como está aprendendo para que possa continuar com a atitude investigativa

mesmo encerrando etapas de seu Percorso Formativo.

A totalidade do saber que temos em perspectiva não é a soma das várias disciplinas/áreas de conhecimento, nem tampouco a negação, pura e simples, dos seus conteúdos, mas uma nova relação com o conhecimento historicamente acumulado. Muitas vezes, o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema para melhor compreendê-lo, porém, delimitar um objeto para investigação não é fragmentá-lo ou limitá-lo arbitrariamente.

Não significa, portanto, que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. Significa apenas que, metodologicamente, certos aspectos do real são melhor compreendidos quando analisados de maneira circunscrita, não havendo qualquer contradição entre essa delimitação e o caráter unitário e integral do conhecimento. O fundamental é desencadear um processo dialético de análise, que não é linear, mas dinâmico e contraditório diferentemente do que propõe a lógica formal/positivista.

Dessa maneira tem-se uma determinada compreensão de construção do conhecimento e para viabilizar tal perspectiva de abordagem busca-se, a partir de temas e textos (geradores de debates) trabalhar os conteúdos relacionando às diferentes profissões e situações concretas de trabalho que permitam compreender a construção social das técnicas e tecnologias, integrando a experiência de vida dos educandos às relações sociais na sociedade do capital, propiciando novas leituras de mundo por meio da ampliação de seu grau de letramento.

letramento entendido como o estado ou a condição de quem interage com diferentes discursos, saberes em função da cultura escrita. Quanto maior for o nível de letramento, maior será, entre outras coisas, a realização de leitura autônoma, a interação com discursos menos contextualizados ou mais auto-referidos, a convivência com domínios de raciocínio abstrato, a produção de textos para registro, comunicação ou planejamento, enfim, maior será a capacidade do sujeito de realizar tarefas que lhe exijam monitoração, inferências diversas. (Britto, 2000)

Essa estratégia pedagógica permite que ao

invés de partir de conteúdos, os processos de ensino-aprendizagem sejam desencadeados através dos saberes e da realidade dos trabalhadores. Essa abordagem possibilita, em primeiro lugar, que os temas sejam reconhecidos/compreendidos pelos educandos relacionando-se à sua realidade concreta. Em segundo lugar, amplia-se as possibilidades de os conhecimentos serem apropriados em outras dimensões, não somente para responder questões imediatas, ampliando os sentidos das experiências de cada trabalhador/educando (no trabalho, na família, na comunidade etc). Por fim, possibilita propiciar o acesso a conteúdos e referências diversificadas aos trabalhadores (desde textos teóricos até poemas, artigos de jornal etc.) para que estes possam ampliar conceitos e categorias para a análise da realidade, com maior autonomia.

Assim, o projeto político-pedagógico da ETHCI/CUT, ao incorporar as dimensões da Formação Humana, para além da formação subordinada à lógica da produtividade, busca confrontar com a perspectiva preconizada no modelo de competências e da empregabilidade indo "*para além da perspectiva linear e alienante difundida no modo de produção capitalista, que relaciona, de modo estrito, trabalho a mera forma de venda de aptidões e saberes individuais e coletivos (a força de trabalho) no mercado*" (Rummert, 2002).

EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO E A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES

Uma educação emancipatória ao mesmo tempo em que respeita a primazia do real e as dimensões gnosiológicas de apreensão da realidade na construção do conhecimento, não pode deixar de reconhecer, como aborda Marx (1993), que a alteração das circunstâncias e da educação são realizadas pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado.

Portanto, a perspectiva da Educação Integral dos Trabalhadores só se torna factível na medida em que a formação do educador seja colocada numa dimensão estratégica para a construção de uma nova práxis. A realidade da Educação dos Trabalhadores tem sido permeada por esse limite histórico. Se as mediações de segunda ordem (alienação) afetam todas as dimensões sociais e todos nós, seres sociais, nos

(re) produzimos nessa sociedade:

o que precisa ser confrontado e alterado fundamentalmente é todo sistema de *internalização*, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas. (...) Apenas a mais ampla das concepções de educação pode nos ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital (Meszáros, 2005, p. 49).

Entretanto, a prática pedagógica em experiências que buscam concretizar essa perspectiva, sobretudo naquelas em que se atua com trabalhadores jovens e adultos, tem mostrado que essa é a tarefa mais difícil de ser atingida.

Na maioria das vezes, há enormes resistências por parte dos educadores, que trazem em seus percursos formativos (principalmente em suas trajetórias acadêmicas) práticas pedagógicas consolidadas historicamente que se fundam na hierarquia dos conhecimentos e no racionalismo-positivista, que não concebe a dialética como possibilidade de construção do conhecimento e apreensão do real.

Por essa razão, a efetivação da Educação Integral dos Trabalhadores demanda um processo de formação permanente dos educadores a fim de possibilitar a apropriação desses pressupostos teóricos para a construção de estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem com vistas a superar a histórica dicotomia entre a teoria e prática, a dualidade entre conteúdos gerais e específicos, a infantilização da educação dos adultos trabalhadores, dentre outros aspectos. Trata-se do desafio de concretização de uma visão integral de mundo, rompendo com a fragmentação do conhecimento e de práticas pedagógicas mecanicistas.

Os debates sobre a concepção de planejamento, avaliação e sistematização são estratégicos para refutar tanto o formalismo, que dissolve a prática educacional cotidiana numa teleologia didática retórica, discursiva e abstrata como para superar o binômio espontaneísmo-empirismo (Freire, 1994), que dissolve o propósito, o planejamento e a gnose, expressos na reprodução do senso comum.

O saber popular espontâneo é uma realidade e precisa ser encarada sem mitos como síntese de "múltiplas determinações e relações",



considerando o constrangimento da classe trabalhadora imposto pelos limites do trabalho subsumido pelo capital. Tanto educadores como educandos, são também produtos das condições histórico-sociais em que vivem. Por isso, o grande problema do processo educacional emancipatório é o estabelecimento de uma práxis capaz de favorecer, estimular e planejar o trânsito da consciência sensível e do saber espontâneo a uma consciência revolucionária e a um saber elaborado de maneira mais complexa, abrangente e universal, ou seja:

Não é menos importante termos clareza quanto ao fato de que as práticas educativas destinadas aos trabalhadores não podem se deixar aprisionar por qualquer forma de assistencialismo cultural ou político. Tais práticas estão marcadas, mesmo quando não temos consciência disso, por uma perspectiva anti-democrática, que discrimina e desqualifica os desejos, os saberes e as potencialidades dos trabalhadores. Colabora-se, assim, por vezes com as melhores intenções, com o caráter dualista de nosso sistema educacional, que veta à maioria da população o acesso pleno ao conhecimento científico e à arte, mesmo quando se registram indicadores de elevação de escolaridade no conjunto da população. As práticas pedagógicas comprometidas com a construção de um novo modelo societário não podem, portanto, ignorar que nenhuma contingência histórica ou social justifica aligeiramentos, protecionismos, rebaixamentos ou banalização dos conteúdos ou das condições e métodos do fazer pedagógico. (Rummert, 2000)

Porém, não podemos desconsiderar que no fazer pedagógico cotidiano, muitos educadores ao tentar implementar uma proposta diferenciada de educação, se deparam com demandas formativas, por parte dos educandos, circunscritas ao treinamento ou a mera repetição. Demandas essas que são frutos da concepção de escola e de educação enraizadas na sociedade. Tal situação leva muitos educadores, premidos pela necessidade de dar respostas concretas mais imediatas, a ocupar grande parte de sua formação na busca de técnicas didáticas sem a clareza necessária das possibilidades do trabalho pedagógico e a definição de objetivos estratégicos que somente podem adquiridos na experiência e

no aprofundamento teórico. Esse limite dificulta, muitas vezes, a compreensão do trabalho como princípio educativo para uma abordagem integral do conhecimento.

Nossas experiências têm demonstrado que, em primeiro lugar, o educador tem de estar convencido que essa concepção de educação é possível. Em segundo lugar, é necessário abertura para construir metodologias com vistas a mediar os saberes dos trabalhadores advindos de suas experiências empíricas que, por vezes, se revelam desagregadas, mas que trazem a riqueza do processo dialético de produção da existência dos trabalhadores (com suas estratégias e peculiaridades), contendo elementos que expressam sua condição de classe e a reprodução das visões dominantes.

Nesse sentido, o papel dos educadores é crucial para a efetivação dessa perspectiva, isto é, não se trata de pura e simplesmente descartar essas explicações ou tratá-las de forma maniqueísta, tipo certo ou errado, mas explicitar as contradições, apontar novos elementos e possibilitar a construção de novas perguntas em relação aos fenômenos observados/analísados, pois "*(...) a educação dos trabalhadores deve enraizar-se no núcleo sadio do senso comum, dele partir com o objetivo de superá-lo. Se o conhecimento não supera o senso comum, não é conhecimento; são suposições desagregadas que seduzem os trabalhadores mais simples, por se aproximarem de sua realidade, mas os mantêm subordinados aos desígnios do espontaneísmo. Essa educação é conservadora*". (Ramos, 2001)

Para o avanço nas formulações e estratégias pedagógicas na construção do conhecimento na perspectiva da integralidade, um dos desafios centrais reside na percepção dos educadores de que:

(...) na sua forma mais contemporânea que se pode compreender a realidade e a própria ciência na sua historicidade. Os processos de trabalho e as tecnologias correspondem a momentos da evolução das forças materiais de produção (...) porque o trabalho pedagógico fecundo ocupa-se em evidenciar, juntamente com os conceitos, as razões, os problemas, as necessidades e as dúvidas que constituem o contexto da produção de um conhecimento (Ramos, 2005).

Todos estes pontos conformam a complexidade e amplitude dos desafios da

Educação Integral e:

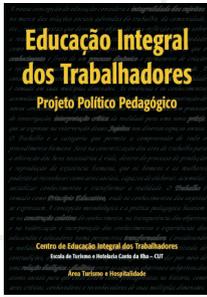
Impõe-se, assim, àqueles que estão efetivamente comprometidos com a luta por transformações estruturais na sociedade brasileira, a formulação de uma proposta de educação para os trabalhadores cuja consistência teórico-metodológica e cuja viabilidade, apesar das adversidades do modo de produção capitalista, assegurem as condições de conquista de espaço de realização junto aos próprios trabalhadores

e, por conseqüência, no âmbito dos campos de luta contra-hegemônica. (Rummert, 2000)

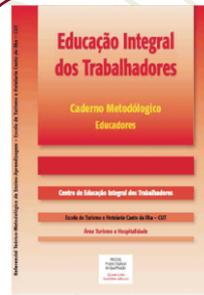
Portanto, que tipo de formação queremos e para quê não se restringe às questões puramente pedagógicas, mas remete a uma discussão sobre um projeto educacional mais amplo, no marco da utopia da superação da sociedade do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

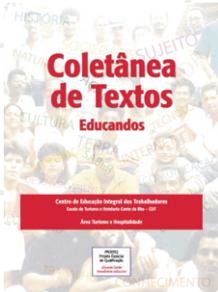
- ANTUNES, R. Os sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.
- BARBARA, M, MIYASHIRO, R, GARCIA, S.R. Experiências de Educação Integral da CUT: práticas em construção. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.
- BRITTO, L.P.L. A unidocência em programas de ampliação de escolaridade de adultos trabalhadores. [s.l.], Mimeo, 2000.
- CUT. Política Nacional de Formação: História, Princípios, Concepções e Organização Nacional. São Paulo, Secretaria Nacional de Formação da CUT, 1999.
- _____. Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional CUT - Brasil. São Paulo, Secretaria Nacional de Formação da CUT, 2001.
- FERRETTI, Celso et al (org.). Tecnologias, Trabalho e Educação: Um Debate Multidisciplinar. Petrópolis, Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- _____. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- _____. Alfabetização e cidadania. In. Educação Popular: Utopia Latinoamericana. GADOTTI, M., TORRES, C.A. (orgs.), São Paulo, Ed. Cortez, 1994.
- FRIGOTTO, G, Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. CIAVATTA, M, RAMOS, M(org.). 2005. São Paulo, Cortez, 2005.
- _____. A gênese do decreto n.5154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. CIAVATTA, M, RAMOS, M(org.). 2005. São Paulo, Cortez, 2005.
- _____. Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GRAMSCI, A. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981
- _____. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 8ª. Edição, 1991.
- HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo, Edições Loyola, 6ª. Edição, 1996.
- IASI, M. L. Ensaio sobre a consciência e emancipação. São Paulo, Expressão Popular, 2007.
- JARA, Oscar. El reto de teorizar sobre la practica. In. Educação Popular: Utopia Latinoamericana. GADOTTI, M., TORRES, C.A. (orgs.), São Paulo, Ed. Cortez, 1994.
- LESSA, S. Mundo dos Homens: trabalho e ser social. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002..
- _____. A Ontologia de Lukács. Maceió, EDUFAL, 1997.
- LUKÁCS, G. Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MACCIOCHI, Maria-Antonieta. A Favor de Gramsci. São Paulo, Paz e Terra, 1977.
- MANACORDA, M.A. História da Educação. São Paulo, Cortez, 1998.
- MANFREDI, S. M. Educação Profissional no Brasil. São Paulo, Cortez, 2002.
- MARX, K. O Capital. v. I e II, São Paulo, Nova Cultural, , 1988. (Os Economistas)
- MARX, K, ENGELS, F. A Ideologia Alemã. 8. ed., São Paulo, Hucitec, 1991.
- MESZÁROS, Itsván. Educação para além do capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.
- _____. Para Além do Capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.
- NOGUEIRA, M. A. Educação, Saber, produção em Marx e Engels. São Paulo, Cortez, 1990.
- OURIQUES, H.R. A produção do Turismo: Fetichismo e Dependência. Campinas, Alínea Editora.
- RAMOS, M. N. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In. Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. FRIGOTTO, G, CIAVATTA, M, RAMOS, M(org.). São Paulo, Cortez, 2005.
- _____. A Educação dos Trabalhadores e a Utopia da Plena Formação Humana. [s.l.] Mimeo, 2001.
- _____. A Pedagogia das Competências: Autonomia ou Adaptação? São Paulo, Cortez, 2001.
- RUMMERT, S. M. Trabalho e Educação: uma relação que supera os limites impostos pelo capital. In Forma & Conteúdo. São Paulo, SNF/CUT, n 11, ago. 2002.
- _____. Educação e Identidade dos Trabalhadores: As concepções do capital e do trabalho. São Paulo, Xamã; Niterói, Intertexto, 2000.
- _____. Capital e Trabalho: convergências e divergências quanto à educação básica. Mimeo, 21ª. Reunião Anual da ANPEd, 1988.
- _____. Novo trabalhador: as identidades propostas pelo Capital e pelo Trabalho. [s.l.], [s.d.]
- TELLES, S. A construção coletiva do conhecimento. São Paulo, Escola Sindical São Paulo, 2000.



Educação Integral dos Trabalhadores no Projeto Político Pedagógico Turismo e Hospitalidade.
Orgs: Nivaldo R. Moretto e Rosana Miyashiro, 2005



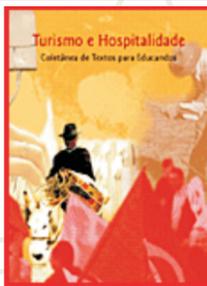
Caderno Metodológico Educadores: Referencial Teórico- Metodológico de Ensino-Aprendizagem com Jovens e Adultos.
Orgs: Nivaldo R. Moretto e Rosana Miyashiro. 2005



Coletânea de Textos: Educandos
Orgs: Nivaldo R. Moretto e Rosana Miyashiro, 2006



DVD - Vídeo sobre a proposta de Educação Integral dos Trabalhadores para os trabalhadores da Pesca, 2006



Turismo e Hospitalidade: Coletânea de Textos para Educandos
Orgs: Adriano L.da Silva e Rosana Miyashiro, 2007



Referencial Metodológico para Educadores Educação Integral dos Trabalhadores
Orgs: Adriano L.da Silva e Rosana Miyashiro, 2007



Turismo e Hospitalidade no Brasil Os trabalhadores da hotelaria,
Orgs: Adriano L. da Silva e Rosana Miyashiro, 2007



Desenvolvimento Metodológico para a Qualificação Socioprofissional e Desafios da Negociação e Contratação Coletiva e Certificação.
Orgs: Adriano L. da Silva, Martinho da Conceição e Rosana Miyashiro, 2007



CR ROM: ETHCI Projeto Político Pedagógico.
Orgs: Adriano L. da Silva e Rosana Miyashiro, 2007

Coletânea de textos para educandos (2007/2008/2009)

- 1) Arte e Cultura;
- 2) Comunicação e Cultura: Língua Espanhola;
- 3) Gastronomia e Identidade Cultural
- 4) Informática e Mundo do Trabalho;
- 5) Gestão Hoteleira; 6) Redes Solidárias de Alimentação



Direção Executiva da CUT (gestão 2006/2009)

- Presidente: Artur Henrique da Silva Santos (SINERGIA – Sind. Trab. Ind. de Energia Elétrica do Estado de SP)
- Vice-Presidente: Carmen Helena Ferreira Foro (Sind.Trab.Rurais Igarapé-Miri- PA)
- Secretário Geral: Quintino Marques Severo (Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas de São Leopoldo – RS)
- Primeiro Secretário: Adeilson Ribeiro Telles (SEPE -Sind. Est. Profi. da Educação do Estado do RJ (Oposição))
- Tesoureiro: Jacy Afonso de Melo (Sind. dos Bancários de Brasília – DF)
- Primeiro Tesoureiro: Antonio Carlos Spis (Sind.Unific. Petroleiros do Estado de SP)
- Secretário de Relações Internacionais: João Antônio Felício (APEOESP – Sind. dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP)
- Secretário de Política Sindical: Vagner Freitas de Moraes (Sind. dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região – SP)
- Secretário de Formação: José Celestino Lourenço (Tino) (SIND-UTE – Sind. Único dos Trab.em Educação do Estado de MG)
- Secretária de Comunicação: Rosane Bertotti (Sind. Trab. Agricultura Familiar de Xanxerê – SC)
- Secretário de Políticas Sociais: Expedito Solaney Pereira de Magalhães (Sind. dos Bancários do Estado de PE)
- Secretária de Organização: Denise Motta Dau (SindSaúde - Sind. dos Serv. Pub. em Saúde do Estado de SP)
- Secretária sobre a Mulher Trabalhadora: Rosane da Silva (Sind.dos Sapateiros de Ivoti – RS)
- Diretor Executivo: Anízio Santos de Melo (APEOC - Sind. Serv. Pub. Lot. Sec. De Educação e de Cultura do Estado do CE)
- Diretor Executivo: Antonio Soares Guimarães (Bandeira) (Sind. Trab. Rurais de Pentecostes – CE)
- Diretor Executivo: Carlos Henrique de Oliveira (Sind. Serv. Pub. Municipais de São José do Rio Preto – SP)
- Diretor Executivo: Dary Beck Filho (Sind. Trab. Ind. Dest. Refinação de Petróleo do Estado do RS)
- Diretora Executiva: Elisangela dos Santos Araújo (Sind. Trab. Rurais de São Domingos – BA)
- Diretor Executivo: José Lopez Feijóo (Sind.Trab.Ind. Metalúrgicas do ABC-SP)
- Diretor Executivo: Julio Turra Filho (SINPRO-Sind. Professores do ABC-SP)
- Diretora Executiva: Lúcia Regina dos Santos Reis (SINTUFRJ - Sind. Trab. em Educação da UFRJ)
- Diretor Executivo: Manoel Messias Nascimento Melo (SINDPD – Sind. dos Trab. em Informática do Estado de PE)
- Diretor Executivo: Milton Canuto de Almeida (SINTEAL - Sind. Trab. Em Educação do Estado de AL)
- Diretor Executivo: Rogério Batista Pantoja (Sind. Trab. Ind. Urbanas – AP)
- Diretor Executivo: Shakespeare Martins de Jesus (Sheik) (Sind.dos Metalúrgicos de Belo Horizonte/ Contagem – MG)

Conselho Fiscal - Efetivos

1. Maria Julia Reis Nogueira (Sind. Trab. Pub.Fed.Saúde e Previd. Estado do MA)
2. Valdemir Medeiros da Silva (Sind. dos Previdenciários do Estado da Bahia)
3. Alci Matos Araújo (Sind. Empreg. no Comércio do Estado do ES)